



DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXXII – N.º 1414 • 1 de MARÇO de 2018 • Preço Avulso Euros 1,50 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

[www.calvolima.com](http://www.calvolima.com)

**IMOBILIÁRIA LIDER NO VALE DO MINHO**

**Calvolima**  
Imobiliária

MELGAÇO  
MONÇÃO  
VALENÇA  
P. COURA

CERVEIRA  
CAMINHA  
MOLEDO  
ÂNCORA

**VENDE ARRENDA TRESPASSA**

**T. 251 654 924**

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA  
Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

## Mais 50 pesqueiras de lampreia do que em 2017



pág. 14

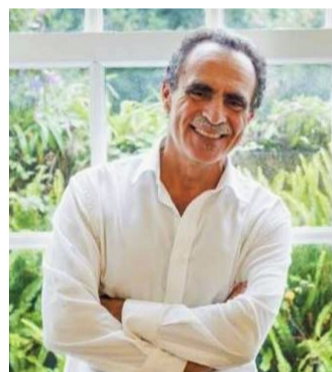
## Constituído o Agrupamento Europeu da Cooperação Territorial Rio Minho

pág. 7



## Álvaro Domingues deu a Volta a Portugal em registo fotográfico

pág. 16



## XXI Gala dos Troféus "O Minhoto" realiza-se no Centro de Estágios a 19 de Março

pág. 10



## Rosa Freitas: mais uma centenária em Melgaço

pág. 8



## Limpeza de matas e terrenos: dúvidas e questões

pág. 22

## Sónia Nogueira da Just-Nature encantada com Castro Laboreito

pág. 19

A Regionalização: um debate em cima da mesa

pág. 2

Declarações de Manoel Batista ao "Diário do Minho"

pág. 6

Novo Ardor na Evangelização do Povo de Deus

pág. 9

De Rompecilha (Padrenda) para Rouças

pág. 12

24 Horas para o Senhor: Programa

pág. 14

Para a História de S. Paio

pág. 15

Drift Melgaço: Há derrapagens que vêm por bem

pág. 17

Juntas de Freguesia – O parente pobre da Câmara Municipal

pág. 27

Três crónicas de viagens:  
Terra Santa págs. 24-25  
Cuba pág. 30  
Rota da Seda págs. 31-32

# Quinta do Regueiro

*Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes*

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo  
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542  
comercial@quintadoregueiro.com



# A regionalização, um debate em cima da mesa

O tema da regionalização está, mais uma vez, na ordem do dia. A *ressurreição* desta matéria ocorreu de forma mais veemente nos últimos meses, no contexto da campanha para a liderança do PSD. Rui Rio, posteriormente, no discurso de encerramento do Congresso e da sua entronização (18/02/2018), falou abertamente na reforma da descentralização, na desconcentração e no combate pelo desenvolvimento do interior. Considerei, de imediato, um bom prenúncio para o que poderá advir.

A palavra «regionalização» é tão velha quanto o Portugal democrático. Desde 1976, data da aprovação do texto constitucional, que a regionalização figura nesse articulado fundamental, tendo sido sucessivamente adiada a sua implementação. Podemos consultar a lei fundamental do país (Artigo 255, Capítulo IV, Título da parte III) e atestar que as “*regiões administrativas são criadas simultaneamente, por lei, a qual define os respetivos poderes, a composição, a competência e o funcionamento dos seus órgãos, podendo estabelecer diferenciações quanto ao regime aplicável a cada uma.*” Apesar do que está inscrito no texto, nada foi feito de concreto.

Poder-se-á recuar a 1998 para relembrar sumariamente o processo da regionalização. O referendo organizado pelo Governo PS, de António Guterres, no dia 8 de dezembro desse ano, constituiu um marco importante, apesar de inconsequente. As questões então aplicadas eram as seguintes: *Concorda com a instituição em concreto das regiões administrativas?* e *Concorda com a instituição em concreto da região administrativa da sua área de recenseamento eleitoral?* O plebiscito popular deu a vitória ao Não. As divergências políticas dos principais atores e intervenientes, a falta de amadurecimento das propostas veiculadas durante a campanha, as dúvidas suscitadas

quanto ao mapa das oito regiões contempladas: Entre-Douro e Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Beira Interior, Estremadura e Ribatejo, Região de Lisboa e Setúbal, Alentejo e Algarve, ditaram o resultado negativo.

Uma das personalidades mais destacadas nesta matéria e um dos principais defensores da regionalização, o prof. Valente de Oliveira, considera(ou) acerca deste assunto que um dos principais constrangimentos da regionalização assenta, efetivamente, no facto desta carcer de um referendo e, portanto, sujeita ao voto do povo.

Esse princípio, o da regionalização, também aparece lavrado incessantemente nos programas dos partidos e dos governos. Em 1991 foi aprovada uma Lei-quadro das Regiões Administrativas e no seu Artigo 2º pode ler-se claramente que a “*região administrativa é uma pessoa coletiva territorial, dotada de autonomia administrativa e financeira e de órgãos representativos, que visa a prossecução de interesses próprios das populações respetivas, como fator da coesão nacional*”. Na verdade, este tema não tem saído das pretensões programáticas para o terreno, no âmbito das reformas que se exigem para o desenvolvimento sustentado, integrado e equilibrado do todo nacional. Emerge no debate político e implode rapidamente.

Na minha modesta opinião, o país merece este debate depois de mais de quarenta anos de democracia. O ano 2017 foi um ano trágico. O alastrar dos incêndios e as consequências que daí resultaram, mormente humanas, comprava a premência desta discussão, que se quer, sobretudo, desatada das ideologias políticas. A fragilidade e a falta de meios e das infraestruturas, a falta de recursos humanos e físicos nas regiões onde os dramas ocorreram foi por demais evidente. Um Estado com os seus múltiplos organismos, não pode demonstrar

fraqueza, descoordenação e impotência perante a população.

O tema que lanço neste espaço convoca-nos para uma discussão transversal. A começar pelos órgãos de soberania, partidos políticos, autarquias locais, Associação Nacional de Municípios, académicos e a população em geral. O clima político em Portugal é, efetivamente, salutar para que este debate possa acontecer. O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, poderá servir como o mediador ou árbitro deste debate que me parece imprescindível e inadiável, mas pluripartidário.

Admito, de forma franca, que as dúvidas quanto ao paradigma a adotar são inúmeras. Porém, todos sabemos que a máquina do Estado central tem de abrir mãos de algumas das competências para as estruturas intermédias e, principalmente, para o poder local, porque constituem entidades mais próximas das populações. O país está arranjado numa assimetria que urge estudar e desfazer. Resolver as desigualdades territoriais que o nosso país encerra, durará certamente muito tempo. Mas não se pode esperar mais.

A este propósito, enunciarei algumas das vantagens da adoção da regionalização no território nacional, tendo por base a minha análise e, ainda, uma curta pesquisa, com a qual me revejo.

Enquanto nortenho, minhoto e melgacense, considero por mera hipótese a existência da Região de Entre Douro e Minho, uma das oito regiões propostas no referendo de 1998. O distrito de Viana do Castelo e os respetivos concelhos, com destaque para o concelho de Melgaço, integrantes desse espaço geográfico, beneficiariam com o traçado e implementação de uma ferramenta administrativa regionalizada, pelos seguintes motivos:

– aumentaria a participação política das populações locais, numa altura em que se nota uma afasta-

mento e uma desmobilização dos cidadãos relativamente aos políticos e à política;

– permitiria tirar maior rendimento dos fundos europeus destinados às regiões mais atrasadas, o que beneficiaria o Norte do país, outrora melhor colocada em termos económicos;

– reduziria a burocracia da máquina central do Estado, permitindo que este esteja mais disponível para traçar as políticas nacionais;

– fomentaria o desenvolvimento integrado do território, incidindo particularmente nos recursos endógenos e de valor acrescentado;

– criaria instrumentos de diálogo, cooperação e de concertação entre os diversos municípios, num quadro verdadeiramente intermunicipal, integrando neste patamar a Comunidade Intermunicipal do Alto Minho – CIM Alto Minho.

– contribuiria para desenvolver projetos setoriais no âmbito da saúde, cuidados continuados, educação, ensino profissional, turismo, património cultural, setor primário (vinhos), ordenamento da floresta, setor secundário, rede rodoviária e ferroviária, cooperação transfronteiriça, entre outras áreas económicas características e estratégicas para o crescimento da região.

Em conclusão, apraz-me referir que este tema está longe de considerar-se rematado. É, sem dúvida, o momento dos agentes políticos,

de todos os responsáveis e de toda a sociedade civil, (re)colocar a regionalização na agenda política e, principalmente, desenhar um modelo que se assumia como um autêntico plano administrativo para o desenvolvimento estrutural e equilibrado do país, contribuindo, por essa via, para atenuar as disparidades existentes entre as regiões.

Eis uma das reformas que Portugal necessita.

Cf. Ana Bela Santos - Análise Social, vol. XXXIII (148), 1998 (4.º), 885-903

Filipe José Marcelino Meleiro

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:  
redacao@vozemelgaco.pt  
director@vozemelgaco.pt  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
Site: www.vozmelgaco.pt  
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:  
n.º 163455/01

Registo de Imprensa  
n.º 101960

Tiragem deste número  
1.900 ex.

Director  
Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor  
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção  
Júlio Nepomuceno Vaz  
Manuel Luís Vaz

Correspondentes  
João Martinho Silva – Melgaço  
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:  
Abílio Francisco Conde – Melgaço  
Alberto Magno P. Castro – Valença  
Alcídio Silva Figueiredo – Porto  
Álvaro Carvalho – Braga  
Ana Cristina Costa – Braga  
António Costa Guimarães – Braga  
António Jorge Tavares – Açores  
Armanda Urze – Melgaço  
Arménio Augusto de Melo – Braga  
Armindo Vaz (Dr.) – Macau  
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos  
Gaspar Caldas – Melgaço  
Helena Matos – Braga  
José Afonso Marques – Orense  
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro  
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga  
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana  
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção  
Manuel Félix Igrejas – Brasil  
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga  
Manuel José Pereira – Penso  
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço  
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa  
Maria Ester Taveira (Dra.) – Lisboa  
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa  
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) – Braga  
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria  
P.º Manuel Domingues – Viana  
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa

Membro da:  
AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

## PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;  
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e  
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do  
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio  
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e  
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de “A Voz de Melgaço”

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E  
EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga  
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros  
Estrangeiro – 25 Euros

## Notas sobre o peditório para a reconstrução da Igreja de Lavradas

O «Notícias de Viana» de 15 de Fevereiro, publicou toda a 2ª página com o relato das ofertas, sobretudo das paróquias da diocese, por arceprestado. O total recolhido soma 102.069,55 €, ou seja, cento e dois mil e sessenta e nove euros.

Monção contribuiu, até ao momento, com 2.880 €; Melgaço, com 3.174,54€; Valença, com 3441,83 €; Caminha, com 3.834,96€; Cerveira, com 5.239,45 €; Paredes de Coura com 11.212,50 €; Arcos de Valdevez com 11.688,89 €; Ponte de Lima com 12.060,12 €; Ponte da Barca com 19.477,34 €; Viana com 19.987,91 €. De outras ofertas, incluindo um donativo de São Bento da Porta Aberta de 5.000 euros, receberam mais 10.682 euros.

De Melgaço, até ao momento, tinham contribuído as paróquias de: Castro, Lamas, Cubalhão, Couso, Gave, Parada do Monte, Paderne, São Paio, Chaviães, Remoães e Vila. Pelo «Vinhateiro» n.º 13, referente a 5 até 11 de Março, ficamos a saber os contributos posteriores de Alvaredo, 45,79 € e Cristóval, 65 euros.

# Melgaço/Gave

## Montaria ao Javali - Fecho da Época

De novo na Gave, local escolhido na Branda da Aveleira sendo aqui servido o Mata Bicho, antes da partida para um Gancho para encerramento da Época 2017/2018, transformado em convívio entre Amigos, embora terminando sem abates presenciais, porque foram fogueados 2 Javalis, um deles com certeza a morrer longe no denso matagal impenetrável. Estiveram presentes as Matilhas do Rui e Monteiros do Suído, do nosso ilustre Amigo Odon Regueira Gil, tendo esta logo na solta pegando nos Corsos com la-



dras constantes no decorrer de todo o tempo do gancho e porquê? porque a nossa lei interna continua a ser de protecção total a essa Espécie, não obstante da nossa revolta, pelo facto de nós que andamos no terreno e somos informados dos grandes prejuízos que a Espécie está a causar aos nossos agricultores. Torna-se urgente que quem de direito, junto das altas esferas, lute por direitos iguais aos dos nossos vizinhos aqui ao lado, em Espanha. No final de mais um excelente dia com uma temperatura agradável e para encerramento, foi servido um excelente Almoço/Jantar com entradas, seguido de uma Vitela

Divinal e por fim a sobremesa, tudo isto bem regado com o Alvarinho e verde tinto. Resta-me agradecer ao RESTAURANTE da BRANDA da AVELEIRA pelo serviço de qualidade e simpatia das suas colaboradoras, agradeço a todos os presentes, pela vossa companhia e como os últimos são sempre os primeiros, foi um grande prazer Montear ao longo da Época, sempre com a adrenalina no máximo, provocada pelos Heróis das Matilhas/Matilheiros, Helder Pereira Matilha, Luís Miguel Pereira, Serra D'Agra Desidério, Matilha Azul Lima, Teixeira, Paulo Amorim, Xavier Matilha Paredes, Amorim,

Saltadouro Norberto Dias, Rui Matilha Do Gerês, Matilha Do Larouco, Odon Regueira Gil e outras. Um bem hajam e até sempre  
*Gave (Melgaço) 25/02/2018*

**RESTAURANTE "O Adérito"**

Adérito Pires da Costa

**ESPECIALIDADES:**  
Bacalhau à Casa  
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa  
Lampreia na época ou por encomenda

**ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES**  
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES  
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO  
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt  
[www.oderito.com](http://www.oderito.com)

## Jantar/Colóquio para discussão do tema: "Equilíbrio, trabalho e família"

ACEGE Braga  
Equilíbrio  
trabalho e família

João Pedro Tavares  
Cónego João Aguiar Campos  
(Ex-presidente do Grupo Renascença)

15 Março 2018, às 19h45

Quinta de Castelões  
Rua Parque Industrial de S. João de Ponte  
Guimarães // Preço 25 € // Pagamento no local  
INSCRIÇÕES:  
[geral@sroc153.com](mailto:geral@sroc153.com) ou formulário



ACEGE (Associação Cristã de Empresários e Gestores) na sua Delegação de Braga promove no próximo dia 15, quinta-feira, às 19,45h, um jantar/colóquio dinamizado pelo Presidente Nacional - João Pedro Tavares, e pelo Cónego João Aguiar Campos que até há pouco foi o Presidente do Conselho de Gerência do Grupo Renascença. O Tema: "Equilíbrio, trabalho e família" é de pertinente atualidade. O nosso Director, Padre Carlos Nuno, que é também o Assistente Religioso do Núcleo de Braga, pode receber inscrições de quem estiver interessado em participar neste jantar colóquio, que é primariamente destinado a empresários e gestores, mas também é aberto a quem quiser participar.

Padre Carlos Nuno: Contacto: Tlm. 919304195

## Cirurgia Especializada para cada caso. Consulte-nos!!!



É possível fazer  
Implantes sem  
abrir a gengiva, com  
Cirurgia Guiada.

Saiba mais na  
Esthetic Smile.



**Esthetic Smile**  
Largo da Feira - Melgaço  
Tlf. +351 251 404 002  
+ 351 808 215 415

**VALE SORRISO**  
ESTHETIC SMILE

Vale um Tratamento dentário  
no valor de 15€ na clínica  
**Esthetic Smile Melgaço**

**15€**

Largo da Feira - Melgaço  
Tel.: 00351 251 404 002 - 808 215 415

# Um as breves palavras sobre... o sacrifício de Jesus Cristo

Neste mês de março celebramos a Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nas nossas aldeias, embora atualmente com muito menos gente, derivado da desertificação do Alto Minho, a vivência da Semana Santa e da Páscoa ainda é muito sentida. Basta ver a firmeza e o empenho com que se cumprem as normativas eclesiais de jejum e abstinência; basta ver a alegria e a motivação durante os Compassos Pascais que percorrem os caminhos das nossas terras. Para não referir as grandes celebrações quaresmais nas cidades, que atraem multidões, tal como a Semana Santa de Braga ou de Viana do Castelo, e as soleníssimas procissões e sermões dos Passos, que ocorrem um pouco por todo o Minho.

Mas será que realmente sentimos o que celebramos nesses dias? Será que compreendemos a grandeza do mistério que vive nos nesses dias?

Em todas as nossas igrejas

temos um crucifixo de tamanho quase real, bem portentoso, a retratar com bastante realidade o sofrimento sentido por Jesus Cristo. Mas temos a certeza da importância daquele momento? Temos presente que Aquele que veio ensinar que é o Amor que salva, que é o Perdão que nos transforma em verdadeiros homens foi crucificado no meio de dois ladrões? Temos consciência que Aquele que é Filho de Deus jaz suspenso numa cruz como o mais infeliz dos homens? Será que realmente consideramos que Aquele que nos abriu as portas da salvação e do Reino dos Céus foi escarnecido e violentado por causa do nosso egoísmo, por causa da nossa violência, da nossa ganância, da nossa vingança?

A dádiva de Jesus consiste naquilo que é mais profundo à Sua existência: o Amor. E quem ama verdadeiramente dá a sua vida por aquele que ama. E Ele ama-nos a tal ponto que se dignou encarnar, habitar entre nós, compadecer-se das nossas

dificuldades e misérias, apontar-nos o caminho certo, entregar-se Todo por nós até à Sua Morte. E ai é que reside o grande mistério: sendo Grande, Jesus fez-se o mais pequeno entre todos para elevar o homem à salvação; sendo Todo-Poderoso, Jesus fez-se fraco para tornar forte o homem; sendo Amor, Jesus esvaziou-se de amor por nós, para nos ensinar que é amando que se vive, é amando que se perdoa, é amando que se comunica com Jesus Cristo.

Nesta Páscoa, meditemos verdadeiramente neste mistério. Sintamos a felicidade de podermos olhar para o Crucificado e sentir que foi por cada um de nós que Ele Se ofereceu. Procuremos agradecer-lhe através das nossas ações, do nosso testemunho de vida. Façamos tal como Ele: amando, perdando, mostrando o que o homem tem de melhor.

Nós Vós adoramos e bendizemos, Ó Jesus, que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo!

*Rogério Rodrigues*

## Agenda de março de 2018 da Diocese de Viana do Castelo

Dia 04 – III Domingo da Quaresma

Dia 08 – São João de Deus – Memória

Dia 11 – IV Domingo da Quaresma

Dia 13 – 5º Aniversário da eleição do Papa Francisco

Dia 18 – V Domingo da Quaresma

Dia 19 – S. José, Esposo da Virgem Santa Maria – Solenidade

Dia 19 – 35º Aniversário da Ordenação Episcopal de D. José Augusto Pedreira, Bispo Emérito da Diocese de Viana do Castelo

Dia 25 – Domingo de Ramos na Paixão do Senhor

Dia 29 – Quinta-feira Santa – Missa Crismal na Sé Catedral de Viana do Castelo (10h)

Dia 30 – Sexta-feira Santa

Dia 31 – Sábado Santo – Vigília Pascal

Dia 01/04 – Domingo da Ressurreição do Senhor

Dia 03/04 – Festa de Nossa Senhora da Cabeça – Penso - Melgaço

## REFLEXÕES ESPIRITUAIS

*“Comece por fazer o que é necessário, depois o que é possível, e de repente estará a fazer o impossível.”*

*(Francisco de Assis)*

## Relembrar os mortos

Existem hábitos na sociedade que perduram desde há muito tempo. Alguns desses hábitos não são fáceis de ser mudados. Por exemplo, de um modo geral, a forma como costumamos lembrar os nossos entes queridos que já não têm corpo físico, que morreram.

Não esqueçamos, a vida continua...

Normalmente temos pena, relembramos em forma de sofrimento a sua morte. Como se... coitados, morreram!

É natural sofreremos pelo afastamento de quem amamos, e é assim que deve ser, mas não devemos ver a morte como algo negativo para quem partiu, mas como um processo natural na vida de todos nós, e de todos os seres vivos. É, então, algo natural.

Quando um bebé nasce, fazemos uma festa, mas quando alguém volta para casa, para o mundo espiritual, desesperamo-nos, como se isso não devesse acontecer, e revoltamo-nos.

Vamos tentar viver esse momento como algo natural, como sendo apenas uma separação temporária.

Quem parte para o mundo espiritual reencontra a família e os amigos que morreram antes, sendo este um momento de reencontro e de felicidade. Mas por vezes isso não acontece, isto porque os familiares choram desesperadamente a sua morte, em sofrimento.

Se fossemos nós que tivéssemos morrido, e fossemos para o mundo espiritual, iríamos gostar de ver os nossos familiares, pais ou até filhos sofrerem por nós em desespero? Claro que não! Gostaríamos, sim, que eles seguissem a sua vida e fossem felizes. Só assim, também nós iríamos seguir a nossa vida espiritual.

Muitas almas não seguem a sua vida no mundo espiritual porque estão preocupadas com os familiares que estão a sofrer por eles. Também há situações em que, quando estamos em baixo, ou com problemas, lá estamos nós a pedir-lhes ajuda, portanto estamos a preocupá-los.

Devemos, sim, lembrar os bons momentos passados com eles, lembrá-los quando estamos felizes e, assim, partilhar essa felicidade com eles, isto em qualquer momento ou sítio, mas sempre de modo positivo. Por exemplo, antes de dormir, façamos uma pequena oração, com Amor, dizendo simplesmente: amo-te.

Se tivermos esse comportamento, de certeza que os nossos entes queridos serão mais felizes, vendo-nos felizes.

NOTA: Se gostaria de sugerir algum tema para a reflexão espiritual, envie para: Henrique.da.silva@outlook.pt.

*Henrique da Silva*



SANTA CASA DA  
MISERICÓRDIA  
DE MELGAÇO

## CONVOCATÓRIA

Aprígio Manuel da Costa, Presidente da Assembleia-Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, convoca, nos termos do nº. 1 do art.º 30º. dos Estatutos, a Assembleia-Geral de Irmãos para uma reunião ordinária que terá lugar no edifício do Lar da Santa Casa da Misericórdia, sito no largo da Loja Nova, pelas 14 H 00 do dia 31 de Março de 2018, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1º. Leitura e aprovação da ata da reunião anterior;
- 2º. Apreciação e votação das contas do ano anterior;
- 3º. Apreciação e Votação do Regulamento Eleitoral
- 4º. Outros Assuntos

Se no dia e hora indicados não comparecerem número suficiente de irmãos, a reunião terá lugar meia hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de irmãos presentes.

Melgaço, 23 de Fevereiro 2018.

Presidente da Assembleia – Geral

*Aprígio Manuel da Costa*



Associação Social e Cultural "Dona Paterna" | Sede em Lugar da Além | 4960-204 Pademe M.L.G.  
NIPC: 506 139 727 | Matriculada no Cartório Notarial de Melgaço sob o nº 64-EJ/ISS matriz nº 35/2003

## CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 29º, ponto nº 2, alínea b), dos estatutos convoco a Assembleia Geral da Associação Social e Cultural "Dona Paterna", a reunir em 1ª convocação, em sessão ordinária, no próximo dia 24 de março de 2018, pelas 21:00h, na sede desta Associação, com a seguinte:

### ORDEM DE TRABALHOS

1. Informação do presidente da direção sobre a atividade da associação, nos últimos;
2. Apreciação e aprovação do Relatório de contas do exercício do ano anterior;
3. Outros assuntos

Não se verificando quórum, a Assembleia reunirá trinta minutos mais tarde, com qualquer número de associados.

Pademe, 24 de fevereiro de 2018

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral

*Jana José Gomes Fernandes*

# A produção escrita de António Luís Vaz CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo XIII Ganharemos a paz?... (2ª Parte)



De que bibliografia dispomos nós para formar um juízo perfeito acerca dos trabalhos filosóficos dos homens que orientam a inteligência da Europa?

Não têm os pensadores nacionais de bater no peito, lamentando, com profunda mágoa, conservarem-se estranhos à evolução do pensamento filosófico de fora?

Alegre-nos, ao menos, a certeza de que não podem assacar aos jesuítas nem aos reaccionários o vergonhoso atraso em que vivemos...

Esta preguiça mental é inexplicável. Nem se justifica. Se não fora a perseguição religiosa de 1834 e 1910, se o clero dispusesse de inteira liberdade de acção, posso garantir que as ciências filosóficas em Portugal estariam perfeitamente em dia com os problemas de fora.

Com número escasso de padres, edifícios de ensino provisórios, um trabalho imenso de apostolado a desenvolver, uma atmosfera doutrinal das piores e das mais bravas, não esperemos que a filosofia portuguesa rivalize com a estrangeira...

E, no entanto, o remédio está aqui, na reforma do ensino, na reforma das inteligências, na luta desesperada de Coimbra e demais postos dirigentes contra os desvios doutrinários do século.

Maritain assinala-o com razão: «S'agit'il des géométries non euclidiennes, du nombre transfini, du principe de relativité einsteinien, de la logistique, de la génétique et de la physiologie du développement, que sais-je, ou des problèmes esthétiques posés par l'art contemporain – les scholastiques seuls ont un trésor assez vaste et assez sûr pour en tirer non pas des solutions tou-

tes faites qu'ils n'auraient qu'à répéter, mais les principes formelles qui permettent de dégager, moyennant en effort original et toujours ardu d'élaboration intellectuelle, l'interprétation droite et le jugement qui éclaire. Et comment aurient'ils pries sur les hommes, s'ils ne savaient l'oeuvre des hommes?»<sup>(1)</sup>

Confesso que temo pelo futuro, no ponto de vista humano, devido à circunstância de não podermos contar com dirigentes de escol, no domínio do pensamento escolástico, em tal número e qualidade, com tal valor e tal irradiação europeia, que pudéssemos repousar na força da sua inteligência e na firmeza da sua especulação filosófica.

Que elementos portugueses se projectam lá fora, neste domínio?

A própria efervescência interna já foi pulverizada, como convinha a elementos doutrinários, sem base sólida e sem lógica possível?

O melhor pensador, o técnico mais perfeito, sem metafísica, sem uma visão de conjunto dos grandes problemas, pouco fará a favor da revolução que se aproxima. Pois, se nem ele está devidamente convencido da verdade que sustenta?

Ainda aqui, o pensamento de Maritain é para destacar: «est'il besoin de dire que les philosophes scolastiques consacrent à la speculation métaphysique un peu plus d'heures par an, voir par jour...»<sup>(2)</sup>

Noutro ponto afirma, com toda a razão: «Le succès, en un temps donné, est moins fonction de la valeur, de la qualité, de la vérité des principes que de l'usage actif qu'on en fait»<sup>(3)</sup>.

Nunca estas palavras foram

mais precisas do que neste momento da «Civilização em Perigo».

Que o centenário do falecimento do ilustre dominicano, último abencerragem da Escolástica, nos deixe estas duas lições, de que tanto necessitamos: o filósofo tomista não pode conservar-se alheio ao ambiente científico da época em que vive. O mal-entendido que no século XVI afastou os escolásticos dos filósofos naturalistas prolongou-se em demasia e com terríveis consequências para ambos os interessados.

É necessário que a lição aproveite e que o erro se não venha a repetir.

Por outro lado, mal vai à ciência que ignora os princípios elementares da metafísica, já que só o filósofo pode «comprendere

à fond la philosophie moderne, la comprendre beaucoup mieux que les modernes eux-mêmes (parce qu'ils possèdent une lumière discriminatrice supérieure, et des principes véritablement compréhensifs); seul aussi ils peuvent sauver ce que la philosophie moderne contient d'être et de bon»<sup>(4)</sup>.

E já que o pensamento escolástico assimila, como nenhum outro, as conquistas da filosofia moderna, vamos à obra de Frei João de S. Tomás examinar o rico filão de verdades que nos deixou e sigamo-lo como o melhor e mais genuíno intérprete da doutrina do Anjo das Escolas, S. Tomás.

É essa, de resto, a sua posição, como último dos escolásticos: purificar a doutrina tomista,

aproveitando o que de melhor escreveram os seus antecessores e guardarmo-la avaramente para nós, os que no século XX queremos restaurá-la, fazendo-a reviver em toda a bela gama da sua inexaurível riqueza.

Só assim poderemos salvar a «Civilização em Perigo»...

F I M

Luís Vaz

<sup>(1)</sup> Jacques Maritain, *Antimoderne*, pg. 146

<sup>(2)</sup> *Idem*, pg. 145.

<sup>(3)</sup> *Idem*, pg. 143.

<sup>(4)</sup> *Idem*, pg. 147.

## Os nossos amigos

Há dias, uma chefe de cozinha dizia-me: «o salário é muito importante, mas as palavras de apreço, incentivo e estima sabem mais e dão outro alento para o dia a dia». Isto é bem verdade na vida de todos nós.

Como principal responsável do jornal, sinto reforçada a vontade de continuar quando recebo palavras de incentivo do género: «O trabalho jornalístico desenvolvido por vós merece admiração. A *Voz de Melgaço* é mesmo uma voz que fala bem e alto, chegando longe o seu eco. A leitura do jornal proporciona momentos refrescantes e culturais. As notícias percorrem territórios longínquos e entram em espaços acolhedores. Um abraço para vós». Dr. José Rodrigues Lima – Viana.

«Junto cheque de 50 euros para pagar jornal deste ano 2018 e peço a Deus nos dê muitos anos de vida com saúde para continuar a receber o nosso jornal, que tanto gosto me dá». Fernanda Gil Cerqueira – Melgaço.

Como benfeitor e palavras de encómio, adiantou já o ano de 2019 o nosso prezado assinante e amigo Doutor Américo Afonso, natural de Castro e dando também Castro como residência, vivendo em Braga e indo à Faculdade de Medicina Dentária no Porto, onde é Docente e diretor clínico.

Como especial amiga, pagou já 2020 a Dr.ª Maria José Pires Marques, de Guimarães.

«Junto envio cheque na importância de 100 euros para pagamento da assinatura do jornal no ano em curso 2018. Com os melhores cumprimentos. Manuel José Meleiro – Oviado – Espanha.

Como assinantes amigos pagaram 2018 e 2019: Engenheiro José Augusto Carvalho, Viana; Alberto Augusto Martins, de Sante – Paderne, 2018; Doutor José Marques, Braga, 2018; e Valentim Camilo Afonso, de Afife – Viana, 2018.

Maria Rosa Lourenço, de Pomares, pagou já até 2020 inclusive.

Ana Louro, de Paris, recordou o que também já publicámos: tem assinatura paga até 2020.

### Lembrete

Aos caros assinantes ainda em atraso, sobretudo aos que devem 2016 e 2017, especialmente os do estrangeiro, pedimos a subida fineza de saldarem a assinatura, pois que, além de outras despesas, as despesas do correio são grandes. Praticamente, cada jornal custa 1 euro e 40 centimos, ou seja, 16.80 euros ano, mais de dois terços da assinatura do jornal. Os atrasos, neste caso, tornam-se quase incomportáveis para a administração. Mas nós temos tido paciência e acreditamos na honestidade dos nossos assinantes que, na quase totalidade, são cumpridores, mesmo que com atraso.

Pedimos esse esforço de atenção para pôr a assinatura em dia. É a principal manifestação de amizade que nos podem dar.

Contamos convosco.

Carlos Nuno

SERRALHARIA  
MANUEL RODRIGUES



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO | Telef. 251 403 562

# Respigando da entrevista do Presidente da Câmara ao Diário do Minho

**4 páginas e título de destaque na primeira foi o espaço dedicado no Diário do Minho à entrevista com Manoel Batista, 53 anos, em segundo mandato como Presidente da Câmara.**

Os 600 mil euros para a requalificação do Mercado Municipal, os três milhões para água e saneamento, o milhão e trezentos mil para a requalificação da Escoa C+S, e os 350 mil para requalificação dos trilhos são os destaques no referente às obras em curso.

A ênfase no turismo e nos vinhos e o arranque do segundo parque industrial em Alvaredo, são outros pontos destacados.

A luta contra os incêndios através da prevenção com a limpeza dos terrenos está difícil de travar, porque é preciso reordenar a floresta e pô-la a render economicamente para os pro-

prietários, pois, sem isso, não a cuidarão. Com a colaboração das Comissões de Baldios, Bombeiros e particulares quer constituir uma equipa técnica que seja capaz de «pensar a floresta como deve ser».

No campo das principais carências, foram referidas as relativas às Comunicações, apontando para a requalificação da Estrada Nacional 101 de Valença a Monção e a Nacional 202 de Monção a Melgaço, onde urge redesenhar a estrada e repavimentar, sobretudo de Monção até à Bela. Também no campo das comunicações digitais é preciso fazer muito mais, até porque o turismo depende muito do estado das mesmas.

Vai avançar a requalificação das Piscinas Municipais, da Casa da Cultura e Biblioteca.

Para facilitar o arrendamento, está pensado avançar com desconto de 20% no IMI a quem disponibilizar casas e apartamen-

tos para arrendamento.

Manoel Batista vê vantagens em ser um município de fronteira com a Galiza, e por isso regozijou-se com a recente assinatura da criação do Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial Rio Minho, (AECT Rio Minho) abrangendo os 10 municípios do distrito de Viana e 16 galegos que, entre outras vantagens, permitirá, por exemplo, poder usufruir de atendimento hospitalar na Galiza, a 60 quilómetros, em vez de percorrer 100 até Viana ou Braga. Permitirá igualmente avançar para uma rede viária que sirva os dois lados da fronteira.

A Escola Superior de Desporto e Lazer continua a impor-se como uma escola de referência e com capacidade de atrair gente famosa. Citou os casos do ultramaratonista Carlos Sá, e do ex-futebolista do Benfica, Braga e Seleção Nacional, João Tomás que já concluiu a licenciatura na ESDL

## Clínicas Osteo+ alargam oferta à fisioterapia domiciliária

**As Clínicas Osteo+ reforçaram os serviços na área de técnicas de diagnóstico e terapêutica e juntam à Fisioterapia e à Terapia da Fala novas valências, nomeadamente a Terapia Ocupacional e a Nutrição.**

Além deste reforço de serviços, em atendimento nas clínicas, a aquisição de material de electroterapia combinada, o reforço da equipa e a celebração de parcerias com empresas e instituições da região de Melgaço e Monção, a clínica alargou a oferta na área da Fisioterapia e Fisioterapia domiciliária.

A população tem agora a possibilidade de adquirir pacotes de tratamentos, podendo usufruir de um maior número de sessões de fisioterapia a preços mais reduzidos, mantendo-se a duração aproximada de uma hora e o



atendimento personalizado, respeitando os tempos de aplicação dos meios físicos e adaptando as técnicas de reabilitação adequadas a cada caso.

As Clínicas Osteo+ oferecem ainda a possibilidade de fazer pacotes interdisciplinares, compostos por tratamentos das valências dos técnicos de diagnóstico e terapêutica, como por exemplo um pacote de sessões de fisioterapia e terapia ocupacional ou terapia

da fala, ou ainda de aconselhamento nutricional, pelo que cada plano terapêutico poderá ser o mais completo e com melhor relação qualidade preço possível.

Assim, mesmo optando pela reabilitação domiciliária, poderá solicitar este serviço inovador e, provavelmente, único na região. Uma mais valia que, apesar de ser de iniciativa privada, estará disponível ao público em geral.

João Martinho

## FLASHS DO CICLO

### Congresso do PSD & Situação da Catalunha, Espanha

Nos dias 16, 17 e 18, realizou-se o 37º Congresso do PSD, destinado a consagrar o novo presidente do partido e eleger os restantes membros. Com o presidente do partido já eleito, apenas se aguardava o seu discurso, esperando, apenas, clarificações de algumas declarações que havia feito durante a campanha para as directas, principalmente no que se referia ao relacionamento com o PS. O discurso não defraudou. Principalmente aos seus apoiantes. Obviamente que há sempre discordantes, quer dos adversários políticos, quer dos adversários dentro do próprio partido. Destes, muitos sabem que é o seu princípio do fim. Efectivamente, dos membros da anterior direcção, para uma grande parte, julgo e desejo, como votante PSD, que seja o princípio do fim. Por isso, não estranhei o haver muitos votos em branco e apupos, naturalmente movidos pelos que sentem o destino que os espera. Vários comentadores comparam Rui Rio a Cavaco Silva. Efectivamente, tem semelhanças, principalmente, no que concerne, aos interesses. Com efeito. Sá Carneiro dizia: primeiro o país, depois o partido e por fim os interesses pessoais. Foi essa tese que Cavaco Silva cumpriu exemplarmente, quer como 1º ministro quer como Presidente da República. Ricardo Rio sabe muito bem que Portugal precisa de se modernizar, também sabe que, sem o acordo do PS, nada pode fazer. O povo, com o seu voto, deu esse poder a ambos. Ricardo Rio deve saber dos trabalhos que Cavaco Silva teve para modernizar o País. Só conseguiu, durante o curto mandato de Victor Constâncio. Agora, espero que seja igual a Cavaco, com os Barões do Partido. Cavaco não teve medo em dar uma limpeza ao partido, pondo de lado vários destes barões. Assim, espero que siga o lema de Sá Carneiro, não fazendo como António Costa que, primeiro pensou em si, depois no partido e Portugal que espere.

CATALUNHA – Em Espanha, a Catalunha continua na sua novela, cujos actores meteram-se num beco de onde a saída, para alguns, é a prisão. Puigdemont, o fugitivo que se encontra na Bélgica, agora queixa-se que foi traído por alguns colegas, pelo que o Plano de Moncloa, venceu. Desconheço se, efectivamente, foi traído. Mas posso dizer que Moncloa (sede do Governo) não apresentou qualquer plano, apenas e só cumpriu o seu dever dando seguimento às leis que a isso o obrigavam. Planos apresentaram e, continuam a apresentar, os rebeldes. Primeiro, planos para desrespeitar as leis vigentes, agora para se safarem da justiça. O certo é que, uns estão na cadeia, outros fugidos na Bélgica e Suíça e ainda outros em liberdade com fiança. A novela continua. Os que ganharam as eleições, há mais de dois meses, ainda não conseguiram formar governo. Esperemos por novos capítulos.

Arménio Melo

## Este número

**Por várias razões: mês de Fevereiro com apenas 28 dias, atraso de notícias referentes a Melgaço, tornaram impossível imprimir e levar ao correio até às 18 horas de Sexta, dia 2, os jornais por esse meio expedidos. Uma vez que se meteu o fim de semana, em que não há aceitação de correio para distribuir na segunda, e dado haver um evento importante no Domingo, dia 4, decidimos terminar o jornal na segunda, dia 5, a tempo de ser impresso e expedido pelos CTT e inserir reportagem desse mesmo evento.**

## Constituído o Agrupamento de Cooperação Territorial do Rio Minho (AECT Rio Minho)

A escritura pública de constituição do AECT do Rio Minho foi assinada por Maria del Carmen Rego, presidente da Deputación Provincial de Pontevedra, e pelo presidente da CIM Alto Minho, na presença dos associados do AECT que abrange os 10 concelhos da CIM Alto Minho e dos 16 concelhos galegos da Província de Pontevedra com ligação ao Rio Minho.



Constituído o Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial do Rio Minho (AECT Rio Minho), na sequência da respectiva autorização por parte dos Governos de Portugal e de Espanha, o presidente da CIM Alto Minho, José Maria Costa, refere que este novo instrumento é uma prova de vitalidade, mas acima de tudo, de aprofundamento da relação entre o Norte de Portugal e da Galiza.

Para o responsável da CIM Alto Minho, o AECT é o aperfeiçoamento dos vários instrumentos de cooperação. Hoje há uma maior intensidade da cooperação, mais equipamentos, mais projectos em comum e, acima de tudo, temos uma vontade de transformar os territórios de fronteira em territórios de coesão. A cooperação transfronteiriça é também uma forma concreta de podermos desenvolver esta coesão territorial, aprofundando a cooperação porque, ao aprofun-

darmos a cooperação, estamos a cumprir um desígnio que é o de melhorarmos as condições de vida das populações do interior.

O AECT Rio Minho tem como associados a CIM Alto Minho e a Deputación Provincial de Pontevedra, abrangendo os 10 concelhos da NUT III Alto Minho e 16 concelhos galegos da Província de Pontevedra com ligação ao rio Minho.

Contribuir para o desenvolvimento socioeconómico e da coesão institucional do território de intervenção, a promoção do património cultural e natural transfronteiriço, a valorização das potencialidades dos seus recursos endógenos e a criação e consolidação da marca turística transfronteiriça Rio Minho e outras marcas no âmbito nacional e internacional, são os principais objectivos deste novo instrumento de cooperação transfronteiriça.

Enquadrada no projecto Smartmiño, cofinanciado pelo Programa Interreg V A, a constituição do AECT Rio Minho vai certamente induzir um novo impulso na procura de soluções conjuntas para a resolução e eliminação dos, ainda persistentes, obstáculos à permeabilidade e competitividade transfronteiriça.

Maria Del Carmen Rego, presidente da Deputación Provincial de Pontevedra, realçou o espaço de referência de cooperação, apelidando de paraíso. José Maria Costa reforçou a ideia de que não encontramos em nenhum outro espaço da nossa fronteira esta especificidade e esta vontade das duas comunidades de construírem um destino comum. Um destino que passa pela solidariedade, pelo desenvolvimento, mas acima de tudo pela amizade.

## Padre Tolentino Mendonça felicitado pelo Papa Francisco no final do retiro cujas meditações (10) foram sobre "A Bem-Aventura da sede"



Com o Papa Francisco, os retiros do Papa e Cúria Romana passaram a realizar-se em Arícia, nas redondezas de Roma, numa casa apropriada para a realização dos exercícios espirituais. As deslocações são feitas em autocarro e o Papa age como um entre todos os que participam. Esta foto não o mostra, mas durante as reflexões ou na Capela, nos momentos de oração, o Papa Francisco ocupa um lugar no meio de todos os outros.

Clínica  
**OSTEO+**

...onde a Osteopatia vale mais!!!



MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078  
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com

Consultas de **OSTEOPATIA**  
Dra. Cátia Rocha Afonso

Consultas de **ORTOPEDIA**  
Dr. José Ratola Teixeira

Consultas de **PSICOLOGIA**  
Dra. Vanesa Alvarez

FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA  
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272



## A Apneia do Sono

*“Quando durmo, dizem que paro de respirar. E agora?”*

O ressonar é algo muito comum, sobretudo nos homens com mais de 40 anos. Este facto pode ser o primeiro indício de uma doença chamada Síndrome de Apneia do Sono e esta pode ter implicações graves como o risco aumentado de enfarte Agudo do Miocárdio.

A Apneia do Sono caracteriza-se pela paragem do fluxo respiratório durante o sono por mais de 10 segundos e mais de 5 vezes por hora devido ao relaxamento das estruturas do palato e faringe que levam ao colapso da via aérea superior. Esta situação leva a uma incapacidade de se atingir as fases profundas do sono, porque ocorrem micro-despertares durante essas paragens de respiração, não permitindo que a pessoa atinja a fase reparadora do sono e consiga um descanso físico e mental.

Há diversas causas associadas a esta doença, sendo que a obesidade é um fator de risco, tal como a ingestão de álcool ou de medicação para dormir.

Esta situação leva à sensação de sonolência excessiva diurna inclusive durante a condução, após as refeições ou em momentos de paragem durante o dia. Para além desta sensação é comum haver maior irritabilidade, sensação de cansaço diariamente, afetação da memória e da concentração. A longo prazo, a incorreta oxigenação do sangue durante a noite induz problemas graves como o aumento do trabalho cardíaco, hipertensão arterial, arritmias cardíacas e aumento significativo do risco de enfarte como já foi acima referido.

A correção dos fatores de risco é o primeiro passo para uma melhoria consistente desta patologia. A perda de peso é essencial, no caso de haver excesso ponderal. Evitar ingerir álcool após as 18 horas, deixar de fumar e evitar dormir de barriga para cima e numa posição completamente horizontal também é importante. Alguns doentes tentam dormir com



mais almofadas ou também tentam coser uma bola de ténis nas costas do pijama, o que faz com que fiquem mais incómodos nessa posição e procurem a posição de lado. Por fim e não menos importante evitar a medicação para dormir.

Deve suspeitar desta doença se: o seu parceiro lhe diz que a sua respiração se interrompe durante o sono e fica sem respirar e se esta situação se repete durante a noite; se tem muito sono durante o dia e adormece com facilidade a ver televisão, parado no trânsito ou a ler o jornal; se está sempre de mau humor e tudo o aborrece com muita facilidade e ainda se acorda com dor de cabeça e se sente deprimido e exausto durante o dia.

O diagnóstico é possível com um estudo chamado Polissonografia que monitoriza o sono e muitos outros parâmetros.

No caso de se confirmar a doença, a resolução pode passar por uma cirurgia ao nariz/garganta se se verificar que a possível causa é desse âmbito ou então o uso de uma máquina que tem uma máscara facial e que vai passar a ser a sua aliada durante o sono. Esta máquina que usará durante a noite, aumenta a pressão do ar nas vias aéreas superiores, impedindo deste modo o colapso das estruturas e as paragens de respiração. Este tratamento tem como vantagem ser eficaz em quase todos os doentes, mas como desvantagem o facto de poder ser incomodativo e gerar uma certa dificuldade na adaptação tal como o facto de ter de ser usado permanentemente.

Não menospreze as alterações no seu sono. O sono é uma necessidade vital e deve ser tido em conta. Cuide de si e dos seus, nós somos os primeiros médicos de nós mesmos.

*Dr.ª Alexandra Táboas*

## No centenário de Rosa Freitas Família e amigos comemoraram a vitória de uma vida com cem anos de desafios



O provérbio diz “terra, quanta vejas; casa, quanta caibas”, mas o paradigma tem vindo a mudar em alguns meios e ainda bem, pois de outra forma não poderia Rosa Freitas, do conforto da sua cadeira e no recato do lar, olhar em redor e ver os quase cem convivas que quiseram comemorar consigo os seus 100 anos de vida.

A 27 de Fevereiro, a anciã natural de São Paio, a viver há mais de cinquenta anos na freguesia de Prado, completou um século de vida. A festa, naturalmente, juntou filhos e netos, mas também amigos da família e até representantes do poder local e municipal.

O gesto, naturalmente, pretendia assinalar uma data histórica, mas também reconhecer a vitalidade de uma centenária que viveu tempos de provações (e privações) para criar e sustentar a família à força de braços. Hoje com algumas limitações de mobilidade, que a obrigam a usar o andarilho, Rosa Freitas “teve uma vida activa e completamente autónoma até aos 94 anos de idade”, recorda Fer-

nanda Enes, uma das filhas.

Ainda assim, recebeu sentada os cumprimentos de todos os que quiseram levar-lhe flores, presentes e até uma Salva de Prata, oferta da União de Freguesias de Prado e Remoães, que tem vindo a assinalar com esta lembrança os aniversariantes centenários residentes nesta União de Freguesias.

Não recolhemos declarações da aniversariante devido a algum cansaço, mas também porque o dia de aniversário lhe trará uma memória triste: O marido faleceu no dia do seu aniversário, com 94 anos de idade. Não fosse esta perda, 2018 seria duplamente especial para a família, já que ambos completavam o centésimo aniversário (ele em Janeiro, no primeiro dia do ano).

Ainda assim, a família faz questão de, a cada ano, trazer um bolo para alegrar a mesa e juntar a família próxima. Aos 100 anos, Rosa Freitas, recebeu a visita do presidente da Câmara, Manoel Batista, do vereador Adriano Lima e do executivo da Junta de Fregue-

sia, além de familiares e amigos da família.

“A Junta de Freguesia é o órgão que está mais próximo das pessoas e que esta senhora também teve, fazia todo o sentido, darmos algum tributo e ajudarmos à festa deste centésimo aniversário”, notou Maximiano Gonçalves, presidente da União de Freguesias de Prado e Remoães.

O trabalho no campo não quebrou a coragem de Rosa Freitas, que atravessou as convulsões do século XX, sempre em mutação e trabalhoso e chegou aos 100 anos, comemorados “no meio da família” e de uma casa cheia.

“Para nós, é um dever participar numa festa destas, onde se junta família e amigos, a Junta de Freguesia tinha de estar presente. Temos mais três ou quatro que em breve chegarão a essa idade e nós, ou quem esteja na Junta à altura, terá a obrigação de continuar a fazer este reconhecimento dos seus”, observa Maximiano Gonçalves.

*João Martinho*



ALVARINHO  
**Casa do Cerdedo**  
a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...  
Qual ressaltar eu não sei,  
Pois em qualquer atributo  
Casa do Cerdedo é rei.

casadocerdedo@gmail.com  
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695  
Tel: 251 825 341 / 251 402 138



# Sabores Castrejos

de Judite Rodrigues

**Fumeiro 100% artesanal,**  
feito com as mais genuínas receitas castrejas

Portelinha N.º207 - Castro Laboreiro  
Melgaço

Tlf: 251 465 452  
Tlm: 925 145 305  
e-mail: saborescastrejos@gmail.com

Siga este símbolo para encontrar o  
nosso fumeiro em  
Portelinha - Castro Laboreiro



# Novo ardor na Evangelização do Povo de Deus

Em 2009 escrevemos um artigo que teve como título "PARA UMA NOVA PASTORAL".

Aí sugeriam-se alguns contributos para a evangelização nestes tempos de "mudança de época, ou época de mudança".

Foi fruto dum trabalho realizado na formação de adultos na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima.

Sublinhava-se no texto que a acção pastoral deveria valorizar o acolhimento, a proximidade, a ternura, a compaixão, o coração/alma; ser comunitária (koinonia), anunciar a essência do evangelho, pregar a pessoa de Jesus Cristo (kerygma/martyria/didaskalia), testemunhar (diakonia) e celebrar a eucaristia (leiturgia).

Este itinerário estava fundamentado na Palavra de Deus.

No presente Ano da Fé, após interrogações pertinentes, doutrina recebida, reflexões acerca dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II e da refrescante conduta da Igreja Católica trazida por Francisco, Bispo de Roma, exercendo o magistério petrino e presidindo à caridade, trazemos agora um simples contributo para "Novo ardor na Evangelização do Povo de Deus".

## 1. CARIDADE COMO LEI

Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?

Jesus disse-lhe: Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a Lei e os Profetas (Mc 12, 28-31).

## 2. POBREZA COMO ESTILO DE VIDA

Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus (Lc 6, 20).

Procurai antes o seu Reino, e o resto vos será dado ter acréscimo. Não temais, pequeno rebanho, aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino (Lc 12, 31-32).

Ordenei-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado: nem pão, nem alforge, nem dinheiro no cinto, que fossem calçados de sandálias e não levassem duas túnicas (Mc 6, 8-9).

Sede pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas (Mat 10, 16).

Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: Em nome de Jesus de Cristo Nazareno, levanta-te e anda (Ac 3, 6).

"Uma Igreja pobre para os pobres"

"Uma Igreja de portas bem abertas" (Papa Francisco)

## 3. COMUNHÃO COMO GOVERNO

Todo o Reino, dividido contra si mesmo, fica devastado, e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma, não poderá subsistir (Mat 12, 25).

Tudo o que ligares na terra será ligado no céu... (Mat 18, 18).

Porque participam no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, tem os leigos, parte activa na vida e acção da igreja.

A sua acção dentro das comunidades eclesiais é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores não pode conseguir, na maior parte das vezes, todo o seu efeito (Lumen Gentium) (1 Cor 16, 17-18)

O cálice da bênção, que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo?

O pão que nós partimos não é a comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão (1 Cor 10, 16).

## 4. PROFETISMO COMO ENSINO

Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias que são os últimos, através de seu Filho (Heb 1, 1-2).

Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado.

E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos (Mat 28, 19-20).

"Não deixem cair o profetismo" (Bispo Helder Câmara)

## 5. TRANSCENDÊNCIA COMO CAMINHO

Vós recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos. É a Ele que nós chamamos ABBÁ, ó Pai!

Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos Filhos de Deus.

Ora se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, pressupondo que com Ele sofremos, para também com Ele sermos glorificados (Rom 8, 15 - 17).

É ele a imagem de Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas nos céus e na terra, visíveis e invisíveis (Heb 1, 15-16).

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim... Se ficastes a conhecer-me, conhecereis também o meu Pai. E já o conheceis, pois estais a vê-Lo.

Disse Filipe: Senhor mostranos o Pai e isso nos basta! Jesus

disse-lhe: Há quanto tempo estou convosco e não me ficaste a conhecer. Filipe, quem me vê, vê o Pai (Jo 14, 6-9).

## 6. IMANÊNCIA COMO ENCONTRO

"Deus é inexplicável mas é mais próximo a nós do que nós mesmos (S. Agostinho).

"Em Deus temos vida, o movimento e o ser"

Serei para vós um Pai e vós sereis para mim Filhos e Filhas, diz o Senhor Todo-poderoso (2 Cor 6, 18).

"Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, prepara a tua alma para a demora" (Sir 2, 1).

Tu porém, quando orares, entra no teu quarto e fecha a porta, em segredo ora a teu Pai; e teu Pai, que vê o que se passa, em segredo, te dará a recompensa (Mat 6, 6).

## 7. CONSCIÊNCIA COMO SEGREDO ÍNTIMO

A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do ser (Gaudium et Spes).

"Ouviram a voz da consciência" (Ac 2, 1).

É verdade o que vou dizer em Cristo; não minto, pois é a minha consciência que, pelo Espírito Santo, disto me dá testemunho (Rom 9, 1-2).

E esses mostram que o que a lei manda praticar está escrito nos seus corações, tendo ainda o testemunho da sua consciência tal como os pensamentos (Rom 2, 15).

Vai e faz também o mesmo (Lc 10, 32).

## 8. FRATERNIDADE COMO VIVÊNCIA

Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um.

Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em sua casa e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração (Ac 2, 42-46).

## 9. COMPAIXÃO COM OS SOFREDORES

Contemplando a multidão, enchem-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor (Mat 9, 36).



Mas um samaritano, que ia de viagem chegou ao pé dele, vendo-o encheu-se de compaixão (Lc 10, 33).

E se compreendêsseis o que significa:

Prefiro a misericórdia ao sacrifício, não teréis condenado estes que não tem culpa. O Filho do Homem até do sábado é Senhor (Mat 12, 7-8).

Encheu-se de compaixão por eles (Mat 14, 14).

## 10. O REINO DE DEUS COMO META

O Reino de Deus que não terá fim e já está no meio de nós (Lc 17, 21) é justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rom 14, 17); e no fim último ao qual Deus nos chama, é obra do Espírito Santo, e é também um império que jamais passará e... jamais será destruído (Dm 7, 14).

Jesus chamou para entrar no Reino, por meio de parábolas, traço característico do seu ensino.

Jesus convida os pecadores para a mesa do Reino. "Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores" (Mc 2, 17). Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites de Seu Pai.

Jesus disse-lhes outra parábola: "O Reino de Céu é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado" (Lc 13, 20-21).

Nem todo o que diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos Céus, mas o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse entrará no reino dos céus (Mt 6, 21).

"Pelo caminho proclamai que o Reino do Céu está perto..."

Recebestes de graça, dai de graça" (Mat 10, 8).

O mistério da Igreja manifestase logo na sua fundação. O Senhor deu início à Sua Igreja com a pregação da Boa Nova, quer dizer, da vinda do Reino de Deus, prometido há séculos nas escrituras.

Os tempos estão cumpridos, e o reino começa a aparecer claramente aos homens nas palavras, nas obras e na presença de Cristo (Constituição sobre a Igreja - nº 5).

## "ENTÃO EU SEREI O SEU DEUS E ELES SERÃO O MEU POVO" (Lumen Gentium - nº 9)

O sacramento do pão eucarístico representa e realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (1 Cor 10, 17).

A Eucaristia é fonte e cume de toda a vida cristã.

Os restantes sacramentos assim como todos os ministérios eclesiais e obras ou apostolado, estão vinculados com a Sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Com efeito, na Santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da igreja, isto é, Cristo nossa Páscoa.

Na elaboração deste texto recolhemos dados referentes à escravidão e às pessoas que vivem em situação de pobreza.

Assim, segundo o relatório de Kevin Bales, da Fundação Walk Free, "existem actualmente no mundo 29,8 milhões de pessoas em situação análoga à escravidão.

São vítimas de trabalho forçado, tráfico humano, trabalho servil derivado de casamento ou dívidas, exploração sexual e infantil.

Por outro lado, o Relatório Económico-social, elaborado pelo Conselho de Desenvolvimento Económico e Social da ONU, alerta para o mundo de pessoas que vivem em situação de pobreza podendo triplicar e atingir 3 biliões até ao ano 2050.

O estudo sublinha ainda que há cerca de um bilião de pessoas morando em bairros que não têm infra-estruturas mínimas, água potável, saneamento, electricidade, serviços básicos de saúde e de educação.

A chave é o desenvolvimento sustentado, sublinha Schmashad Agitar, Secretário Geral Adjunto CDES.

É HORA DE DESPERTAR, É HORA DE VESTIR AS ARMAS DA LUZ (Rom 13, 12).

MARANATA - VEM SENHOR (1 Cor 16, 12; Ap. 22, 20)

FONTES:  
Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, 2001  
Documentos Conciliares - Vaticano II, 1966  
Catecismo da Igreja Católica, 1999

José Rodrigues Lima

# Os melhores do desporto regional e nacional reúnem-se em Melgaço

## XXI Gala dos Troféus Desportivos "O Minhoto" realiza-se a 19 de Março no Centro de Estágios

No próximo dia 19 de Março, o Centro de Estágios de Melgaço recebe os troféus desportivos "O Minhoto", iniciativa que tem como objectivo reconhecer e premiar publicamente o mérito de atletas, clubes, dirigentes desportivos, treinadores e árbitros que mais se destacaram na prática das suas modalidades na região Minho.



A escolha do município raiano foi decidida em reunião realizada entre Manoel Batista, presidente da Câmara Municipal de Melgaço, e Cristina Torres, em representação da organização do evento desportivo, no mês de Fevereiro.

Tendo como uma das características identitárias do evento a rotatividade de concelhos no acolhimento da gala, o evento desportivo de referência da região chega agora a Melgaço, tendo já passado por Braga, Viana do Castelo, Vila Nova de Famalicão, Esposende, Vila Nova de Cerveira, Monção, Barcelos, Vila Verde, Caminha, Arcos de Valdevez,

Fafe, Ponte da Barca, Cabeceiras de Basto, Paredes de Coura, Ponte de Lima, Valença, Amares, Vieira do Minho e Guimarães em edições anteriores.

A Gala contará com a presença de cerca de meio milhar de convidados da região e do país, atribuindo perto de três dezenas de troféus nas diferentes áreas passíveis de prémio.

O júri desta iniciativa é responsável, através de votação em três fases distintas, pelas nomeações e escolha dos premiados, após ter aprovado o regulamento por onde se rege este evento. Integram-no mais de uma centena de membros,

entre jornalistas desportivos (imprensa, rádio, televisão e digitais, que abrangem diferentes municípios da região Minho e de âmbito nacional) e entidades ligadas ao desporto (federações, associações de clube e desporto escolar).

Este projecto, pelo seu valor e mérito, soube granjear, nas vinte edições anteriores e mantém na presente, a colaboração de diversos organismos e entidades, entre os quais, o Ministério da Educação, o Instituto Português do Desporto e Juventude, o Comité Olímpico de Portugal, a Confederação do Desporto de Portugal, a Federação Portuguesa de Desporto para Pes-

soas com Deficiência, o Turismo do Porto e Norte de Portugal (Entidade Regional), os 24 Municípios da região, várias Associações de Clubes e Federações.

Melgaço é assim o último concelho do distrito de Viana do Castelo a receber a gala maior do desporto da região minhota, concentrando atletas e convidados no complexo desportivo que é a jóia da coroa do município para o sector.

"Este ano achamos que estavam reunidas as condições para que acontecesse. Estava na hora de fazermos a recepção deste evento", observou Manoel Batista.

Sem atletas locais indicados ao prémio, a participação do município na organização do evento será essencialmente em termos logísticos e na programação da animação musical, onde indicará os artistas locais.

De momento, os maiores projectos desportivos do concelho a considerar são o Sport Clube Melgacense, pela aposta no treino do futebol, patins e basquetebol; e a Melsport, promotor das provas desportivas de trail e ciclismo que nos últimos anos tem passado pelo concelho, além da gestão de outras provas desportivas.

João Martinho



Loja com 84 m2 junto às escolas. Vende-se isolada ou em conjunto com mais duas lojas, uma de 46m2 e outra de 84m2. Atualmente encontram-se arrendadas.

**Vila e Roussas, Melgaço**

[ 60.000€ ] M048.T/2012



Excelente moradia em pedra e rossio. Possui outra casa para recuperação com artigo próprio e entrada independente e terreno de cultivo com cerca de 680m2.

**Bom Negócio! Penso, Melgaço**

[ 120.000 € ] M005/2015



Excelente apartamento T2 situado no centro da Vila de Castro Laboreiro, pátio com excelente área e boas paisagens.

**Ótimo investimento. Castro Laboreiro, Melgaço**

[ 65.000 € ] M044/2016



Moradia em pedra para restauração na Vila de Castro Laboreiro. Área total: 91m2 Área de implantação: 91m2 Área bruta de construção: 168m2

**Castro Laboreiro, Melgaço**

[ 30.000€ ] M050.1/2013



Apartamento amplo em prédio agradável de apenas 4 andares. Centro da Vila com garagem individual.

**Marque já a sua visita. Vila e Roussas, Melgaço**

[ 160.000 € ] M008.1/2015



Estabelecimento comercial com cerca de 172m2 para arrendamento na Rua Fonte da Vila. Bem localizado. Excelente oportunidade para criar o seu negócio.

**Vila e Roussas, Melgaço**

[ 500€ ] CA.2017.02.2



Terreno para construção com cerca de 1.140m2 em local tranquilo e com boa exposição solar. Projeto aprovado e obra iniciada a 5 minutos da Vila de Melgaço.

**Chaviães, Melgaço**

[ 40.000 € ] M008/2014



Lote para construção com área de terreno de 456m2, boa localização e bons acessos.

**Vila e Roussas, Melgaço**

[ 55.000 € ] M030.2/2016



**Administração de Condomínios**



# MEMÓRIAS (XIX)

## O meu 11 de Março

Se bem se lembram este dia começou em Lisboa com enorme alvoroço. Em Lisboa aviões cruzavam os ares, o Ralys em polvorosa. Diálogos, mais diálogos. Um helicóptero pilotado por Jaime Zuquete da Fonseca arranca com o General Spínola, etc. etc. (Jaime Zuquete da Fonseca era filho do Tenente Coronel que fora Secretário de Estado de Aeronáutica e que numa noite de 1961/1962 fora morto no assalto ao Quartel de Beja pelo Capitão Varela Gomes. Uma irmã daquele era casada com um primo meu - Victor Passos de Almeida, médico operador e que fora mobilizado para Angola. Estou convencido que o General fugiu com receio do que pudessem fazer-lhe, desde a prendê-lo até mesmo assassinar-no).

A nível de Segurança a Guarda Nacional Republicana e a Polícia de Segurança Pública são comandadas pelo General (Coronel/Graduado) Pinto Ferreira, mais conhecido por "Pinto Peneiras", um antigo atleta do Benfica que se tornou célebre pela frase "Com mais um centímetro de peito seria o homem mais belo do mundo"... A ideia era juntar num só Corpo - fundir, portanto - aquelas duas Corporações, o que era geralmente visto como um enorme erro dado o espírito próprio das mesmas: uma, a GUARDA, como força militar (Corpo Especial de Tropas), outra declaradamente civil. Estava visto que não dava, mas a política tem por vezes destas aberrações... Ainda por cima o General Pinto Ferreira, casado com uma médica, sem filhos, era a pessoa menos indicada para esse cargo, pois nada tinha de democrata. Recordo-me que em 1963, em Chaves, onde esteve como 2º Comandante da Unidade, (aguardava então eu, naquela Unidade a partida para o Ultramar) mandou um dia comprar uma máquina eléctrica com a qual mandou rapar o cabelo de um Pelotão, pondo Alferes a chorar de raiva...

(Mais tarde havia de receber a visita deste General Pinto Ferreira e almoçaríamos no Posto de Tangil um bacalhau cozido em que ele pôs à sua direita um patarata de um Cabo que fazia versos - prosa rimada - quando patrulhava, e um Advogado natural da localidade, mas que vivia, há muitos anos, no Brasil, enquanto o Coronel Hugo Rocha

da PSP e o Coronel Castro e Lemos se sentavam, cada um, num das pontas da mesa),

Ao começo da tarde, dá-se a amotinação no Comando Geral, em que o General Pinto Ferreira é preso no seu Gabinete pelo Capitão Carlos Alves que lá entrou armado de uma granada de mão defensiva... Não foi coisa, aliás, que eu não pressentisse. Algum tempo antes, eu estivera em Lisboa e tivera uma conversa com o Carlos Alves, de quem era amigo desde o tempo em que eu, embora dado à Companhia da Estrela, prestara serviço por empréstimo na Calçada do Combro, onde o Carlos Alves prestava serviço. Era um Oficial íntegro, muito idealista, com formação universitária (era aluno do Instituto Superior de Ciências Ultramarinas, onde se licenciou) e profundamente devotado ao serviço da Instituição. Morreu há relativamente pouco tempo, já reformado como Coronel, e depois de ter publicado um livro sobre Segurança apresentado pelo Prof. Doutor Adriano Moreira, de quem era amigo.

Pelas 4 horas da tarde recebo no quartel a inesperada visita do Tenente - Coronel Gareia da Guarda Civil que comandava o Tércio de Pontevedra que vem ver como estou e me diz:

- Quero saber se te passa algo, porque se passa algo te pongo aqui um helicóptero e te marchas para Espanha com tu família!

Agradeço e tranquilizo-o. Estou bem e desejo manter-me no meu lugar. Mas não posso deixar de considerar o seu gesto de muita nobreza e solidariedade. De resto, no sótão do quartel, eu tinha todos os meus livros encaixotados e a família estava há muito prevenida para qualquer eventualidade.

Soube dias depois que, ao fim da tarde, alguém do outro lado da fronteira - um tal Pacheco de Amorim - tentara contactar-me, valendo-me o Comissário da Polícia Espanhola, José Luís que lhe perguntou:

- E você que lhe quer? Comprometê-lo?

- Não, apenas dizer-lhe que isto tudo é manobrado; que não acredite no que lhe contam...

(Santo homem, este José Luís, natural de Tui, e que morreu bastante novo sendo sepultado no Cemitério local)

Seriam vinte e duas horas, telefonou-me o Comandante de Batalhão, Coronel Castro e Lemos, a saber do capitão José Afonso, Comandante da Companhia do Porto. E acrescenta:

- Ele disse-me que ia a Valença falar consigo e ainda não apareceu.

Procuo desculpar o Capitão Afonso e prometo-lhe que vou fazer diligências para encontrá-lo, ao que Castro e Lemos diz:

- Diga-lhe que se me apresenta imediatamente!

Ora o Capitão José Afonso era Comandante da Companhia do Porto, mas era, sobretudo, um homem de negócios (pouco claros, diga-se) e tinha a faculdade de estar sempre no sítio errado à hora errada. Como desta vez. Fora apanhado em Espanha, com a mulher e a D. Lia, tia do General Costa Gomes... Estava no Posto da Guarda -Fiscal da Fronteira a tentar contactar-me telefonicamente.

Tive a ideia de emprestar-lhe o meu carro para a sua viagem para o Porto. Mas rapidamente reflecti. Como houvesse na fronteira um táxi do meu amigo Valdemar, confiei-lhe a tarefa da sua condução. E em boa hora o fiz, pois à saída de Caminha são mandados parar por uma Brigada de "revolucionários" que, quando se apercebem de que se trata de um Capitão da Guarda, ficam escandalizados e começam a bater no carro:

- Um Capitão da Guarda Republicana, aqui, a estas horas, quando a Revolução está em perigo?!

Claro que a partir dessa altura, o Capitão José Afonso deixou de comandar a Companhia e pediu a sua passagem à situação de Reserva. Quanto ao meu amigo Valdemar, que Deus lhe fale na memória, disse mal da vida e nem queria lembrar-se dos maus bocados por que passara sentindo no coração cada punhada que lhe davam no carro, de que tinha o pão de cada dia. É que, ainda por cima, o Capitão José Afonso, de peito feito, é que invocara a sua qualidade de Oficial da Guarda...

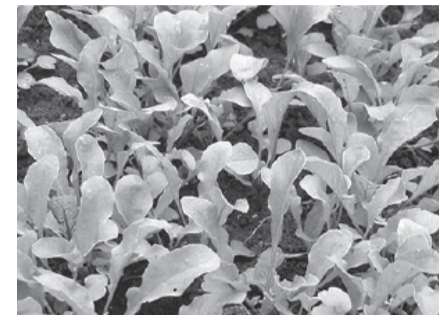
Depois foi aquela choradeira em directo na Televisão do soldado do Ralis e o General Otel com fato camuflado e todo aquele seu ar paternal. Momentos únicos da nossa Revolução!

Alberto Pereira de Castro

# Rúcula

## Sabor a leitão

A **rúcula**, cujo nome científico é *Eruca sativa*, é uma planta herbácea, anual, de pequeno porte, pertencente à família *Brassicaceae* da qual fazem parte mais de três mil espécies, entre elas o repolho, o nabo e a couve. Possui cor e



sabor intensos, variando conforme a época em que é cultivada: tem um sabor picante e apimentado quando cultivado durante os meses frios da primavera e outono, e um sabor mais forte, parecido com o da mostarda, se colhido durante o verão.

A primeira vez que provei esta planta foi numa visita de estudo a uma quinta de agricultura biológica. Quando me deram uma folha a provar fui desafiado a descobrir a que sabor se poderia assemelhar. Não descobri. Foi-me dito que tinha um sabor a leitão. E realmente existe uma certa semelhança.

A rúcula é uma planta originária da região do Mediterrâneo que se adapta a clima fresco. Na região do Mediterrâneo, é consumida desde a época do Império Romano, mas, até o início dos anos 1990, não era cultivada em grande escala nem objeto de pesquisas científicas sobre suas qualidades nutricionais. Mesmo assim, propriedades medicinais já eram atribuídas à rúcula desde a Antiguidade. Os romanos consideravam-na uma planta afrodisíaca e a consagraram a Priapo, deus da fertilidade e da potência sexual.

O consumo de folhas cruas e grãos de rúcula era indicado para estimular o desejo sexual masculino. Provavelmente por causa dessa fama, a plantação da rúcula foi proibida nos jardins dos mosteiros durante a Idade Média. O consumo de rúcula pela população leiga também não era visto com bons olhos, embora se acredite que, de maneira mais ou menos dissimulada, ela era usada na alimentação da população. Esta planta é rica em fibras que auxilia e facilita a digestão e o funcionamento do intestino. É boa para desintoxicar o organismo e estimula o apetite. *Pode ser consumida crua, em saladas, refogada, na preparação de recheio de pizzas.* A rúcula pode ser usada em saladas, sozinha ou misturada com alfaces diversas. É também usada em risotos, massas, tortas, e é deliciosa em sanduíches, principalmente se combinada com tomate e tomate seco. A **rúcula** merece um lugar nas **saladas** por muitas e boas razões: ligeiramente picante, as suas folhas são consumidas cruas e, portanto, ficam intactas sem destruir o seu armazém rico em nutrientes, prontos para defender o organismo de doenças: as vitaminas A, C, K e os folatos; os minerais cálcio, ferro, magnésio, fósforo, potássio e manganésio, conjuntamente com uma boa dose de fibra dietética. As suas folhas dão um toque levemente picante à salada do dia-a-dia e tornam os pratos quentes muito mais saborosos.

Planta de fácil cultivo e adaptada a climas amenos, onde as temperaturas sejam entre 15 a 20 graus Celsius, as rúculas desenvolvem-se bem o ano todo. No entanto, necessitam de solos bem drenados, ricos em matéria orgânica, férteis e com acidez baixa.

Esta planta, na época da colheita, atinge de 10 a 30 cm de altura, dependendo da variedade cultivada e das condições de cultivo. Durante a floração, pode chegar a atingir de 50 a 100 cm de altura. No meu quintal floresce e as sementes voltam a nascer sem precisar de me preocupar.

Teresa Tábuas

## PROCURA-SE

NAS REDONDEZAS DE CASTRO LABOREIRO PROCURA-SE MORADIA RUSTICA GRANDE E RENOVADA COM QUINTAL PARA ARRENDAMENTO DE VARIOS ANOS:

3 quartos, 1 sala grande, cozinha separada da sala, casa de banho grande, aquecimento central, vidros duplo. Quintal : mínimo 100m2. Renda razoável, valor justificada

CONTACTO 968 669 543

# De Rompecilha para Rouças – 1362

O título deste artigo assumirá o seu pleno significado com a observação de que se refere à transferência do pároco de Rompecilha para a freguesia de Rouças, ambas, então da diocese de Tui, efectuada pelo bispo D. João de Castro, num período difícil do governo pastoral da sua diocese, violentamente atingida pela peste, entre Junho e Novembro de 1362, assunto a que prestámos especial atenção no *Boletim Cultural de Melgaço*, de 2016.

Proceder à transferência de párocos ou outros titulares de benefícios eclesiásticos pelos mais diversos motivos era e é normal em todas as dioceses. A intensidade com que, então, se procedeu a tais transferências, na diocese de Tui, ficou a dever-se ao facto de a mencionada peste ter vitimado cerca de setenta sacerdotes, número excepcional, face à média anual de nove óbitos de párocos e beneficiados com cura pastoral, conhecida para os anos anteriores.

O acesso a estes números decorre do frequente contacto com as *Confirmações de Tui*, códice da chancelaria diocesana de Tui, do século XIV, que, em 1514, veio para Braga, encontrando-se no Arquivo Distrital de Braga / UM, cuja edição preparámos e já deveria ter sido publicada.

Esta transferência, operada pelo bispo D. João de Castro, não deve causar qualquer estranheza, porque a paróquia de Rompecilha – actualmente, integrada em Padrenda e na diocese de Orense –, então pertencia à diocese de Tui, tal como acontecia com as paróquias ou freguesias da região de Entre Minho e Lima. Os 248 documentos das *Confirmações de Tui*, que foi possível recuperar, extremamente úteis para a história desta diocese, desde o limite sul da de Santiago de Compostela até ao rio Lima, ajudarão a conhecer melhor a organização eclesiástica desta vasta região, delimitada pelos rios Minho e Lima, pois a primeira visão de conjunto só poderá ser traçada a partir das *Inquirições de D. Afonso III*, de 1258, tanto mais que as de D. Afonso II, de 1220, não ultrapassaram o rio Lima. Além disso, não se conhece nenhuma fonte documental tudense, susceptível de nos esclarecer sobre a divisão administrativa eclesiástica deste território pertencente a Portugal, mas sob a jurisdição dos bispos de Tui.

Estes esclarecimentos, embora genéricos, pretendem esclarecer a facilidade da movimentação ou transferência dos párocos entre as duas margens da fronteira política luso-galaica, em grande parte, definida pelo rio Minho, sem quaisquer consequências negativas no plano eclesiástico.

Antes de nos determos no objecto central deste pequeno artigo sobre a mudança de um pároco de Rompecilha para Rouças, embora deixando campo aberto à investigação dos filólogos e dos especialistas em toponímia, ousamos adiantar que estes dois topónimos – Rouças e Rompecilha – têm uma origem comum, decorrente de processos similares de povoamento, não obstante distanciados no tempo. Ambos radicam no verbo latino: *rumpo*, *rupi*, *ruptum*, que significa *romper*, *arrotear*, *lavrar*, *desbravar* a terra. Quanto a Rouças, que terá sido povoada mais cedo – tal como a evolução fonética – já deparámos com as formas *Raucis*, *Roucis* e *Rouces*, em documentos do *Cartulário do Mosteiro de Fiães*, desde o século XII<sup>1</sup>. A evolução fonética terá chegado à forma substantivada de *ruptias* / *rupcias*, depois cristalizada em *Raucis* – *Rouces* e *Rouças*, enquanto *Rompecilha*, mais tardia e menos evoluída, se terá concretizado, apenas, em pleno século XIII, no tocante ao arroteamento rural.

Em contraste com a origem do povoamento de Rouças, a que esta grafia nos permite remontar, a grafia dita «oficial» de *Roussas*, estampada na placa que indica o desvio para a

igreja e o centro da freguesia, é uma autêntica aberração. Não estranharão, por isso, que lhes fale do calafrio que me percorre, quando ao desviar para Rouças, junto da ponte da Carpinheira, esbarro com a grafia de *Roussas*!

Encerrado este parêntesis, prosseguimos com a observação de que, pela documentação do Mosteiro de Fiães, ficamos a saber que o arroteamento promovido por este Mosteiro, e o consequente povoamento do espaço que viria a ser a paróquia de Rompecilha estava em curso, em 7 de Junho de 1243, como consta do documento n.º 297. Nessa data, o bispo de Tui, D. Lucas, conhecedor das arroteias promovidas pelo Mosteiro de Fiães, dentro e fora do seu couto, exigiu ao D. Abade que fosse construído um lugar de culto para se prestar assistência religiosa aos povoadores que aí se viessem fixar e povoar as novas arroteias, tendo-se, então, optado pela construção da capela ou igreja de Rompecilha, que passaria a ser a sede da nova paróquia<sup>2</sup>, factos a que já nos referimos, em 2010, no opúsculo *A origem da capela de Alcobaca. Resolução de um problema antigo*<sup>3</sup>.

Passando de imediato ao tema central deste artigo, podemos afirmar que a mudança destes párocos iniciou-se com a do P.º Geraldo Eanes, de Santa Marinha de Rouças para S. Miguel de Fontoura, Valença, nos fins de Agosto ou nos primeiros dias de Setembro de 1362, tendo ficado omissos o nome do seu último titular, bem como o motivo da vacância, não sendo de excluir a hipótese de ter sido mais uma vítima da peste, que, por essa altura, atingia a fase mais crítica da devastação por ela causada.

Concretizada a transferência do pároco de Rouças para Fontoura, o Prelado tudense procurou logo colmatar a vaga aberta, designando para novo reitor de Santa Marinha de Rouças Martinho ou Martim Esteves, até então, titular de Santa Maria de Rompecilha, tendo assinado, em 5 de Setembro de 1362, a carta de confirmação nas suas novas funções<sup>4</sup>.

Entretanto, D. João de Castro não podia deixar a comunidade paroquial de Rompecilha, encravada na encosta sobranceira a Padrenda, sem responsável pastoral e confiou-a ao cuidado espiritual e ao governo pastoral da carta de Lourenço Peres, de Monte Redondo, que, em 9 do referido mês de Setembro, investiu nessas funções, em Tui, perante diversas testemunhas, identificadas na parte final da carta de confirmação. Esta nomeação ocorreu na sequência da apresentação feita pelo D. Abade de Fiães e seu Convento, tendo-lhe sido atribuída para sustentação a pensão anual de três moios de vinho e duas quartas de pão, pela medida local, e uma porção no Mosteiro de Fiães igual à de qualquer monge<sup>5</sup>. Este breve apontamento, além de nos permitir conhecer dois párocos de cada uma das paróquias de Rompecilha e de Rouças, alertou-nos para a perspectiva das origens remotas e seus povoamentos, perpetuadas nos topónimos, acima referidos.

Informações desta natureza, na sua simplicidade, proporcionam a oportunidade de se levar ao conhecimento dos leitores a caminhada que, por vezes, é necessário fazer para as adquirir. Foi com esse objectivo que decidimos apresentar, em apêndice, os dois documentos latinos, devidamente transcritos e precedidos dos indispensáveis sumários e das referências arquivísticas, indispensáveis na próxima edição do códice, evocado na parte inicial deste artigo. Mais interessante, porém, será a reprodução dos originais destes documentos, escritos em pergaminho, em letra gótica cursiva, que, mesmo um pouco ampliados, não deixariam de levantar alguns problemas, em parte agravados pelo actual estado de conservação, decorridos quase 656 anos sobre o seu registo em pergaminho, que não era da melhor qualidade.

José Marques\*

## APÊNDICE<sup>6</sup>:

N.º 116

1362, Setembro, 5 - Tui

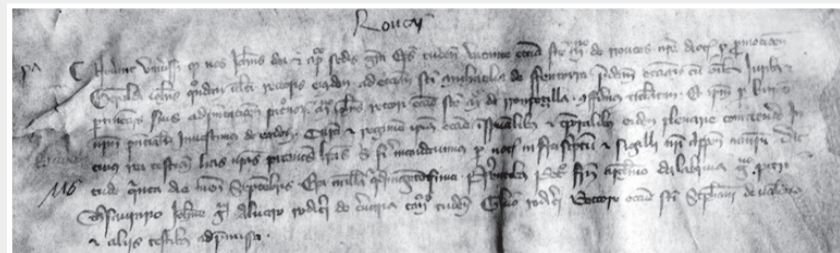
D. João, bispo de Tui, a apresentação dos padroeiros, confirma Martinho Eanes, até então reitor de Santa Maria de Rompecilha, Padrenda, hoje da diocese de Orense, na igreja de Santa Marinha de Rouças, Melgaço, vaga por transferência de Geraldo Eanes para S. Miguel de Fontoura, Valença.

B - A D B, *Registo geral*, n.º 314, fl. 26.

C - A D B, *Registo geral*, n.º 313, fl. 39.

Rouças

Noverint universi quod nos Iohannes Dei et Apostolice Sedis gracia episcopus Tudensis vdicante ecclesia Sancte Marine de Rouças nostre diocesis per promocionem Geraldí Iohannis quondam ultimi rectoris eiusdem ad ecclesiam Sancti Michaelis de Fontoyra predictam ecclesiam cum omnibus iuribus et pertinenciis suis ad presentacionem patronorum Martino Iohannis rectori ecclesie Sancte Marie de Ronpecilla conferimus titulata et ipsum per birretum nostrum presencialiter investimus de eadem et regimen ipsius ecclesie in spiritualibus et temporalibus eidem plenarie comitendo. In cuius rei testimonium has nostras patentes literas sibi fieri mandavimus per notarium infra scriptum et sigilli nostri appensione muniri. Datum Tude quinta die mensis Septenbris Era millesima quadringentesima presentibus Petro Fernandiz archidiacono d'Alabruiá, Gundisalvo Petri thesaurario, Iohanne Gundisalvi, Alvaro Roderici de Cervaria canonicis Tudensibus, Gundisalvo Roderici rectore ecclesie Sancti Stephani de Valencia et aliis testibus ad premissa.



Grav. 11 – *Confirmações*, fl. 26. – Santa Marinha de Rouças, Melgaço.

N.º 117

1362, Setembro, 9 - Tui

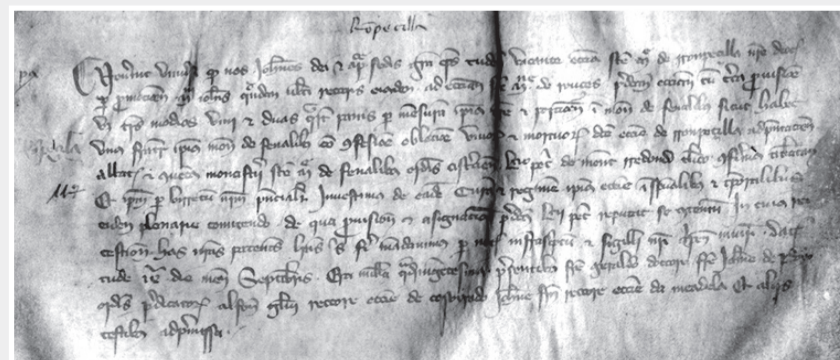
D. João, bispo de Tui, a apresentação do abade e convento do Mosteiro cisterciense de Fiães, Melgaço, confirma Lourenço Peres, de Monte Redondo, na igreja de Santa Maria de Rompecilha, hoje Padrenda, diocese de Orense, vaga pela transferência de Martinho Eanes, seu último reitor, para Santa Marinha de Rouças, Melgaço.

B - A D B, *Registo geral*, n.º 314, fl. 26.-79

C - A D B, *Registo geral*, n.º 313, fl. 39v.

### Ronpecilla

Noverint universi quod nos Iohannes Dei et Apostolice Sedis gracia episcopus Tudensis vacante ecclesia Sancte Marie de Ronpecilla nostre diocesis per promocionem Martini Iohannis quondam ultimi rectoris eiusdem ad ecclesiam Sancte Marine de Rouças predictam ecclesiam cum certa provisione videlicet tres modios de vini et duas quartas panis per mensuram ipsius terre et porcionem in monasterio de Fenalibus sicut habet unus frater ipsius monasterii de Fenalibus com (sic) confesione oblacione vivorum et mortuorum dicte ecclesie de Ronpecille ad presentacionem abbatis et conventus monasterii Sancte Marie de Fenalibus Ordinis Cisterciensis Laurencio Petri de Monte Redondo clerico conferimus titulata et ipsum per birretum nostrum presencialiter investimus de eadem curam et regimen ipsius ecclesie in spiritualibus et temporalibus eidem comitendo de que provisione et assignacione predictus Laurencii Petri reputat se contentem. In cuius rei testimonium has nostras patentes literas sibi fieri mandavimus per notarium infra scriptum et sigilli nostri appensione muniri. Datum Tude IX<sup>a</sup> die mensis Septenbris Era quadringentesima presentibus Fratre Geraldo doctore, Fratre Iohannis de Poyo Ordinis Predicatorum, Alfonso Gundisalvi rectore ecclesie de Cosoyrado, Iohanne Fernandiz rectore ecclesie da Meadella et aliis testibus ad premissa.



Grav. 12 – *Confirmações*, fl. 26 v. – Santa Maria de Rompecilha, Padrenda.

\* O autor não segue o dito acordo ortográfico.

<sup>1</sup> Ver *O. c.*, docs. 4, 39, 57, 179, 180, etc.

<sup>2</sup> *O Cartulário de Fiães*, vol. I (doc. n.º 297), Melgaço, C. M., 2016, pp. 203-204.

<sup>3</sup> *A origem da capela de Alcobaca*. ..., Braga, 2010, pp. 12-14.

<sup>4</sup> *Confirmações de Tui*, doc. 116.

<sup>5</sup> *Confirmações de Tui*, doc. 117.

<sup>6</sup> Os números dos dois documentos do Apêndice correspondem aos que têm nas *Confirmações de Tui*, cuja edição aguardamos.

# Rui Osório na Primeira Pessoa

## O padre jornalista a quem a PIDE gravava homilias

**Rui Osório é a resposta positiva ao dilema que se coloca à Igreja há décadas: ter jornalistas católicos nos jornais ou possuir jornais católicos? Isso mesmo se depreende do seu testemunho, na primeira pessoa, durante um encontro inserido no curso "Teologia revisitada", sobre comunicação, na Faculdade de Teologia Braga da Universidade Católica Portuguesa.**

Tinha como "ideal de vida ser pároco" de uma freguesia mas apenas o conseguiu realizar, aos 65 anos, quando se aposentou do jornalismo que exerceu em vários jornais portugueses, com destaque para o *Journal de Notícias*.

A ele se deve a "tradição" criada nos jornais portugueses de ter uma página semanal sobre a actualidade religiosa e esta é a sua principal conquista ao fim de 28 anos de jornalista.

A ele se deve a "tradição" criada nos jornais portugueses de ter uma página semanal sobre a actualidade religiosa. "Ninguém acreditava muito que aquele menino traquina" e "brincalhão" escolhesse a vida sacerdotal.

Natural de Vila Nova de Gaia (Diocese do Porto), o então menino Rui Osório ouve relatos "cheios de entusiasmo" de um amigo (tinha feito a escola primária com ele) que estudava no Seminário do Porto e do parque desportivo do Colégio da Formiga, em Ermesinde.

O lado desportivo pesou na decisão de ir para o seminário e até ao quinto ano, o agora cónego Rui Osório só "tinha uma preocupação: não reprovar nenhum ano porque em casa não havia tradição de reprovações".

"Sem grande aplicação no estudo", o jovem Rui Osório nunca reprovou nenhum ano, confessou numa entrevista à Agência ECCLESIA.

Ordenado em 1964, o padre Rui Osório começou a ganhar o gosto pela área da comunicação social nos últimos anos de estudante.

Ainda estudante começou a "escrever prosa para alguns jornais" e os documentos do II Concílio do Vaticano foram objecto de muitas crónicas deste estudante de Teologia e jovem padre.

Devido ao impacto do documento conciliar «*Inter Mirifica*», D. Florentino Andrade e Silva, na altura administrador apostólico do Porto devido ao exílio de D. António Ferreira Gomes, pediu-lhe para estudar

jornalismo.

Depois da formação em Espanha e cerca de um ano após a vinda do padre Rui Osório vem do exílio o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes.

Começou por escrever "umas notinhas" no jornal *Gaiense*, depois no *Diário do Norte*, em momentos especiais e depois na *Rádio Renascença* era a voz off das cerimónias que se celebravam na Sé do Porto.

No quarto ano de teologia lançou uma revista com Elói Pinho e Álvaro Madureira mas o administrador "não gostou muito e só teve três números" até que, em 1966, o Bispo do Porto lhe pediu para fazer um curso de Comunicação Social em Pamplona.

O padre famalicense Malvar Fonseca aparece e aconselha esta universidade que frequenta com Domingos da Silva Araújo (mais tarde director do *Diário do Minho*) e José da Silva Lima (que foi presidente do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa).

O José da Silva Lima "ajudou-me a fazer a inscrição". Havia um exame uma hora depois. "Não vou - disse ao Silva Lima - mas ele empurrou-me para dentro da sala".

Em 1969, D. António Ferreira Gomes regressa ao Porto e acaba com o jornal "A voz do Pastor" e decide criar "A Voz Portucalense", cujo primeiro número saiu no dia 3 de Janeiro de 1970.

Foi uma experiência fantástica, apesar de "todas as semanas a Censura nos obrigar, em média, a refazer quatro das nossas 12 páginas. Estavam particularmente atentos porque era o jornal do bispo do Porto e tinha gente a escrever lá como o Mário Zambujal, o Mário Castrim, o José António Salvador, o Luís Humberto e o Germano Silva. Estive ao lado de Sá Carneiro e Francisco Balsemão na luta contra a Censura. A *Voz Portucalense* foi uma pedrada no charco, ao ponto de ser considerada um dos semanários de referência da oposição democrática, a par do *Notícias da Amadora*, do *Comércio do Funchal* e do *Jornal do Fundão*".

Numa entrevista ao jornal "Comércio do Porto" recorda: "o despertar da minha consciência cívica e política devo-a a D. António Ferreira Gomes, à busca da resposta à pergunta sobre o que é que estava a acontecer no país para um bispo ser exilado. A partir daí estive sempre em todas as lutas. Nunca desarmeí apesar de ter sido vítima da censura e da perseguição da polícia política. Nas minhas homilias, na Igreja das Carmelitas, nunca deixei de defender as liberdades, os direitos e as garantias dos cidadãos que estavam suspensos pelo salazarismo. Nunca desarmeí e por isso nalguma das minhas missas tive

polícias com gravadores no ar - e polícias com cães à porta da igreja. E nunca desarmeí porque sendo eu um homem a quem a mulher não se queixa e os filhos não pedem pão estava mais livre e disponível. Podia ser julgado e condenado sem que isso afetasse a vida de terceiros".

Com censuras e PREC, o jornal aguentou-se até 1977, altura em que se colocou a hipótese de manter um jornal "sustentável". Fui falar com D. António a perguntar-lhe o que queria de "A Voz Portucalense", mas ele "era um irmão gémeo de Salazar no que diz respeito ao dinheiro. Era muito poupado e gostava de ter o dinheiro no cofre".

Perguntei-lhe: "tem alguma vontade de fazer investimento humano e financeiro num jornal que o senhor tanto aprecia?"

Face à esperada resposta dele, pedi-lhe dispensa da actividade porque "gostava de paroquiar" e o Bispo interpelou-me: "vai deixar a imprensa?"

A "minha resposta foi negativa mas propus-lhe algo impensável e estava convencido que ele ia dizer não".

- "Só profissionalizando-me" - respondi.

- "E por que não?" - retorquiu D. António F. Gomes.

- "Eu ouvi bem? O senhor Bispo admite essa hipótese?" - continuei.

- "O senhor é capaz e talvez um dia a Igreja lhe venha a agradecer" - concluiu o Bispo.

"Fiquei banzado" - lembra Rui Osório que se lançou à procura de trabalho.

- «Não foi você que disse que mais importante que uma imprensa católica são os católicos na imprensa? Se ainda defende isso, eu concordo consigo.»

Vendo que não tinha objecção a que procurasse trabalho como jornalista, "agradei a D. António e despedi-me dizendo-lhe que, apesar de não saber quanto seria, ia ter um salário e por isso não cobraria nada na minha actividade sacerdotal, o que ainda hoje acontece. "Nunca ganhei como padre" - assegura.

O jornalista tem a certeza que "nunca ninguém respeitou tanto a minha singularidade como a Igreja" apesar de lamentar que a "Igreja, enquanto instituição de comunicação, passe fases de hostilidade ao jornalismo".

A Igreja, continua, "tem um olhar de suspeita da grande imprensa e isso inibiu-a de aceitar a dimensão política dos candidatos cristãos".

Recorde-se que Rui Osório já escrevia em *O Comércio do Porto* desde 1969. Era da casa, mas o *Jornal de Notícias* "nunca mais deixou

de me bater à porta e acabei por ir para o JN", por influência do Germano Silva e do Freitas Cruz. Com pleno conhecimento do bispo, entrei em 1977, com o lema de vida: "sou padre, mas aqui sou um profissional".

### "VAMOS VER COMO O PADRE SE COMPORTA"

Submetido a homologação do Conselho de Redacção, Rui Osório passou "tangencialmente, por causa do ineditismo" lembra, sustentando que a "Direcção tinha uma enorme admiração por mim".

Aprender na tarimba sem assuntos tabu foi o seu rumo mesmo pedindo a D. António Ferreira Gomes que lhe distribuisse uma tarefa pastoral e, a partir daquele momento, "o trabalho pastoral foi feito em estrito voluntariado. Nunca recebi um cêntimo".

Na conversa inicial, D. António disse-me: "não se ponha em bicos de pés".

Apesar de Agustina Bessa Luís o ter proposto para Director, "recusei. Fui quase vinte anos chefe de redacção" e sabia que tinha todos os olhares sobre mim, em jeito de "vamos ver como o padre se comporta".

A relação com os restantes jornalistas do *JN* e de outros jornais do Porto foi perfeita, a ponto de se sentir "capelão privado dos jornalistas", sendo convidado para presidir a casamentos ou fazer os baptismos dos filhos.

Neste momento da conversa, Rui Osório garante: "nunca ninguém na minha vida, dentro ou fora da Igreja, foi mais exigente com a minha coerência de celibatário que os meus camaradas jornalistas".

A sua condição de Chefe de Redacção levou-o em viagens a acompanhar altas figuras do Estado ao estrangeiro. Lembra a viagem a Kinshasa com Ramalho Eanes: cada jornalista tinha um polícia a guardá-lo a toda a hora por causa dos assaltos. No hotel de luxo, as tarefas eram muito "solícitas e não nos largavam a porta. Fui uma das excepções. Nunca me bateram à porta. Porquê? Fiquei numa pequena suite, junto da suite de Ramalho Eanes e elas devem ter pensado: é o assessor do Presidente".

Depois de enviar o serviço, recorda Rui Osório, "famos beber uns copos ao bar e cada um contava as suas aventuras, sendo que cada um fazia o que podia para ter uma aventura maior que o outro". O Assis Pacheco, a determinado



momento, avisou: "já chega. Estou cheio de tanta aventura. Só escapam dois: o padre e o homem bem casado e pai de cinco filhos (que era ele)".

"Que padre? - perguntaram alguns. Assis Pacheco esclareceu: "não me digam que não sabem que o Rui Osório é padre?"

- "O quê? Tu és padre? Não tens cara de padre" - argumentaram alguns, incomodados com as fantasias que tinham estado a contar antes.

Rui Osório conta este episódio para concluir: "se eles me apanhassem em incoerência, perdia todo o respeito deles. Os jornalistas são solidários, mas não têm os deveres dos padres. Para eles, nem tinha cara de padre".

### PRIMEIRO CÓNEGO JORNALISTA

Outro acto pioneiro é o de ser nomeado Cónego. Um dia foi chamado de urgência por D. Júlio Tavares Rebimbas.

Ele queria nomear cónegos para a Sé. Rui Osório disse-lhe que "bastava dar-lhe os nomes e fazia a notícia". O bispo explicou a chamada:

- "Tu és um deles" - interrompeu D. Júlio....

- "Não me faça rir" - respondi, mas "acabei por achar graça e fui o primeiro cónego jornalista. Depois surgiram o João Aguiar, o António Rego".

O grande poeta e jornalista do *JN*, Manuel António Pina, quando soube da nomeação, perguntou-lhe: "o que é isso de ser cónego?"

Depois da explicação dada, Manuel António Pina só perguntou: "eles gostam de ti? Então, estou contente, porque também gosto de ti".

Enquanto exerceu os 28 anos de jornalista profissional, foi assistente da Acção Católica e nomeado pároco, há 12 anos, da Foz do Douro: "acho que teria morrido desconsolado se não tivesse esta experiência".

Optimista, com a consciência do dever cumprido, remata: "mesmo com alguns exageros, nunca a Igreja teve tão boa imprensa".

Costa Guimarães

# Melgaço levou o público a conhecer a arte da pesca da lampreia

## Época abriu como novo fôlego: Há mais 50 pesqueiras em actividade em relação a 2017

A acção "Lampreia do Rio Minho: Do Rio ao Prato", promovida pelo município de Melgaço, em parceria com as associações Melgaço Radical, A Batela e Barca de Loimil (Arbo, Galiza), juntou cerca de meia centena de participantes que quiseram saber mais sobre a arte da pesca e da confecção deste ciclóstomo, que ganha qualidade a cada metro que sobe contra a corrente do Rio Minho.

No dia 4 de Março, pescadores e participantes da iniciativa desceram até à margem do rio, onde foi demonstrado o processo de colocação e levantamento de redes. E se a incursão a meio da manhã não rendeu pescaria – a colocação e recolha das redes é feita apenas após o pôr-do-sol e antes do nascer do sol na madrugada do dia seguinte, por isso a pesca deste dia já tinha sido recolhida – o procedimento foi explicado aos interessados no propósito desta acção.

Em Arbo, no Centro de Interpretación del Vino y la Lamprea, Guillermo Estevez revisitou um pouco da história do vinho e da lampreia, esse "auténtico manjar" que já os romanos levavam a César, o imperador, as lampreias destas águas, muito apreciadas em Roma.

Em Alvaredo, freguesia do concelho melgacense, registou-se no último ano o maior pedido e consequente reactivação de pesqueiras, representando por isso a nível concelhio uma ligeira recuperação desta actividade cada vez mais admirada e valorizada no Vale do Minho.

Diogo Castro, natural de Alvaredo, presidente da Associação "A Batela" (uma das associações envolvidas nesta acção de promoção), é o pescador mais jovem em actividade na freguesia. A acompanhá-lo, "quase todos os dias", vão outros pescadores com muitos anos de experiência prática.

Quando é o seu dia de redar, desce a encosta íngreme até ao Rio Minho para armar as redes. No dia seguinte de madrugada, ainda sem luz natural, tem de voltar a descer para levantar as redes e recolher os exemplares apanhados pela 'teia' estrategicamente colocada entre as muralhas seculares da pesqueira, que afunilam a corrente para o cone de rede.

Apenas com as chuvas do final de Fevereiro foi possível fazer este percurso com mais esperança, devido ao aumento do caudal. Mas não há especial preocupação destes pescadores locais, se o tempo chuvoso mantiver as águas do Minho em níveis que permitam a subida do ciclóstomo de Caminha até São Gregório.

Segundo os pescadores, Alvaredo tem este ano cerca de trinta pesqueiras em actividade, tendo-se so-



mado mais cinco em relação a 2017, devido ao alívio na lei estaque que proibia, com carácter definitivo, a captura em pesqueiras cujo proprietário não tenha renovado o registo durante três anos consecutivos ou cinco alternados.

Venancio Fernandes, da Associação de Caça e Pesca de São Tomé, recorda-nos alguns dos números de que já tínhamos dado nota neste jornal em 2017, a propósito da época de pesca da lampreia do ano transacto, mas agora com um apontamento positivo para a actividade da pesca com recurso a pesqueira.

"Em 2012 estavam 700 pesqueiras registadas, mas apenas 172 estavam prontas a redar", observa, realçando a franca evolução na reactivação desta actividade no lado português da margem. "Em todo o troço do Rio Minho, da parte portuguesa, foram activadas cinquenta pesqueiras, do ano passado para este ano. Do lado espanhol foram activadas três".

A aprovação definitiva desta alteração terá de passar por aprovação dos órgãos legislativos e representantes de Portugal e Espanha, mas esta época de pesca (até 15 de Abril em Portugal), já abriu novas perspectivas para os proprietários de pesqueiras e agentes do sector.

Sobre a primeira edição da iniciativa de promoção da lampreia do rio ao prato, Venancio Fernandes elogia a visão promotora deste património e arte de pesca únicos, considerando imprescindível envolver os jovens da região neste processo de conhecimento da tradição local. "É preciso fazer estas coisas mais vezes, englobar as autarquias e as escolas para chamar gente nova, para conhecerem. Se não trouxermos os novos, para lhes criarmos o gosto pela actividade, tudo isto tem tendência a acabar".

### "É fundamental revalorizar as pesqueiras. Estão a perder-se a cada ano"

José Anxo Piña Martínez, da Associação Cultural 'A Barca de Loimil', parceira desta actividade no território internacional, apela a um maior vínculo entre os municípios de Melgaço e Arbo em torno deste património comum. "Não se entende uma parte sem a outra do rio. Para reclamarmos coisas para o nosso rio, não se pode fazer apenas com um dos municípios. Ainda está muito por fazer".

Sobre as pesqueiras, património de características singulares que apenas existe no Rio Minho, Anxo Piña diz que é fundamental "revalorizar as pesqueiras. Estão a perder-se a cada ano, mas para se intervir nelas não se pode utilizar nenhum elemento sem ser pedra, torna tudo mais difícil".

Uma escola de cantaria, "para ensinar a trabalhar a pedra e restaurar pouco a pouco o património que temos", sugere Anxo Piña, além de uma atenção redobrada às eventuais ameaças ao rio.

Isabel Domingues, da Divisão de Desenvolvimento Económico da Câmara Municipal de Melgaço, refere que esta primeira acção, inserida no programa "Lampreia do Rio Minho – Um Prato de Excelência", transversal ao Vale do Minho, será "um ponto de partida para iniciativas futuras, na área cultural. Temos um património riquíssimo, que já vem do tempo dos romanos e que temos de preservar. Isto exige uma candidatura à UNESCO, mas tem de ser entre os dois lados do rio, porque temos tradições e vivências muito parecidas", explica.

A ligação entre a lampreia e o Alvarinho, outro dos produtos de características indissociáveis deste território, é um dos principais pro-

pósitos desta campanha. Neste fim-de-semana dedicado à lampreia e aos produtos locais, o ciclóstomo que desova em água doce, foi apresentado à mesa em conceito gourmet, renovando um prato que tem de se reinventar para reunir mais consenso entre a população mais jovem.

É com atenção redobrada na criação de programas turísticos e de métodos de confecção que assenta a preocupação maior dos organismos promotores da lampreia. Afinal, sem gente interessada na actividade ou consumo, o valor histórico do património pode ficar comprometido, como explica Isabel Domingues.

"A lampreia não está em extinção, o que pode extinguir-se é a actividade por não haver pescadores. Temos de criar discussão em torno das pesqueiras, mostrá-las enquanto atractivo turístico, criar sinergia entre a restauração e os pescadores, com a animação paralela, pode ser um produto turístico, sazonal, mas com capacidade para trazer gente ao concelho".

### "O nosso desafio é fazer com que os mais jovens gostem"

O Chef Rui Ribeiro, autor do blog "Faz e Come" (nomeado para "Blog do Ano" de 2017) foi o convidado para preparar uma lampreia de escabeche, no momento show-cooking que finalizou esta acção. Dividindo a mesa de preparação com o Chef Lourenço Exposito, da Galiza, que preparou uma lampreia seca enrolada, a proposta era dar um toque pessoal na preparação deste petisco que até já em Roma se apreciava.

Rui Ribeiro aprendeu em casa, com a mãe e a avó a preparar a lampreia mas, se a aprendizagem

foi tradicional, o jovem Chef quer fazer propostas mais arrojadas, que agradem aos novos paladares (literalmente).

"O nosso desafio é fazer com que os mais jovens gostem, porque os mais adultos ou gostam ou não gostam. Os turistas não tem esse preconceito, ouvem o nome, mas não associam ao aspecto do 'bicho'. Com os jovens é diferente, e se falarmos em lampreia à bordalesa ou lampreia estufada, que é um prato escuro, que leva vinho tinto, sangue e é um preto pesado, há alguma repulsa", notou.

A proposta, por isso, tem estimulado a criatividade dos novos cozinheiros e até na escola, onde o Chef Rui Ribeiro dá formação, a surpresa tem sido positiva.

"Temos de fazer com que mais pessoas gostem e se isso implica prepará-la de outras formas, visualmente mais agradável e anível de sabor, não tão forte nem carregada, melhor. Há que lhe dar nomes. A lampreia por si só não chama ou cativa as pessoas, mas se prepararmos um risotto de lampreia ou o sushi de lampreia, já seduz mais".

E como é na escola, junto dos novos mestres da cozinha? "Num grupo de dez jovens, se prepararmos com eles para depois fazermos a prova, sete ou oito provam e reconhecem que gostaram, a maior parte não tem problema".

Em conclusão, é importante saber como preparar, adivinhar tendências da cozinha, mas também saber de onde vem aquilo que comemos, realça Rui Ribeiro: "Ver as pesqueiras, saber o que são, conhecer o processo da pesca, saber tudo o que acontece até ao momento de apresentar o prato, acabam por ser experiências que compensam para quem visita e para quem é daqui que não conhece".

João Martinho



## A paróquia de S. Paio: algumas notas históricas e património religioso edificado

*A igreja e paróquia de S. Paio é uma das mais antigas do concelho de Melgaço.*

Existem referências a um antiquíssimo mosteiro que aparece documentado até ao século XII e designado como de "S. Pelagii de Paterni", ainda que existam algumas dúvidas acerca da sua existência, segundo alguns autores. A paróquia, nos séculos seguintes, conserva-se com a denominação de "S. Payo de Paderne" até ao século XIX, embora apareça desde o século XVIII, por vezes, como "S. Paio de Melgaço" e as duas designações coexistam durante algum tempo. Apenas, a partir de 1936 é que oficialmente passa a ter a atual designação de "S. Paio".

A igreja paroquial é dedicada ao mártir S. Paio, também conhecido como Pelayo de Córdova, sobrinho do Bispo de Tui, tomado como refém por um rei mouro, e degolado no ano de 825, em Córdova. A dita igreja paroquial situa-se no lugar, atualmente designado, de Cruzeiro. Contudo, nas Memórias Paroquiais de 1758, o Reverendo Domingos Gomes, pároco à época, refere que entre os lugares que compõem a freguesia se encontra "S. Payo em cujo lugar está situada a igreja com seis vizinhos". A designação de "vizinhos" neste contexto não se refere ao número de residentes no lugar mas antes ao número de fogos (casas de habitação).

É curioso o nome do lugar se chamar de Cruzeiro, derivado da presença de um cruzeiro que apresenta a data de construção esculpida na pedra, vários séculos mais recente do que a igreja paroquial. Desconhecemos como se chamaria o lugar antes da edificação do dito cruzeiro. Este é uma construção quinhentista, mais concretamente de 1557. Edificado

em granito, é composto por base de três degraus rectangulares sobre a qual assenta o plinto superiormente facetado apresentando-se com a inscrição "MDLVII" (1557) numa das faces. O fuste, inicialmente de secção quadrada, passa depois a ser hexagonal até ao capitel decorado com ornatos vegetais. Possui cruz com braços em toros e ostentando a imagem de Cristo.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, o pároco dá-nos a lista de lugares que na época existiam nesta paróquia designada de "S. Paio de Melgaço". Assim, a generalidade dos lugares que conhecemos na atualidade já existiam na época. Apenas, salientar que o atual lugar do **Granjão** é citado como dois, e não um lugar, com as designações de "**Granjão de Cima** e **Granjão de Baixo**". No total, a paróquia, contava, à época, segundo o pároco, com "vizinhos (fogos) duzentos e quarenta e nove e número de pessoas, setecentas e treze".

A freguesia vivia essencialmente da agricultura. O pároco escreve que em S. Paio de Melgaço se colhiam "frutos, milho, centeio, trigo e milho alvo em abundância" bem como "vinho em abundância".

Em 1758, segundo o abade Domingos Gomes, a igreja de S. Paio, tinha três naves, uma com três arcos, e cinco altares: o do orago S. Paio, onde estava o Santíssimo Sacramento; o da Senhora do Rosário; o da Senhora do Carmo; o do Santo Cristo e o das Almas.

De há pouco mais de um século, mais concretamente de 1913, encontramos um documento referente ao "Arrolamento de Bens Culturais das Freguesias de Melgaço", onde encontramos uma pequena descrição da igreja onde podemos ler que

a "igreja paroquial se compõe de seis altares com catorze imagens, coro, um púlpito, com dois sinos, adro que também serve de consistório..."

Como sabemos, a igreja que chegou até aos nossos dias pouco tem a ver com aquela que existiu até por volta de 1930. Nessa altura, o então pároco Raimundo Prieto mandou reformar a igreja tendo sido muito criticado na época. Nas "Obras Completas do Dr. Augusto César Esteves", pode ler-se: "**Desta forma fica aliviada a responsabilidade do encomendado Raimundo Prieto assumida quando em 1930 resolveu alargar e de facto alargou a igreja, retirando-lhe os tais arcos**".

As capelas que atualmente existem na paróquia, à exceção da do lugar do Regueiro já existiam pelo menos há cerca de 300 anos. Em meados do século XVIII, existem referências à presença de quatro capelas nesta freguesia: a de Santo André, a de Nossa Senhora do Amparo, a de Nossa Senhora do Bom Despacho e a de S. Paio, no lugar de Cavaleiro Alvo. Em relação a esta última, no livro "Chorographia moderna do reino de Portugal" de 1751, o autor refere que já nessa época existia no dito lugar "uma ermida com a invocação de S. Payo". Sabemos que em 1758, a administração desta capela pertencia ao povo desse lugar. Em 1913, esta capela é referida em documento como tendo "um adro, um altar, com uma imagem".

Além desta ermida, havia nesta freguesia de S. Paio, em meados do século XVIII, a capela de Nossa Senhora do Bom Despacho, no lugar de Barata. A mesma era administrada por um tal Manuel Fernandes, da freguesia de Rouças. Sabe-se que em 1913, já existia no lugar de Barata uma capela de invocação a S. Bento.

Não sabemos se se trata da mesma capela antes citada da Nossa Senhora do Bom Despacho. A atual capela é de traça arquitetónica simples e no inventário de bens culturais da freguesia de 1913, a capela é descrita como tendo "adro, uma sineta, um altar com três imagens".

Em meados do século XVIII, já existia na freguesia de S. Paio, como se disse antes, uma capela dedicada a Santo André. O Padre Domingos Gomes, em 1758 situa a dita capela no lugar do Pinheiro. Desconheço se se trata do mesmo lugar a que hoje chamamos "Santo André". A mesma capela era administrada pelo abade da paróquia, à época, o Reverendo Domingos Gomes. Sabemos que em 1913, esta capela tinha "uma sineta, um altar, cinco imagens e adro com uma árvore".

Falta fazer referência à capela de Nossa Senhora do Amparo, no lugar do Barral. A mesma já existia em meados do século XVIII, sendo referida nas Memórias Paroquiais de 1758. Na época era administrada por Manuel Gonçalves, morador no lugar do Barral, juntamente com o Doutor Miguel Gomes de Abreu, da freguesia de Paderne, Diogo Álvares, residente no lugar do Granjão e Domingos Álvares, morador no Barral.

Esta capela é referida em 1913 e é descrita como possuindo "um adro, uma sineta, um altar com três imagens, um terço, um véu de ombros, um palio com as respetivas varas, cinco casulas de diferentes cores, vinte e duas toalhas de linho, uma estola, uma custódia de metal dourada, dois missais usados, uma cruz de prata e varas do mesmo metal, uma coroa de prata da Senhora do Rosário, uma opa de seda, seis opas usadas, três pendões e uma bandeira e vinte e sete peças de cortinados".

Não termino este pequeno artigo acerca do património religioso da freguesia de S. Paio sem me referir à capela e cruzeiro da Nossa Senhora dos Aflitos no lugar do Regueiro.

Trata-se de uma capela particular construída por Manuel José Gomes, conhecido no concelho de Melgaço como o "Mestre do Regueiro" por ser natural e morador no dito lugar da freguesia de S. Paio.

A sua construção remonta a 1866. O cruzeiro, ao qual me referirei mais abaixo, em frente à capela também é atribuída ao mesmo "artista" embora a sua edificação tenha sido concluída em 1859. Envolvida por espaço agrário e à margem de caminho rural antigo, com um pequeno espaço fronteiro lajado em granito e cruzeiro, a Capela do Senhor dos Aflitos é um pequeno templo com nave única de planta rectangular e cobertura com telhado de duas águas. Os paramentos em alvenaria autoportante de granito apresentam indícios de terem sido rebocados a branco. Na fachada frontal abre-se porta de verga encurvada encimada por cartela. O remate da fachada é por cimalha angular tendo ao centro um campanário (vazio) e nos extremos laterais urnas que coroam os cunhais.

Atribuído também a Manuel José Gomes, o cruzeiro acima referido, encontra-se no adro da Capela do Senhor dos Aflitos. Foi construído em granito e constituído por uma base rectangular de três degraus na qual assenta um plinto paralelepípedico que sustém a coluna de secção circular, com o terço inferior do fuste canelado sendo a parte restante lisa. Sobre este apresenta-se um capitel composto onde se insere a cruz de braços cilíndricos estriados. Diversas esculturas ornamentam o cruzeiro: sobre o capitel dois querubins suportam coroa encimada por ave; na parte superior do fuste e logo abaixo do capitel encontra-se uma imagem da Virgem vestida de manto e uma pequena estatueta sobre mísula. Todo este trabalho escultórico é de qualidade pela minúcia e perfeição dos lavrados.

*Valter Alves  
(Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra")*

### ARTES *Centro de Artesanato*

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM  
CONFECÇÃO E BORDADOS  
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril  
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes\_rosamaria@hotmail.com



### Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País  
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369

Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

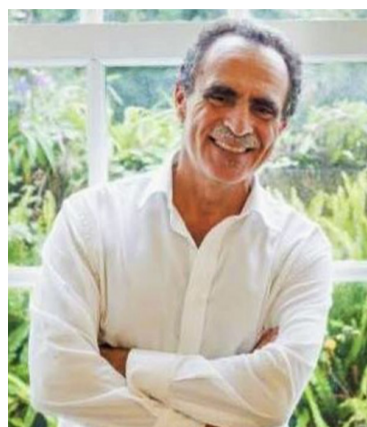
### VENDO

- Coutada do Vidual com mato e pinheiros situada no lugar do Pomar com área de 1 (um) hectar - 10.000m<sup>2</sup>
- Coutada de Porta Carvalho com mato situada em Casal Maninho com área de 3.600m<sup>2</sup>.

Contacto tlm  
**934210969**  
Maria Teresa

# Álvaro Domingues deu a "Volta a Portugal" e guardou retratos de identidade de uma nação de contrastes

*Na eventualidade de se cruzar com o livro "Volta a Portugal", do geógrafo melgacense Álvaro Domingues, deixamos desde já o esclarecimento – feito pelo próprio – do que esta obra não é: Não é um ensaio sobre fotografia, não é um livro sobre arquitetura, não é um livro sobre viagens e acima de tudo, não é um compêndio sobre a volta a Portugal em bicicleta.*



Não são raros os registos fotográficos que nos parecem insólitos, caricatos, ou simplesmente retratos de habilidosos exemplos de aproveitamento de espaço, mas em nenhum dos exemplos o autor tece considerações. Cabe ao leitor, depois de "lamber" com o olhar cada centímetro da fotografia, cheia de informação sobre a identidade dos povos, construir o seu próprio parecer. São mais de 300 imagens, distribuídas em 328 páginas, que constroem este desafio que o autor coloca os leitores.

Desde o lançamento, no final de 2017, o livro "Volta a Portugal" tem recebido considerável atenção mediática, que tem valido a Álvaro Domingues inúmeras sessões de

apresentação um pouco por todo o país. Não sabemos se a volta a Portugal se vai repetir, agora pelos auditórios e bibliotecas de Norte a Sul, mas tem passagem prevista por Melgaço, em Maio deste ano.

A terra-mãe do autor merece destaque em alguns apontamentos fotográficos do livro. Na paisagem, na arquitectura, no culto, o olhar é atento, a explicação é vaga. Numa das imagens há um espigueiro, "ou o que resta dele", nas traseiras de um prédio, no centro urbano.

"O que me interessa documentar é o confronto entre a modernidade e um elemento da pré-modernidade, que está descontextualizado. As pessoas riem-se, pensam que é porque gosto de fotografar coisas bizarras ou paradoxais, e não é nada disso. O mundo é feito de coisas muito contrastantes, na maior parte dos casos, nós é que privilegiamos as que não contrastam. E eu foco-me muito nisso", explica.

Tal como Portugal e os seus curiosos acasos que pontuam a sua história, também este livro pode ser aberto em qualquer página, sem que se perca o fio à meada. "A maior parte das páginas são muito autónomas. Tem uma fotografia e um texto, que muitas vezes nem

sequer é meu. O autor mais velho é do Século XVI e o mais novo pode ser um poeta contemporâneo. A partir daí, deixo ao leitor toda a liberdade para perceber o que vê".

A urbanização e o cliché sobre a vida no campo

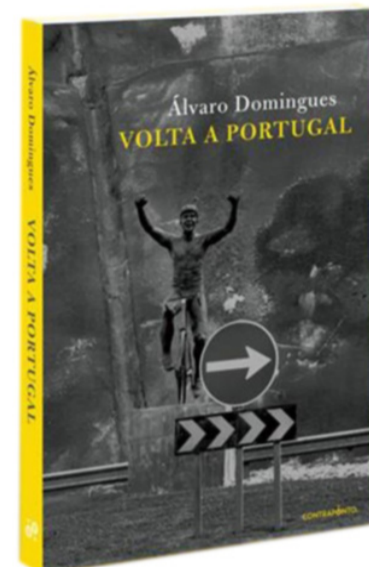
"Geralmente, quem escreve que a vida no campo é alegre e saudável nunca trabalhou no duro"

Desde o seu primeiro livro, "Rua da Estrada", lançado em 2009, que Álvaro Domingues olha para o território de uma forma singular, sem receio de desconstruir conceitos ou mitos sobre o urbanismo ou a ruralidade do país.

Em "Rua da Estrada", o ensaio é sobre a urbanização e a edificação ao longo das estradas. Em foto e texto, o autor tece considerações sobre "a urbanização e as suas múltiplas expressões".

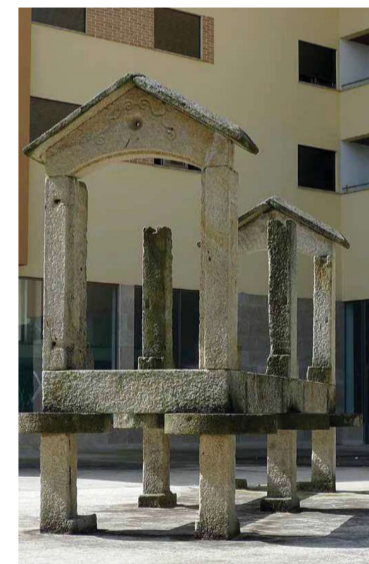
Em "Vida no Campo", de 2012, o objecto de estudo é a suposta ruralidade do país nos dias de hoje. Somos ainda hoje um país rural?

"Quando usávamos o adjetivo com algum significado, rural significava que a economia era de base agrícola e que a paisagem estava toda tomada pelas actividades agrícolas. Actualmente, a agricul-



tura em Portugal não chega a 3% do PIB, é uma actividade residual em termos económicos", revela o autor, a propósito deste tema.

"Em Melgaço, onde qualquer pessoa diz que é um concelho rural, eu pergunto porquê, se a maior parte dos rendimentos são de poupanças e de remessas de emigração. Mesmo a produção agrícola que tem mais importância, que é o Alvarinho, se medirmos o valor que lhe corresponde no total de rendimento que as pessoas têm, vamos ter uma percentagem mínima", observou ainda.



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184  
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

**hospital particular**  
viana do castelo  
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º  
4950 - Monção  
251 652 756



**MCA – Mediação de Seguros Lda**

ASF N° 413392428

**Rigor no Preço.... Rigor na Protecção**

Escritórios :  
Rua Fonte da Vila S/n  
4960-546 Melgaço  
Tel : 251402903 Fax : 251402907  
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233  
4950-855 Cortes - Monção  
Tel / Fax : 251 656232  
Tlm 936060133

O mundo rural já não existe, "a palavra tornou-se anacrónica" considera o autor da obra que pretende questionar sobre a "mágoa" da perda do campo. E o campo é mais do que "aquelas tretas todas" que se escrevem, que fazem uma apologia inebriante às virtudes do trabalho no campo para a saúde e para os estados de alma. "Geralmente, quem escreve isso nunca trabalhou no duro, não sabe o que é".

Vida no Campo é, por isso, uma reflexão profunda acerca das "muitas mitologias que existem sobre o campo".

João Martinho





# Drift Melgaço: Há derrapagens que vêm por bem



## A poda



A poda é o trabalho que por esta altura reina no campo. Do "xeu bagar", cada um vai podando as suas até porque é um trabalho que se vai fazendo.

Noutros tempos havia juntanças de "podadas" entre as famílias, como nas lavradas ou vindimas. Era também costume chamar-se os homens da freguesia para as "podadas" dos lavradores mais ricos e para a do "xinhor abade", a troco do "jentar ou ceia".

Janeiro e Fevereiro são os meses mais favoráveis mas nunca na lua "belha" para as videiras não rebentarem fracas. Antes do natal também não; nem pensar. Soube-mos que um ancião cá de Ribá contava que "Cando as bideiras falaban deziám: poda-me en todo o tempo, menos no adbento!"

Também se dizia (e diz) que "cando os bimes rebentan mal, nun é ano de binho".

Para terminar, "Xe tchover a 17 de janeiro, podes pôr as pipas ó fumeiro".

Os vimes rebentaram bem mas a 17 de janeiro choveu, a ver qual dos "adejos" acerta.

– Bêns das tchans?

– Que remêdio, xe nôn ben os gomos e eu xin podar. E inda me faltan bastantes.

– Na, olha que nôn; as jaques, as baracêlhas e exas rebentan mais cedo mais estiano, co frio que bai, rebentan tarde.

– Ó rapaz, co este xieiro entê as mans fican engadanhadas e as tchans xôn tan dejemparradas! Inda por riba, xôn todas de escada; tenho-me bisto mal. Mais tamén agôra xó me falta a latinha do caminho. E tu, já acabaste?

– Acabei onti. Xábado hai qu'ir pró xr. abade que ja mandaren parte.

– Deus queira mais é que nun tchoba q'one paxado tibemos que andar à tchubia; caje nun bêu un estrebantinho. Pujémo-nos c'ma pitos.

– Puis é, bou-me la entôn; bou ber xe inda hai sessôn.

– Bai, bai. Eu tamén bou indo botar uha côdea e uha tigela que estou esganado.

## Levar o "canalho ó moinho"



Esta é uma crença que remonta aos tempos dos moinhos comunitários que não paravam de moer nem de noite, nem de dia, nem por festa, nem por nada.

Trata-se de um ritual cujo objetivo consistia em tornar as crianças inteligentes, "guitchas", e funcionava da seguinte maneira: num dia em que tivessem a peça (direito a moer), as mulheres iam "ó manhêcêr ou ó por do xôl" buscar a farinha e deixar o moinho pronto para quem viesse a seguir; chamava-se a este processo "barrer o moinho".

Então, quando em casa havia uma criança de colo, num desses dias, a mãe, a avó, a madrinha, enfim, uma mulher levava-a ao moinho, que devia obrigatoriamente andar em vão (já sem milho), colocava a mão da criança no tangananho (1) e dizia: "Axi cm'este moinho anda en bân, axi esta criança, canto bê c'os olhos, faça co'a mân; xó roubar nán!! Pol'a graça de Deus e da Birge Maria, um Padre Noxo e uha Abe Maria!"

E era assim que, segundo crença dos antigos, a "canalha ficaba fina".

(1) Tanganho é uma peça de madeira que liga a adalha(2) à mó. O seu objetivo é conduzir a trepidação da mó até à adalha, de maneira a fazer cair o milho.

(2) Adalha é uma caixa de madeira em forma de pirâmide invertida onde se deita o milho.

Há um grupo para o qual a derrapagem não é novidade. Ou melhor, quanto mais derrapagem houver, mais emoção proporciona a quem vê...o espectáculo.

Era quase inevitável não brincar com esta alusão a outras 'derrapagens', mas não falamos de derrapagens financeiras – para já as contas são boas de fazer – nem de prazos, pois a actividade é de lazer, sem compromissos profissionais.

Em 2014, um grupo de amigos juntou-se para dar forma à equipa Drift Melgaço. Para já estão apenas constituídos enquanto grupo em página da rede social Facebook, mas ambicionam formar-se enquanto clube para dar visibilidade a este desporto automóvel.

Não há um líder ou responsável absoluto, conta-nos Francisco Ranhada Ribeiro, um dos pilotos e promotores deste grupo que sabe, sem escala ou instrução, o que fazer em cada encontro de actividade de treino ou competição.

"Com o decorrer do tempo e com a evolução dos pilotos lo-

cais, a simples ideia de juntar os amantes do Drift transformou-se nesta pequena equipa", conta Francisco Ribeiro, explicando a distribuição de tarefas sempre que saem para testar as máquinas. "Uns conduzem, outros apoiam, outros ajudam com a logística e mecânica, outros suportam como patrocinadores... Somos uma equipa com mais de dez membros activos, cada um com a sua função, mas o principal é sairmos, encontrarmo-nos e divertirmo-nos".

Depois de algumas provas de perícia automóvel que se realizaram no concelho, há alguns anos, a modalidade está para já sem calendário. O circuito de Guilhabreu é por isso a "segunda casa" deste grupo, onde tem "as melhores condições para treinar, e manter os carros (e as unhas!) afinados", diz Francisco Ribeiro.

Com o fim do Campeonato Nacional de Drift antes de completar o calendário de provas previstas na sua primeira edição, quisemos saber que impacto esta expectativa gorada na primeira grande prova da moda-

lidade pode ter nos entusiastas e pilotos.

"O final prematuro da edição passada do CND foi difícil, tanto para nós, pilotos, como imagino que tenha sido para a organização, mas principalmente para a modalidade, que é sem dúvida a que mais sofre com estas incertezas. O interesse do público esteve sempre lá, porque esta modalidade é das mais interessantes a nível de espectáculo que proporciona à assistência", explicou o entusiasta e piloto da modalidade.

Ainda sobre os efeitos colaterais deste fim precoce do CND, Francisco Ribeiro diz que a falta de solidez destas iniciativas poderá afectar o trabalho de angariação de patrocínios. "Sem o campeonato activo é difícil manter o interesse das marcas e dos apoios, daí o nosso esforço para manter a equipa Drift Melgaço activa e com imensa visibilidade nas redes sociais, para manter o interesse dos patrocinadores. Sem eles, pouco ou nada seríamos", conclui o piloto.

João Martinho



Cartório Notarial de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é [cnmelgaço@gmail.com](mailto:cnmelgaço@gmail.com).

## MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215  
4960-568 Melgaço  
Telf. 251404031 / 933291437  
[rui.malheiro.seguros@gmail.com](mailto:rui.malheiro.seguros@gmail.com)

Urb. Quinta das Andorinhas, 83  
4950-855 Monção  
Telf. 251653224 / 933291437  
[malheiro.seguros@gmail.com](mailto:malheiro.seguros@gmail.com)

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI

TRANQUILIDADE

ZURICH

# "HABEMUS VINUM" A "Essência do Vinho" no Porto

Teve lugar no fim do mês de Fevereiro, a 15ª edição deste evento, o qual se realizou no belo edifício do Palácio da Bolsa, na cidade do Porto.

Trata-se de um evento na área do vinho, o qual, de ano para ano, leva àquele espaço cada vez mais apreciadores e enófilos interessados, em conhecer as últimas colheitas de vinhos a que, de outro modo, não teriam acesso. Este ano, a organização estimou que o certame teve mais de 20.000 visitantes.

O local, o emblemático Palácio da Bolsa, onde pondera a Associação Comercial do Porto, entidade que desde o primeiro ano do evento, o apadrinhou sem reservas, onde os stands dos produtores presentes estão colocados em maior número no Pátio das Nações e em várias salas e nos corredores de acesso.

A última vez em que comparei neste evento foi há já dois anos e tive oportunidade de este ano voltar. É sempre agradável encontrar produtores amigos, trocar impressões e provar um ou outro vinho.

A Essência do Vinho, a par da presença dos produtores presentes, leva também a efeito outras manifestações, como a eleição do "TOP 10 Vinhos Portugueses", onde um conjunto de vinhos são avaliados em prova cega, por um conjunto de especialistas convidados, que este ano compunham 13 países. Nem sempre é consensual a atribuição dessa classificação por outros produtores presentes, o que se compreende, pois não é uma tarefa fácil.

Também foi levada a efeito uma prova comentada sobre vinhos franceses, cabendo às regiões de Bordéus e da Borgonha, mostrar alguns dos vinhos ali produzidos por pequenos produtores; outra prova comentada foi a ligação entre o chocolate e os vinhos doces, num total de sete vinhos, os quais foram comentados também por sete sommeliers.

Houve também uma mostra dos vinhos açorianos, desde os licorosos que agradavam aos papas e czares da Rússia, desde o século XV, até aos novos brancos que agora se produzem com as castas verdejo, arinto e terrantez, os quais cada vez mais ganham espaço nas garrafeiras e na restauração.

Existe a iniciativa de destacar um produtor que ao longo da sua vida, tenha contribuído com os seus vinhos e notoriedade, e os apresente em destaque na EV. Foi a Quinta do Monte d'Oiro, da Região dos Vinhos de Lisboa, do conhecido produtor José Bento dos Santos, o qual ao longo já de 20



anos tem dado a conhecer os seus vinhos, tivesse sido o eleito.

A ligação entre o vinho e a comida, também não poderia ficar esquecida. Estiveram presentes três conceituados chefes de cozinha: Vítor Marques, Ricardo Costa e Rui Paula, os quais explicaram as harmonizações perfeitas de alguns pratos de que são autores, com os vinhos escolhidos.

Refira-se que estes acontecimentos a par da EV, são pagos para os interessados que neles queiram participar.

Não queria deixar passar uma breve nota, em relação a um vinho que provei. Foi um Alvarinho de um produtor alentejano – João Portugal Ramos –, mas cuja proveniência é produzido e engarrafado na região Melgaço/Monção. O espumante também de Alvarinho, muito bom, o que só vem provar a excelência e a diferença das uvas produzidas nesta região.

Não quero deixar de referir a questão da afluência em grande número de público ao evento, e recorde que já em anterior artigo, salientei a questão da segurança. Lembro-me de que nessa altura,

encontrando-me dentro do recinto, e pretendendo sair, fi-lo com grande dificuldade tal o excesso de pessoas que se encontravam no local. Chegado ao exterior, verifiquei que existia uma grande fila ainda a adquirir bilhete para entrada! Atendendo a que só existe uma entrada e uma saída, se houver alguma situação de pânico no local, poderá ter consequências graves. Tive oportunidade de sobre este aspecto trocar impressões com um ou outro produtor e a opinião de alguns deles seria um outro local, para levar a efeito a EV.

Apesar de a organização ter já aumentado o preço de entrada, é uma questão a rever, assim como também esperar-se que no próximo ano, aquelas pessoas que pretendem apenas beber por beber, não dêem algumas um triste espectáculo como tem acontecido.

Esperemos pela edição de 2019, e que os nossos belíssimos vinhos continuem no bom caminho que têm tido.

*António Jorge Tavares*  
Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

## Travessias no Deserto?!... Quem as não tem?!...

Nas ruelas do burgo citadino não encontro o que vejo e sinto nos caminhos da pacata aldeia que se esconde atrás da montanha. Os prédios altos e o barulho do trânsito contrastam com a casa rústica e o silêncio da pradaria. O Sol que molda as sombras do jardim da cidade é o mesmo que brilha no tanque de água límpida onde a rola beberica suavemente. Olho os amores-perfeitos do canteiro e associo a simplicidade das violetas que crescem sem pedir permissão.

Sons e aromas transportam-nos para tempos e momentos que, de alguma forma, nos fazem querer reavivar memórias que nos apaziguam. Não é por acaso que nos refugiamos nas lembranças mais juvenis da nossa meninice. Os nossos familiares mais directos e predilectos são nosso porto seguro onde quer que nos encontremos.

Sinto-me convidada a entrar naquela Igreja que de portas abertas me oferece meditação. Embrenhada na oração busco o olhar materno da Virgem Maria e admiro a Sagrada Família que compõe o espaço bíblico. É tempo de Quaresma. Não há flores a ornamentar os altares. Cristo, fonte de Amor e Misericórdia, é a Esperança Viva da fraternidade e solidariedade. Recolhida e em paz, agradeço o que me tem sido ofertado.

O púlpito desperta-me para uma realidade que passa ao lado de uma maioria dita católica praticante. É necessário ouvir a palavra dos sermões e pregações capazes de acordar todos aqueles que não ousam dar conforto ao irmão necessitado. O papel do leigo não se resume a ouvir a Palavra. Ele tem de ser mais e ir além do seu individualismo.

Temos que dar Graças, todos os dias, pela liberdade religiosa que vivemos no nosso espaço do Ocidente. Mas não podemos fazer "orelhas moucas" ao que nos é relatado em relação às perseguições a que estão sujeitos os que procuram seguir uma vivência em Cristo. O terrorismo não pode sair impune. Os povos não podem ficar reféns e nas mãos de assassinos a soldo de megalómanos que movimentam milhões e se julgam donos do mundo.

A vida do sacerdote que abraça a causa dos menos afortunados e consegue chegar ao coração dos que pensam ter tudo, é mais atribulada do que pensamos. Contem em si própria uma vivência única capaz de derrubar medos que tolhem os caminhos de quem se viu "entregue" à má "sorte". Feliz de quem é chamado a seguir Jesus.

Travessias no Deserto são inimagináveis. Todos, sem excepção, estão sujeitos a sofrer as consequências dos seus actos. O que é lamentável é que muitos se julguem superiores e não consigam dar a mão e abrir uma janela aos que têm fome e sede de justiça. Cair é mais normal do que imaginamos. Não é normal é ver e assistir à queda de terceiros sem nos preocuparmos em amenizar, ainda que com uma palavra de conforto, a queda dos desprotegidos.

Novamente na rua, dou conta duma brisa suave que me segreda a melodia do dia. Nem sempre pregamos para o deserto.

*Helena Matos*

**MANUEL LUÍS D. RODRIGUES**  
TÉCNICO 28335



**INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS**

**AUTOMATISMOS PARA PORTÕES**  
**PORTAS SECCIONADAS**  
**VIDEOS PORTEIROS**  
**AQUECIMENTO ELECTRICO**

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO

TELEM. 969 065 676

# Novos povoadores são também promotores do turismo local É em Castro Laboreiro que Sónia Nogueira tem o part-time mais "apaixonante" da sua vida



Natur, há cerca de um ano e meio. Organiza experiências turísticas em Castro Laboreiro, assim como noutros pontos do Parque Nacional, e tem muito a dizer sobre aquilo que é o turismo de hoje e o que poderá ser no futuro, se o trabalho de capacitação do território acompanhar as necessidades da nova vaga de turismo que vem até ao início do país.

"Mais do que uma empresa de animação turística, queríamos que tivesse um cunho diferente. Aposar em experiências mais personalizadas, nas tradições, na cultura e nos hábitos dos sítios. Coisas que as pessoas procuram cada vez

dia tenham. O turista quer viver experiências, estar com as pessoas, saber o que se faz ali, o que se come, o que se pode ver, experimentar como os locais", explica ainda.

Fazer o típico pão castrejo, assistir à mística da Queima do Ano Velho ou do 'entroido' castrejo, provar chás ou comidas que utilizam as ervas locais são parte deste envolvimento que Sónia Nogueira quer proporcionar a quem visita terras castrejas. Provar o mel de Castro Laboreiro, ou o fumeiro? E porque não falar directamente com o produtor, saber como se faz, como se guarda, como são os

programas ao visitante.

A vida profissional afasta-os alguns dias do ambiente castrejo, mas o apego à serra, que mostra as suas cambiantes ao longo do ano, são uma "paixão", para os novos povoadores. "Estamos uns dias da semana longe daqui a desejar voltar. Gostamos deste tipo de ambiente, conseguimos moldar-nos porque gostamos disto, temos paixão e sentimos que há sempre algo para descobrir".

O boom turístico dos últimos anos, quer nos grandes centros, quer nas periferias dos locais tradicionalmente visitados, é um fenómeno que Sónia Nogueira vê com

A cobertura de sinal das redes móveis ou a abrangência de uma rede de transportes são ainda alguns obstáculos que, tendo sido grande parte do problema no passado, a eventual resolução poderá ser encarada como desbloqueadora de melhores dias para o turismo no PNPG. "É esse caminho que falta fazer que me faz olhar para esta área de forma positiva. Esta é uma região que o turista não conhece".

O desconhecido, se desafiante para os aventureiros, é também dissuasor dos mais reservados. Nunca como hoje houve a vontade de visitar, mas quando as estradas começam a estreitar, a entrar no in-

**Mostrar o Parque Nacional Peneda-Gerês (PNPG) a quem ruma a Norte para conhecer esta área protegida do país é a missão que cada vez mais empresas de animação turística quer abraçar. No entanto, é através dos próprios, que interagem a cada dia com novos potenciais clientes, que nos chegam testemunhos de pessoas que desconhecem a versatilidade ou a riqueza turística dos territórios para cima do Douro.**



No entanto, a oferta turística do PNPG é muito mais do que as panfletárias cascatas do Gerês ou a mata de Albergaria, apesar de importantes promotores deste território. Os operadores turísticos, atentos à tendência do turismo mundial, são os principais motores do sector, mas reconhecem que o esforço na criação de condições para uma boa experiência do visitante neste território tem de envolver mais organismos e empresas.

Sónia Nogueira divide o seu tempo entre Vila Nova de Famalicão e Castro Laboreiro, onde comprou casa e sediou a sua empresa de animação turística, a Just

mais, sentimos isso", conta-nos Sónia Nogueira.

O turismo de montanha tem um perfil próprio e público-alvo mais marcado, mas a empresária pretende que as experiências nos meios naturais sejam agradáveis para todos, desde os aventureiros que partem para o mundo apenas com a mochila às costas, aos mais reservados e que não dispensam o conforto na mobilidade e na estadia. Para já, falemos da tendência da maioria.

"Hoje em dia o turista não quer vir meter-se num quarto de hotel ou numa casa de turismo rural, por mais qualidade que estes hoje em

processos de fabrico ou colheita? O turismo de experiências está apostado em explicar a origem das coisas a quem está mais habituado a comprá-las na apática prateleira de supermercado e a tendência está a ganhar adeptos.

Antes de comprar casa e montar este modelo de experiências, Sónia Nogueira tem já um "longo trabalho de casa" que lhe serviu para construir da melhor forma aquilo que quer agora divulgar. Depois de longas temporadas no Parque Nacional e em Castro Laboreiro em particular, a empresária tem agora um know-how com a solidez necessária para adaptar

atenção e diz que a tendência vem para ficar. "Acho que se começou a descobrir Portugal. À medida que a economia começou a recuperar um bocadinho, o turismo interno, feito pelo português, aumentou. E muitos deles dizem que Castro é para vir e voltar".

Os estrangeiros serão também a grande alavanca do sector, mas para que esta região ofereça condições atractivas a quem desconhece a realidade portuguesa, ainda é preciso intervir em aspectos fundamentais, como reconhece a empresária.

Uma região ainda com tanto por fazer só pode melhorar

terior do Minho natural de aldeias escondidas atrás da serra e de estradas municipais de uma via, a vontade de descobrir esmorece.

Sónia Nogueira assegura que a criação de uma rede de transportes amiga do ambiente e que percorra os locais turísticos do PNPG serão o desafio para o futuro próximo, ao qual espera que algum player do sector dos transportes dê resposta. A solução resolverá, por exemplo, o caso do cauteloso mas insólito bloqueio da estrada que atravessa a Mata de Albergaria (Terras de Bouro) no Verão e nos períodos de maior afluência turística, proibindo

*Continua na pág. 21*

## PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

## RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia  
**EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA**

MELGAÇO (CENTRO)  
ESPANHA S. GREGÓRIO  
PESO MONÇÃO

# A G R A D E C I M E N T O S

## AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

### Saudade Jesus Fernades

Alvaredo | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### António Domingues

Penso | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Glória Ferreira de Sousa Gomes

Paços | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Maria Augusta Lourenço

Vila | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Maria Augusta Durães

Roussas | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Maria Leonor Vieites

Alvaredo | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Maria de Fátima Vieites Alves

Paderne | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Ilda das Dores da Rocha

Penso | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Cordália de Castro

Alvaredo | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



*Que Deus vos receba em seus braços e o Manto de Luz de Maria vos cubra das bênçãos que a boa Mãe sabe dar aos seus filhos.*

## AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

### José Félix Igrejas

Carvalhiças - Vila | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Matilde Gonçalves

Várzea Travessa - C. Labreiro | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## CENTRO FUNERÁRIO DO ALTO MINHO

### Dulcina da Pureza Domingues Alves de Castro

Caminho da Calçada - Sante | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### António Sérgio

Outeiro - S. Paio | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## Maria Augusta Durães (A Mia da Jalsemina)

Em 2 de Fevereiro, a poucos dias de fazer 86 anos, faleceu em Cavaleiros, Rouças, Maria Augusta Durães, filha de Jalsemina Durães, irmã de Ortelinda, já falecida, e de Rosa, esta emigrante em França. Deixa duas filhas: Susana e Daniela, e um filho, o Paulo; duas netas: as D.ras Sílvia e Liliana, e o neto Carlos, ainda estudante.



O funeral foi no dia 4, para Rouças e, apesar do mau tempo, foram muitos os que participaram nele e apresentaram sentimentos à família e se uniram em oração pelo seu eterno descanso. E ela bem merecia a homenagem que assim lhe prestaram.

Às suas filhas, netas e neto, genro Manuel Rocha, apresento os mais sentidos pêsames. Era minha prima e fomos criados juntos até aos 14 anos como se fôssemos dois irmãos gémeos.

Que descanse em paz!

Arménio Melo

## Dr. Alípio Gonçalves

Na notícia do falecimento deste nosso conterrâneo omitimos, por lapso, o nome de sua filha mais nova, Engenheira Agrícola Maria José de Figueiredo Gonçalves, residente em Ponte de Lima, Técnica da Entidade "Terras do Minho", da Confederação de Agricultores Portugueses (CAP), casada com o Senhor Francisco José de Araújo de Azevedo Magalhães Queirós, natural daquela vila, e que, por sinal, tem revelado para com seus Pais um carinho extraordinário, digno dos maiores encómios. Dada a sua relativa disponibilidade profissional deslocou-se com frequência à cidade de Braga para prestar a seus Pais todo o apoio, e recentemente, após o falecimento do Dr. Alípio, levou a sua mãe para aquela vila a fim de a ter mais perto de si e dar-lhe toda a necessária assistência. Do lapso havido apresentamos as nossas desculpas com votos de que, tal como seus irmãos, enfrentem com a maior coragem este momento difícil.



A.C.

## OFERECEM-SE ESTES 2 CACHORROS



SÃO MUITO LINDOS E MEIGOS. PODEM LEVAR 1 OU OS 2

TEL. 939 705 093

# Cartório Notarial de Monção

«A Voz de Melgaço» 01/03/2018

## CERTIDÃO

Certifico que a presente certidão composta de **cinco** folhas, escritas numa só face, todas numeradas e por mim rubricadas, é certidão narrativa da escritura de Justificação Notarial exarada de folhas **cinquenta e seis** a folhas **cinquenta e nove verso** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **cento e oitenta e oito - E**, deste Cartório Notarial, e vai conforme o original na parte em que o reproduz.

*Monção, dezanove de Fevereiro de dois mil e dezoito.*

A Colaboradora da Notária por expressa delegação nos termos do artigo 8º nº 1 do Decreto-Lei 26/2004 de 04/02 e respetivas alterações

**Ana Paula Rodrigues Cunha Pedreira**  
Registo número 115

Autorização registada sob o nº 310/1 na Ordem dos Notários

CERTIFICO NARRATIVAMENTE, para efeitos de publicação, que por escritura de justificação notarial outorgada no dia vinte e três de Novembro de dois mil e dezassete, exarada de folhas cinquenta e seis a folhas cinquenta e nove verso, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número cento e oitenta e oito - E, **MANUEL JOSÉ LOURENÇO** e mulher, **ROSA DOMINGUES LOURENÇO**, ambos naturais da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Casaltão, casados que são sob o regime de comunhão geral de bens, declararam ser donos e legítimos possuidores dos seguintes prédios rústicos:

### NA FREGUESIA DE ALVAREDO

1) Denominado "Monterrão", sito no lugar de Montarrão, composto de terreno de pinhal e mato, com a área de oitocentos metros quadrados, a confrontar a norte com Caminho Público, a sul com Limite da Freguesia de Alvaredo, a nascente com Cândido Melo e a poente com Manuel Esteves, inscrito na matriz sob o artigo 2219.

2) Denominado "Coutada de São Silvestre", sito no lugar de Casaltão, composto de terreno de mato, com a área de novecentos metros quadrados, a confrontar a norte com Germano Casal, a sul e poente com Limite da Freguesia de Alvaredo, a nascente com Manuel José de Castro, inscrito na matriz sob o artigo 2222.

3) Denominado "Campo da Porta", sito no lugar de Casaltão, composto de terreno de cultural e vinha, com a área de três mil e oitocentos metros quadrados, a confrontar a norte com José de Sousa Lobato, a sul com Valeriano Vieites, a nascente com Caminho Público e a poente com Manuel Esteves, inscrito na matriz sob o artigo 2170.

### NA FREGUESIA DE PADERNE

4) Denominado "Ponte", sito no lugar de Midão, composto de terreno de cultura e vinha em ramada, com a área de mil metros quadrados, a confrontar a norte com Alípio Gomes, a sul com José Joaquim Gonçalves, a nascente com José Meixeiro e a poente com Nelson Dias, inscrito na matriz sob o artigo 5709.

5) Denominado "Coutada de S. Silvestre", sito no lugar de Casaltão, composto de terreno de pinhal e mato, com a área de dois mil e quinhentos

metros quadrados, a confrontar a norte com Maria Domingues Casal, a sul com Manuel José de Castro, a nascente com Alzira de Castro Rodrigues e a poente com Estrada Camarária, inscrito na matriz sob o artigo 6019.

6) Denominado "Monte de Queirão", sito no lugar de Queirão, composto de terreno de pinhal e mato, com a área de mil e novecentos metros quadrados, a confrontar a norte com Manuel José de Castro, a sul com Caminho Público, a nascente com José Meleiro de Castro e a poente com José de Sousa Lobato, inscrito na matriz sob o artigo 6281.

7) Denominado "Padrozelos", sito no lugar de Estivadas, composto de terreno de pinhal e mato, com a área de mil e novecentos metros quadrados, a confrontar a norte e poente com Caminho Público, a sul com Esperança Fernandes e a nascente com Manuel da Rosa, inscrito na matriz sob o artigo 7257.

8) Denominado "Funduges" sito no lugar de Pontes, composto de terreno de pinhal e mato, com a área de oitocentos metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com Manuel António Pires, a sul com Maria da Glória Alves e a poente com Maria Durães, inscrito na matriz sob o artigo 585.

9) Denominado "Funduges", sito no lugar de Pontes, composto de terreno de cultura e vinha, com a área de dez mil metros quadrados, a confrontar a norte com Caminho Público, a sul com Manuel António Pires, a nascente com Eduardo Joaquim Vaz e a poente com José Funtão, inscrito na matriz sob o artigo 589.

Que nenhum dos prédios se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial competente.

Os prédios vieram à sua posse e fruição da seguinte forma:

O prédio elencado no número 1), no ano de mil novecentos e setenta por doação verbal, que lhes foi efectuada por Manuel Domingues e mulher, Olívia Esteves Barbosa, já falecidos, residentes que foram no aludido lugar de Casaltão.

Os prédios elencados nos números 2), 5) e 6), no ano de mil novecentos e setenta e nove por compra verbal, que nunca foi devidamente formalizada, que efectuaram a António Manuel Gonçalves e mulher, Maria Rosa Lourenço, já falecidos, residentes que foram no lugar de Crastos da aludida freguesia de Paderne.

Os prédios elencados nos números 3), 4) e 7), no ano de mil novecentos e setenta por doação verbal, que nunca foi devidamente formalizada, que lhes foi efectuada por Luís José Lourenço e mulher, Teresa Rodrigues, já falecidos, residentes que foram no aludido lugar de Casaltão.

Os prédios elencados nos números 8) e 9) no ano de mil novecentos e sessenta e quatro por compra verbal, que nunca foi devidamente formalizada, que efectuaram a Elvira de Abreu, já falecida, residente que foi no lugar de Granja da aludida freguesia de Alvaredo.

Que, desde aquelas datas, entram na posse e fruição dos referidos prédios, cortando o roço e lenha e efectuando limpezas de mato nos terrenos de pinhal e mato, cultivando os terrenos aptos para cultura e recolhendo os respectivos frutos, pagando as competentes contribuições fiscais, relativamente a todos eles, tudo isto ostensivamente e à vista de todos em nome próprio, posse que reiteradamente têm exercido, até à presente data, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo assim com o ânimo e a forma corres-

pondentes ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aqueles prédios, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela usucapião, que invocam na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Cartório Notarial de Monção, dezanove de Fevereiro de dois mil e dezoito.

A Notária, Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho

# Cartório Notarial de Monção

«A Voz de Melgaço» 01/03/2018

## CERTIDÃO

Certifico que a presente certidão composta de **sete** folhas, escritas numa só face, todas numeradas e por mim rubricadas, é certidão narrativa da escritura de Justificação Notarial exarada de folhas cinquenta e seis a folhas cinquenta e nove verso do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **cento e oitenta e oito - E**, deste Cartório Notarial, e vai conforme o original na parte em que o reproduz.

*Monção, seis de Fevereiro de dois mil e dezoito.*

A Colaboradora da Notária por expressa delegação nos termos do artigo 8º nº 1 do Decreto-Lei 26/2004 de 04/02 e respetivas alterações

**Ana Paula Rodrigues Cunha Pedreira**  
Registo número 80

Autorização registada sob o nº 310/1 na Ordem dos Notários

CERTIFICO NARRATIVAMENTE, para efeitos de publicação, que por escritura de justificação notarial outorgada no dia cinco de Fevereiro de dois mil e dezoito, exarada de folhas quarenta a folhas quarenta e dois, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número cento e noventa - E, a) **MARIA FERNANDA ESTEVES VELOSO**, natural da freguesia de Couso, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Virtelo, casada sob o regime de comunhão geral de bens com Manuel Veloso, b) **Liliana Alexandra Veloso**, solteira, maior, natural da freguesia de Couso, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Virtelo, na qualidade de Procuradora, em representação de, **MANUEL VELOSO**, natural da freguesia de Couso, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Virtelo, casado sob o regime de comunhão geral de bens com Maria Fernanda Esteves Veloso, declaram as outorgantes nas qualidade em que outorgam, se a outorgante "Maria Veloso" e marido, "Manuel Veloso, donos e legítimos possuidores dos seguinte bens imóveis:

1) Prédio rústico denominado "Cobato", sito no lugar de Virtelo, freguesia de Couso, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultura arvense de sequeiro, com a área de dois mil seiscentos e dez metros quadrados, a confrontar a norte com Agostinho Gonçalves, a sul e poente com Manuel Veloso e a nascente com Caminho Público, não descrito na Conservatória do registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 192, a favor de Águeda Veloso, com o valor patrimo-

nial tributário de cento e dezanove euros e cinquenta e dois cêntimos, igual ao atribuído.

2) Prédio rústico denominado "Cobato", sito no lugar de Virtelo, freguesia de Couso, concelho de Melgaço, composto de terreno de mato, com a área de seiscentos metros quadrados, a confrontar a norte e poente com José Duque, a sul com Agostinho Gonçalves e a nascente com Abílio veloso, não descrito na Conservatória do registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 194, a favor de António Modesto Esteves, com o valor patrimonial tributário de trinta e sete euros e noventa e três cêntimos, ao qual atribuem o valor de cinquenta euros.

Que ignoram os artigos da anterior matriz, segundo declaram sob sua inteira responsabilidade.

Que não são proprietários de outros prédios rústicos contíguos aos ora justificados, não se verificando fraccionamento proibido por lei.

Que o prédio identificado no número 1) veio à posse e fruição de Maria Veloso" e marido, "Manuel Veloso", no ano de mil novecentos e oitenta por compra verbal, que nunca foi devidamente formalizada, efectuada a Águeda Veloso, à data solteira, maior, já falecida, residente que foi no lugar de Virtelo, freguesia de Couso, concelho de Melgaço.

Que o prédio identificado no número 2) veio à posse e fruição de "Maria Veloso" e marido, "Manuel Veloso", no ano de mil novecentos e noventa e um por compra verbal, que nunca foi devidamente formalizada, efectuada a António Modesto Esteves e mulher, Maria da Graça Cardoso Martins, à data residentes no lugar de Virtelo, freguesia de Couso, concelho de Melgaço, actualmente residentes nos Estados Unidos da América.

Que, desde aquelas datas, entram na posse e fruição dos referidos prédios, cortando o roço e lenha e efectuando limpezas de mato, pagando as competentes contribuições fiscais, relativamente a ambos, tudo isto ostensivamente e à vista de todos em nome próprio, posse que reiteradamente têm exercido, até à presente data, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo assim com o ânimo e a forma correspondentes ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aqueles prédios, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela usucapião, que invocam na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Cartório Notarial de Monção, seis de Fevereiro de dois mil e dezoito.

A Notária, Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho

*Continuação da pág. 19*

o trânsito aos visitantes, excepto aos locais ou autoridades.

Além do turista que tem medo das estradas estreitas, a empresária aponta ainda a necessidade de resposta ao turista que quer descobrir o país sem assumir o leme. "O Porto é um fortíssimo ponto de entrada de turismo para o Norte de Portugal, mas se quisermos vir directamente do Porto para Melgaço, não é muito fácil. O comboio não tem ligação, não há autocarros com horários compatíveis. Quem queira chegar aqui de transportes, não tem como".

E como é para quem chega e quer ficar (ainda que parcialmente) em terras castrejas? "De uma forma geral, fomos muito bem recebidos pelas pessoas. Quando chegarmos a um sítio e queremos instalar-nos, não podemos nem devemos tentarmo-nos impor, temos de deixar que as coisas fluam, ter paciência", recorda.

Ainda assim, no rol de dificuldades, Sónia Nogueira coloca apenas a parte burocrática das coisas. Nem tudo são rosas quando se procura comprar e remodelar casa, os documentos, os projectos, tudo faz parte da "burocracia que se arrasta e que prolonga o processo".

Aparte a burocracia, é no turismo que a empresária realiza o seu objectivo. Adiciona a paixão a um serviço no sector onde é necessário subsistir mas diz que "nem tudo na vida é dinheiro. Temos de viver todos. Fazemos as actividades, mas procuramos que outras pessoas ganhem também com isso. Tanto levamos as pessoas à Feira típica Castreja, como aos produtores de fumeiro, ou do mel, aos hotéis e restaurantes locais. Todos precisamos de dinheiro para viver e pagar as contas e como digo, a rica já não chego, de pobre já não saio, se viver bem neste intermédio, melhor".

Um dos últimos melhores exemplos de parceria com empresários e entidades locais foi a Queima do Ano Queima do ano Velho, organizada pela empresa, com o apoio da União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro. "Enchemos os restaurantes, os hotéis e tudo à volta. Tivemos a 'casa' cheia. Por isso estamos todos cada vez mais a convergir e, se assim for, ganhamos todos".

*João Martinho*



**Daniela Afonso**  
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65  
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953  
3590@solicitador.net

## 51.º ARTIGO O que pode fazer para não desperdiçar bebidas

Embora muitas pessoas não se percebem disso, há significativos impactos económicos e ambientais como resultado do desperdício de bebidas. Essas chávenas de chá que arrefecem, bebidas gaseificadas excessivamente grandes para se conseguirem terminar e garrafas de vinho que ficam a meio, todos somados custam dinheiro aos consumidores e contribuem para uma grande pegada de carbono.

Dados da Grã-Bretanha, referente a 2012, demonstraram que: “as bebidas foram responsáveis por 1,3 milhão de toneladas de resíduos. Aproximadamente 40% destes era inevitável (sacos de chá usados e borras de café), já os 60% restantes era evitável. Dos resíduos evitáveis, os refrigerantes representaram cerca de um terço, enquanto a quantidade de resíduos de vinho foi menor em 42.000 toneladas, mas, dado o seu alto valor por tonelada, os custos dispararam.

Aqui se apresentam algumas dicas úteis que ajudarão a reduzir a quantidade de bebidas desperdiçadas, e resíduos associados, nas nossas casas.

- Congele sobras de vinho na bandeja de cubos de gelo para usar mais tarde em guisados, cozidos e molho à bolonhesa.

- Use restos de vinho para marinar a carne com alho e outros temperos.

- A cerveja também fica muito bem em estufados, assados e em alguns bolos.

- Reaqueça bebidas que arrefeceram no microondas ou no fogão.

- Beba infusões de ervas (ex. menta, lúcia lima, erva príncipe), mesmo quando elas já arrefeceram – sabem igualmente bem, geladas.

- Escreva a data de abertura nas embalagens de bebidas de frutas para garantir que são consumidas dentro de período de tempo recomendado.

- Para manter o gás das bebidas coloque sempre a tampa, logo após servir-se e guarde na posição vertical no frigorífico.

- Se achar que vai fazer uma bebida de manhã e não chega a ter tempo para a consumir antes de ir trabalhar – coloque-a numa garrafa termos e acabe-a no caminho ou quando começar a trabalhar.

- Se o leite está prestes a ir pela banca abaixo porque não o conseguiu acabar e está de saída para férias, coloque-o em bandejas do cubo de gelo no congelador. Ótimo para chá e café! Ou se for uma quantidade excessiva limite-se a dobrar o topo do pacote e congele.

- Em festas, dê aos seus convidados um rótulo para colarem na sua lata, garrafa ou copo para ajudá-los a identificar a sua própria bebida - impede que perciam a noção de qual é a sua bebida e a deitem fora.

- Use o chá que ficou no bule e deixe de molho as frutas cristalizadas para o bolo inglês.

- Se faz as suas próprias bebidas de frutas frescas – use a polpa que sobra em bolos, especialmente delicioso em bolos de laranja e de cenoura.

- Sirva os cereais matinais infantis numa caneca - eles podem comer os cereais com a colher e depois beber o leite – evita-se o desperdício do leite.

- Se tiver sobras de sumo – faça gelados caseiros com elas.

- Se as crianças deixam muitas vezes bebidas, passe a servir em copo de menor tamanho.

- Receita de café frio - 1 e 1/2 chávenas de café frio, 2 chávenas de leite, 50 g de açúcar, 3 colheres de sopa de cacau em pó. Misture café, leite, açúcar e cacau em pó e sirva em copos com vários cubos de gelo.

- Ou então, simplesmente, café, água, gelo, uma rodela de limão e açúcar a gosto.

- Também pode fazer bolo de bolacha (bolacha maria) embebendo-as em café aquecido e barrando com uma mistura de margarina, açúcar e ovos (ou então chantilly) vai sobrepondo e no final cobre tudo com o creme restante.

Ana Cristina Costa

# Limpeza de terrenos até Prazo curto, muito traba “Bom senso deve imperar” no mom “a pressão obriga a que as coisas se

Desta vez, a Lei é para fazer valer: Até 15 de Março, todos os proprietários, arrendatários, usufrutuários e entidades que detenham terrenos inseridos em espaços rurais, mesmo não sendo proprietários das edificações que neles existam ou em área adjacente, deverão proceder à limpeza numa faixa não inferior a 50 metros do edificado.

O incumprimento é punível por lei e, para o ano de 2018, por força da Lei n.º 114/2017, de 29 de Dezembro, as coimas são majoradas para o dobro, ou seja, um mínimo de 280 euros no caso de pessoas singulares e 1600 euros no caso de pessoas colectivas (artigo 38.º do Decreto-Lei n.º 124/2006, de 28 de Junho).

Durante o mês de Fevereiro, as Juntas de Freguesia de Melgaço, em colaboração com a Câmara Municipal e o Núcleo de Protecção Ambiental da GNR realizaram acções de sensibilização para alertar a população sobre esta obrigatoriedade da limpeza dos terrenos, cujo perímetro de segurança indicado compreende qualquer edificado, residencial ou não, nomeadamente estaleiros, armazéns e outros.

Após o dia 15 de Março, nos casos em que se verifique o incumprimento das regras, o município substituir-se-á aos proprietários e outros responsáveis florestais na gestão da limpeza prevista na legislação, mediante comunicação e, na falta de resposta em cinco dias, por aviso a afixar no local dos trabalhos. No entanto, esta situação implicará, além da instauração de processo de contra-ordenação, o ressarcimento de todas as despesas efetuadas, conforme as disposições previstas na legislação.

As medidas de prevenção e planeamento arrancam este ano, mas não haverá soluções milagrosas nem capacidade para resolver os problemas da floresta em seis meses, assegura o autarca de Melgaço, Manoel Batista. “Não podemos querer, neste intervalo de meia dúzia de meses, fazer com que a floresta seja completamente diferente daquela que era há um ano, nem resolvermos a planificação da nossa floresta em seis meses, quando em quarenta anos não fomos capazes de o fazer”, reiterou.

No entanto, Manoel Batista manifestou a sua confiança nos objectivos a que o Governo se propôs para “atacar de frente a questão da floresta”.

Para já, a pressão está sobre a necessidade do cumprimento das medidas de prevenção e na cam-

panha informativa sobre método de limpeza, assim como das coimas a quem não cumprir uma lei que, apesar de não ser nova, promete ser menos intransigente. “Esperamos ter condições necessárias para fazer a intervenção posterior. No entanto, também sabemos que o tempo é escasso, podemos correr alguns riscos. Os municípios não têm condições para assumir na íntegra esta exigência que a lei coloca em cima deles”, explicava Manoel Batista em Fevereiro.

Findo o período de sensibilização e realização de trabalhos pelos particulares, a GNR, enquanto entidade fiscalizadora, tem legitimidade para autuar. Ainda assim, Manoel Batista diz que “o bom senso deve imperar” nesta fase de adaptação e face ao prazo apertado para a realização dos trabalhos.

Por outro lado, só a obrigatoriedade imposta pela lei causará “pressão forte para que as coisas se resolvam. Há situações muito delicadas junto de habitações que têm de ser acauteladas”, observou o autarca.

### Autóctones são fundamentais para o futuro da floresta melgacense

Há todo um trabalho estruturante que os municípios têm a fazer nas florestas. Se a par das competências técnicas que os municípios preparam para intervir no território chegarem as competências financeiras, abrirá uma nova fase para a reorganização florestal dos municípios.

O território de Melgaço é apoiado actualmente por quatro equipas de Sapadores Florestais: Uma em Castro Laboreiro, da Comissão de Baldios, criada em 2007; a equipa de Sapadores Florestais do município, criada em 2009; e ainda duas equipas para área de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, criadas no âmbito de um projecto piloto do Parque Nacional Peneda-Gerês.

A recente candidatura conjunta das freguesias de Parada do Monte, Cubalhão, Couso e Gave a uma equipa para intervenção na mancha florestal daquelas localidades de montanha, poderá alargar para cinco equipas de Sapadores no concelho.

A reflorestação das áreas ardiadas tem sido a medida adoptada pelo município, em parceria com empresas e associações ambientalista, mas também dos particulares

e juntas de Freguesia que procuram repor a mancha florestal que vem perdendo nos incêndios dos últimos anos. Com as limitações recentes á plantação do eucalipto, que floresta teremos, daqui a alguns anos?

“Eu não sou daqueles que demoniza o eucalipto como o mau da floresta. É verdade que o eucalipto é uma árvore endémica que onde entra, mais nada subsiste para além da própria e que rapidamente satura os solos, por isso não é desejável que a nossa floresta caminhe para uma eucaliptização. É fundamental este regresso às espécies autóctones, ao sobreiro, ao carvalho e ao castanheiro”, explica Manoel Batista.

A plantação “quadriculada”, promovendo a plantação de autóctones e consequentemente a criação de barreiras naturais à progressão desenfreada de incêndios, é a aposta que a autarquia diz querer trabalhar com provados, baldios e juntas de freguesia. “A riqueza da floresta não assenta só na madeira que é produzida, mas também na paisagem que queremos preservar e que é fundamental para outras áreas como é o turismo. Terá de ser uma paisagem cuidada e o regresso das autóctones é fundamental”, notou ainda o autarca.

João Martinho

\* \* \*

### LIMPEZA DA FLORESTA: ALGUMAS PERGUNTAS PERTINENTES:

1. Os terrenos que bordejam as estradas e que foram cedidos gratuitamente pelos proprietários para a construção delas, têm de acarretar agora, ainda com as despesas de limpeza, sendo que o benefício da estrada é para todos e não apenas para quem cedeu o terreno? Não seria mais justo que fosse a autarquia a promover a limpeza, desde que os proprietários não se oponham e exprimam esse desejo?

2. Quem tem uma árvore para dar sombra à casa de morada a menos de 5 metros, vai ter mesmo de a cortar, quando manifestamente não põe em perigo a casa, dado estar tudo bem limpo à volta e numa distância de mais de 50 metros?

3. Quem tem um pinhal imemorial e junto do qual outros construíram casas sem ter em conta que ele já lá existia, vai mesmo ser ele obrigado a cortar os pinheiros ou eucaliptos que estejam a menos de 5 metros de distância da casa?

# 15 de Março: lho ento de fiscalizar mas resolvam"



Em tem que ser ele também quem, numa distância de 50 metros, a contar das casas, tem de cuidar em que as copas dos pinheiros ou dos eucaliptos estejam afastadas umas das outras 10 metros? Não será mais um caso evidente de que há que formular de outra forma as responsabilidades e encargos com a limpeza?

Legislar desde os gabinetes ministeriais e da Assembleia da República é fácil, mas com lacunas que urge preencher para não causar danos irreparáveis a quem, realmente, nenhuma culpa tem. Como diz Manoel Batista, tem de haver bom senso.

*A Redação de "A Voz de Melgaço"*

# Instituída a Festa de Maria Mãe da Igreja Será celebrada na segunda-feira depois de Pentecostes



Foto extraída do Jornal Italiano Avvenire

Tem data de 11 de Fevereiro, mas foi comunicado este sábado, dia 3 de Março, o Decreto da Congregação do Culto Divino e dos Sacramentos que institui por vontade do papa Francisco a Festa de Maria Mãe da Igreja.

Esta nova festa ajudar-nos-á a recordar que a vida cristã, para crescer, deve ancorar-se no mistério da Cruz, na oblação de

Cristo na Eucaristia, na Virgem que oferece como Mãe do Redentor e dos redimidos. É uma festa universal e obrigatória para a Igreja de Rito Romano. Com tal festa, pretende-se promover uma devoção que favoreça o crescimento do sentido materno da Igreja, quer nos pastores, quer nos religiosos e fiéis, e também para uma piedade mariana cada vez mais genuína.

A data escolhida tem em conta a missão materna de Maria

manifestada no Cenáculo, rezando com os apóstolos em espera da vinda do Espírito Santo. Não é uma completa novidade, pois ao longo dos séculos, a Igreja sempre honrou Maria com os títulos de algum modo equivalentes: Mãe dos discípulos, dos fiéis, dos crentes, de todos os que renascem em Cristo, e também com o título de 'Mãe da Igreja' como aparece já em autores espirituais e também no magistério de Bento XIV e até Leão XIII.



**Peso  
Paderne  
Melgaço**  
Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, mini-bar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

**BONS PREÇOS**

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350  
geral@hotelboavistamelgaco.com  
www.hotelboavistamelgaco.com



**Canoagem  
Rapel  
Slide  
Canyoning  
Kart Cross  
Arvorismo  
Escalada**



**Camping de Lamas**

GPS: 42.036032 - 8.194294

geral@montesdelaboreiro.pt • (+351) 251 466 041

# NOS PASSOS DE JESUS

## Impressões de uma Viagem pela Terra Santa

### NAZARÉ, JORDÃO, MAR MORTO, JERICÓ, JERUSALÉM

O terceiro dia de permanência em Israel levar-nos-ia a Nazaré, onde Jesus viveu os primeiros anos da sua vida, ao local do baptismo de Jesus por João Baptista, no rio Jordão, ao Mar Morto e, com breve passagem por Jericó, finalmente a Jerusalém.

Por isso, levantámo-nos bem cedo – às 6.30 horas – para, tomado o pequeno-almoço e de malas aviadas pois mudaríamos de hotel, nos metermos no autocarro e partirmos rumo a



### Nazaré

Assente numa colina da Baixa Galileia, 350 metros acima do nível do Mediterrâneo, situada a cerca de 25 km do Mar da Galileia, 9 km do Monte Tabor e 115 km de Jerusalém, com uma população a rondar os 65.000 habitantes (68,7% de muçulmanos e 31,3 de cristãos), Nazaré é universalmente famosa, por ter sido o berço do Cristianismo, particularmente desde que identificada como o local onde o Anjo Gabriel visitou a Maria, para lhe anunciar que fora escolhida para ser Mãe de Jesus, o Filho de Deus.



Foi, com efeito, aí que, conta-nos S. Lucas (Lc 1, 26-38), “ao sexto mês” de gestação de João Baptista no seio de sua mãe, Isabel, “o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria”. Saudada Maria de uma forma um tanto misteriosa – “Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo!” –, logo o anjo tratou de tranquilizá-la, confidenciando-lhe: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo...” E, respondendo a uma sua natural interpelação – “Como será isso, se eu não conheço homem?” –, o anjo sossega-a, esclarecendo: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus”, de caminho aproveitando para, em jeito de reforço, lhe dar a notícia de que também a sua parente Isabel concebera um filho na sua velhice e já estava no sexto mês, “ela, a quem chamavam estéril”, porque “nada é impossível a Deus”. E Maria, humilde e disponível, confia-se inteiramente nas mãos de Deus: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”.

Foi, então, em Nazaré que Jesus foi concebido, no seio duma virgem, por obra e graça do Espírito Santo. E

foi aí que, depois de ocasionalmente nascido em Belém <sup>(1)</sup> e de ter sido levado para o Egipto, donde regressaria após a morte de Herodes <sup>(2)</sup>, foi aí que Jesus experimentou os primeiros passos e balbuciou as primeiras palavras; aí cresceu e foi educado; aí aprendeu a viver em sociedade e começou a frequentar a Sinagoga. Foi, assim, em Nazaré que Jesus viveu, no seio da sua família, o tempo da sua «vida oculta», aproximadamente até aos trinta anos de idade, em que iniciou a sua «vida pública», com o exercício do Seu ministério: “Ao iniciar o seu Ministério, Jesus tinha cerca de trinta anos” (Lc 3, 23).

Sobre a história de Nazaré, pelos estudos realizados a partir das escavações que lá se foram fazendo, sabe-se que era, ao tempo de Jesus, uma pequena aldeia judaica, metida dentro de um vale, rodeado de olivais e vinhedos; uma povoação sem importância social, cultural, política ou económica, constituída por escassas dezenas de famílias, que moravam em casas baixas e aglomeradas, na maior parte encravadas nas encostas dos morros; casas rústicas, escuras e mal ventiladas, mas que, por outro lado, eram frescas no verão e bem protegidas no inverno. Nazaré era, antes dos acontecimentos do Novo Testamento, uma insignificante comunidade que vivia da agricultura e do trabalho dos artífices e carpinteiros, que satisfaziam principalmente as necessidades dos viajantes. Mas era, não obstante, uma terra hospitaleira, qualidade nem sempre benéfica

para a fama da aldeia, muitas vezes tida como um lugar mal frequentado. É isso o que parece poder concluir-se, por exemplo, das palavras de Natanael, no Evangelho de São João: “Pode, porventura, vir coisa boa de Nazaré?” (Jo 1, 46) <sup>(3)</sup>. Como também parece resultar das desoladas palavras de Jesus, ante a incrédula reacção dos seus conterrâneos aos ensinamentos que lhes ministrava na sua sinagoga: «Um profeta só é desprezado na sua pátria e em sua casa»; pelo que “não fez ali muitos milagres, por causa da falta de fé daquela gente.” (Mt 13, 57-58).

Hoje, porém, Nazaré é uma cidade bem urbanizada, agradável, acolhedora e importante, para Israel e para a humanidade, que em grande número aí ocorre ao longo do ano, sejam fiéis e devotos cristãos, ansiosos por ver e tocar o local sagrado onde o Anjo Gabriel visitou a Virgem Maria, para anunciar-lhe que iria ser a mãe do Filho de Deus, sejam cientistas e pesquisadores, sobretudo arqueólogos, que ali procuram evidências materiais das histórias narradas na Bíblia. Uns e outros incentivados, também, pela pacífica convivência entre as diferentes etnias e religiões que ali se verifica, não obstante tratar-se de uma região famosa pelos frequentes conflitos étnicos, religiosos e territoriais.

Dos vários monumentos celebrativos de acontecimentos bíblicos ali ocorridos, que chamam a atenção dos visitantes, destacamos os seguintes: a) a **Basílica da Anunciação**, o maior

santuário cristão do Médio Oriente, que assinala o local onde, segundo a Tradição Católica, se deu a Anunciação; b) há, porém, outro santuário que celebra o mesmo acontecimento, a **igreja de S. Gabriel**, dos cristãos ortodoxos de rito grego, que apontam outra possibilidade de localização da Anunciação; c) a **igreja de S. José**, erigida sobre os restos de uma casa que a piedade popular há muito identificou como a casa da Sagrada Família, onde também estaria a carpintaria do pai adoptivo de Jesus; d) a **Igreja da Sinagoga**, greco-católica melquita, que foi, segundo a Tradição, o local onde Jesus várias vezes pregou; e) a **Basílica de Jesus Adolescente**, da ordem religiosa dos Salesianos, situada num morro próximo da cidade; f) e há, ainda, a **Fonte da Virgem**, aonde Maria iria buscar água para as lides domésticas, e g) o **Túmulo do Justo**, no lugar onde terá sido sepultado o Santo Patriarca.

Nós, porque o tempo era escasso, visitámos mais demoradamente apenas a **Basílica da Anunciação** e a **Igreja de S. José**

### Basílica da Anunciação

Igreja que homenageia a Mãe de Jesus, a **Basílica da Anunciação** foi construída no local onde Maria nasceu, viveu a sua infância, cresceu e recebeu do anjo o anúncio de que, por intervenção divina, conceberia e daria à luz o próprio filho de Deus.

A igreja actual é um imponente e muito belo edifício de dois andares,

acabado de construir em 1969, no local onde antes estivera uma igreja do tempo das Cruzadas, a qual, por sua vez, fora construída sobre as ruínas de uma antiga construção bizantina.

No primeiro, no interior da igreja, está a **Gruta da Anunciação** e o que resta das ruínas do que se acredita ter sido a casa onde Maria nasceu, cresceu e recebeu o anúncio do Anjo; e no andar de cima, fica a igreja propriamente dita, com o altar e os lugares para os fiéis. Toda a construção culmina num lindo telhado em forma de lírio.

Na sua imponente fachada pode ver-se, lá bem ao alto, uma inscrição reveladora do mistério ali celebrado - «**ANGELUS DOMINI NUNTIAVIT MARIAE**», isto é, «**O Anjo do Senhor anunciou a Maria**» - e, mais abaixo, sobre a porta principal - «**VERBUM CARO FACTUM EST ET HABITAVIT IN NOBIS**» - «**O Verbo fez-se carne e habitou entre nós**».

Toda a igreja é profusamente decorada, por dentro e por fora, com lindas imagens da Virgem Maria, enviadas de todo o mundo católico, e também de Portugal. No interior da Basílica, com efeito, pode ver-se, em grande destaque, a presença de Portugal, através de um belo painel de azulejos representando **Nossa Senhora de Fátima**; poderá também contemplar-se, no exterior, um outro painel com **Nossa Senhora da Conceição**, oferecido em 2012, onde, bem visíveis, aparecem estes dizeres:

*Continua na pág. seguinte*



**Continuação da pág. anterior**

Nossa Senhora da Conceição / Rainha de Portugal

Em comunhão com a Igreja Mãe da Terra Santa.

Ordo Equestris Sancti Sepulchri  
MMXII

**Igreja de S. José**

A uns cem metros da Basílica da Anunciação, encontra-se a **Igreja de São José**, ou a «cripta de S. José», erguida sobre os escombros do que se acredita ter sido a casa da Sagrada Família, com a carpintaria de S. José, onde também Jesus terá aprendido o ofício.

O templo com que deparamos, de estilo neorromânico, foi construído em 1914, sobre ruínas de construções anteriores. Havia, com efeito, ali, uma igreja do tempo dos cruzados, que os muçulmanos arrasaram no séc. XIII. Quando, pelo ano de 1600, os franciscanos chegaram a Nazaré, deram-se conta de que entre os cristãos dali se havia transmitido uma

Não obstante não podermos, apenas pelos estudos dos vestígios arqueológicos, afirmar com total segurança ter sido esta e não outra a casa da Sagrada Família, dando crédito à antiga tradição popular, poderemos ir até à cripta da igreja de S. José para, guiados pela imaginação e pelo exíguo relato bíblico, entrar naquele lar de Nazaré onde Jesus passou trinta anos da sua vida na terra. Foi aí, conta S. Mateus, que, “*Despertando do sono, José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor, e recebeu sua esposa.*” (Mt 1, 24).

Finda a visita, eis-nos de novo na estrada, em direcção ao Sul, rumo ao Mar Morto, detendo-nos, primeiro, no

**Local do Baptismo do Senhor**

Um pouco antes de o Rio Jordão desaguar no Mar Morto, eis o local onde Jesus teria sido baptizado por João Batista.

Estamos em *Qasr al Yahud*, zona de fronteira com a Jordânia. Inaces-

É o que fazem, por exemplo, durante a Epifania – que celebram de 14 a 18 de Janeiro – muitos cristãos ortodoxos do mundo inteiro, que ali vão baptizar-se.

O local vale pelo contexto, pelo enquadramento, pela memória! Ali, antes de iniciar o seu ministério, a sua «vida pública», foi Jesus baptizado, por João Baptista, enquanto “*uma voz vinda do Céu dizia: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado»*” (Mt 3, 17). De resto, ali, quase tocando, do outro lado, a Jordânia, o rio é uma desilusão: estreito, pouco caudaloso, de águas turvas, pouco agradáveis.

Mas o relógio não pára, o estômago reclama combustível. Fomos almoçar, calmamente, num restaurante ali próximo, para logo continuarmos o nosso percurso e dispormos de algum tempo de lazer, junto ao

**Mar Morto**

Único no género, situado, a cerca de 80 Km de Jerusalém e 149 de Tel

não sobrevivem – Mar Morto! – e os banhistas flutuam quase forçosamente, gozando uma sensação difícil de descrever, mas que ajuda a explicar o sucesso dos seus balneários.

Em ambas as margens abundam spas, resorts, clínicas terapêuticas, que oferecem tratamentos à base de lamas e das oleosas águas daquele mar, ricas, além do mais, em mais de 35 tipos de minerais, alimento, também, de uma poderosa indústria cosmética.

De ano para ano, contudo, tem-se vindo a reduzir preocupantemente o volume das suas águas. Entre as causas dessa drástica redução, além da natural evaporação, sobressaem o aumento, por parte das autoridades de Israel e da Jordânia, da captação, para projectos de irrigação, das águas do seu principal tributário, o rio Jordão, única fonte de água doce da região, e a descontrolada extração sobretudo de potássio, por indústrias mineradoras e químicas que aí se instalaram nas décadas de 40 e 50. (4)

Enquanto as autoridades não de-

do mar; porque a densidade de sal é tão elevada que um mero salpico parece queimar a língua; e qualquer pequeno corte ou irritação de pele arderá horrores ao primeiro contacto com aquela água... - mas, como diz o ditado, «o que arde cura»...

E vale a pena! Um banho na inesquecível textura daquelas águas de uma oleosidade extrema assemelha-se a um repousante mergulho numa gigantesca banheira de óleos essenciais, donde se sai com a agradável sensação de uma hidratação perfeita, apenas prejudicada pela falta de um odor mais acentuado, pois aquele mar não cheira a nada.

Após esta experiência, e tendo em conta as características únicas destas águas e desta região, compreende-se bem se tenha esta zona do Mar Morto convertido num *Centro Internacional* para o *Tratamento de Doenças de Pele*, em particular a *psoríase*.

Terminada esta incursão no Mar Morto, a nossa viagem prosseguiu, agora rumo a



tradição popular que identificava essa igreja – também chamada «da Nutrição», por ser o sítio onde teria sido criado o Menino Jesus – com a oficina de S. José e a casa onde vivera a Sagrada Família. Escavações realizadas em 1908 puseram a descoberto restos de uma primitiva igreja bizantina (séc. V-VI), que teria sido construída no lugar onde, ainda hoje – na cripta –, se podem observar dependências de uma casa que os arqueólogos datam do séc. I ou II da nossa era: uma adega escavada na rocha, vários celeiros, cisternas para a água...

sível, por causa da guerra, entre 1948 e 1994, o acesso foi reaberto em 2000, na sequência do acordo de paz firmado entre Israel e a Jordânia. Não muito longe de Jericó e do Mar Morto, é um local próximo e em frente ao existente do outro lado, na Jordânia.

A pesar da presença de soldados armados, anda-se, aqui, cómoda e tranquilamente.

Recordando o baptismo de Jesus, por João Baptista, muitos ali acorrem, a recordar o seu próprio baptismo, a renovar as respectivas promessas, ou mesmo a baptizar-se.

Aviv, numa região desértica – onde, no Verão, as temperaturas facilmente ultrapassam os 40 graus, proporcionando um tempo insuportavelmente seco –, o *Mar Morto* constitui uma das mais interessantes atracções de Israel e da Jordânia, os dois países que a meias o partilham.

Com 60 Km de comprimento e 15 de largura máxima, localizado 470 metros abaixo do nível do mar (o Mediterrâneo), alimentado quase exclusivamente pelo rio Jordão, as suas águas, com uma quantidade de sal dez vezes superior à dos oceanos, têm este duplo efeito: aí, os peixes

cidem a melhor forma de lidar com um anunciado desastre ambiental, a região oferece aos visitantes uma desoladora beleza, disponível para ser fruída.

Normalmente, a experiência de entrar no Mar Morto constitui uma surpresa. A extrema densidade daquela água exerce uma inesperada pressão que levanta as pernas, torna difícil o equilíbrio e fazendo da actividade de boiar uma brincadeira de crianças, a executar com redobrados cuidados de adultos prevenidos. Porque é fácil magoar-se nas muitas pequenas pedras que vestem o fundo

**Jericó**

Situada nas proximidades do rio Jordão, Jericó é considerada a cidade mais antiga do Mundo: a sua primeira organização urbana terá começado há uns 11.000 anos (9.000 a. C), ainda durante a pré-história.

Testemunha de vários acontecimentos bíblicos, Jericó aparece citada tanto no Velho como no Novo Testamento. Assim, de acordo com o livro de Josué, ela é a primeira cidade conquistada pelos Hebreus, no seu regresso da escravidão do Egipto, a

*Continua na pág. seguinte*

**Continuação da pág. anterior**

caminho da Terra Prometida, como pode ler-se em Josué, 6, 1-27.

Mas Jericó é também o lugar onde Jesus curou dois enfermos: o mendigo *Bartimeu*, enfermo de cegueira, e *Zaqueu*, cobrador de impostos, enfermo da alma, pelos seus pecados (Lc 18-19). Os poucos sicómoros que restam na actual Jericó recordam aos peregrinos a árvore a que Zaqueu subiu para ver Jesus.

Jericó é, ainda, mencionada no Novo Testamento no contexto da parábola do *bom samaritano*: o homem que caiu nas mãos dos salteadores (que o roubaram, maltrataram e abandonaram meio morto) "*descia de Jerusalém para Jericó*", e quem dele de aproximou e o tratou convenientemente não foi o sacerdote (que "*ao vê-lo passou ao lado*"), nem o levita (que, "*vendo-o, passou adiante*"), mas um samaritano (um estrangeiro, que "*chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão*". (Lc 10, 29-37).

Há ali uma pequena igreja católica latina dedicada ao Bom Pastor. É a igreja paroquial de uma pequena comunidade de cerca 200 cristãos árabes. Bem próximo, uma igreja ortodoxa ocupa-se de 250 fiéis. Duas escolas católicas (uma masculina, outra feminina) acolhem todas as crianças das famílias católicas e ortodoxas, e um bom número de crianças muçulmanas. Vivem em Jericó cerca de 25000 habitantes muçulmanos.

E foi em Jericó, no trajecto do Mar Morto para Jerusalém, que nos detivemos um pouco, descansando, olhando a paisagem circundante <sup>(5)</sup>, fazendo algumas compras no comércio local, partilhando o gozo de uns quantos companheiros que ousaram uma breve viagem montados no dorso de um dócil camelo que, educadamente servil, se ajoelhava para receber e devolver os destemidos viajantes.

Recuperadas as energias, retomámos viagem rumo a Jerusalém, aonde iríamos pernoitar, nesse e nos dias seguintes.

<sup>(5)</sup> Em obediência a um édito de César Augusto (imperador romano de 30 a.C. a 14 d. C.), ordenando um recenseamento de toda a população, cada um na sua cidade, também José, deixando Nazaré, "*subiu até à Judeia, à cidade de David,*

*chamada Belém, por ser da casa e linhagem de David, a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida.*" Entretanto, apressou-se a hora do parto e Maria deu à luz. (Lc 2, 1-7).

<sup>(2)</sup> Por influência dos magos, a notícia do nascimento de Jesus chega aos ouvidos de Herodes, que logo trata de informar-se acerca do local onde ele teria ocorrido. Informado de que seria em Belém, pede aos magos que, depois de encontrarem o menino, o informem minuciosamente, para também ele poder ir adorá-lo. Encontrado, porém, e adorado o Menino, os magos, avisados em sonhos por um anjo para não voltarem junto de Herodes, "*regressaram ao seu país*", mas "*por outro caminho*". Seguidamente, "*o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o menino para o matar».* E José assim fez. E seguiu-se o martírio dos inocentes. Passado algum tempo, morto Herodes, José, de novo avisado em sonhos pelo anjo do Senhor, levantou-se, "*tomou o menino e sua mãe e voltou para a terra de Israel*". Voltou, então, para Nazaré. (Mt 2, 19-23).

<sup>(3)</sup> *Filipe*, há pouco tornado discípulo de Jesus, encontrando *Natanael*, revela-lhe: "*Encontrámos aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas: Jesus, filho de José de Nazaré.*" É então que *Natanael*, em tom desdenhoso, considera: "*De Nazaré, pode vir alguma coisa boa?*" O que logo lhe valeu, de Jesus, este elogioso comentário: "*Aí vem um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento.*" (Cf. Jo 1, 45-47).

<sup>(4)</sup> A contínua perda das águas do Mar Morto causa uma redução da sua área e profundidade, relativamente ao nível médio das águas do Mediterrâneo. Entre 1930 e 1997, o nível das águas do Mar Morto diminuiu 21 metros. Entre 1992 e 2014, a média de aumento deste desnível foi de quase 1 metro por ano: em 1992, o desnível era de 407 metros; em 2004, era de 417 metros; em 2010 era de 423 metros; e em 2014, o desnível era de 427 metros.

<sup>(5)</sup> Especial atenção merecem, aqui, o *Monte das Tentações* – de acordo com a tradição e a narrativa evangélica (Mt 4, 8-10), após o Baptismo no Jordão, cumpridos 40 dias de oração e jejum no deserto, prestes a iniciar a sua «vida pública», Jesus foi aqui tentado pela terceira vez: "*Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares*" –, e o *Mosteiro da Tentação* – um mosteiro cristão ortodoxo situado no mesmo monte, 350 metros acima do nível do mar, voltado para Jericó e o Vale do Jordão, gerido pela Igreja Ortodoxa de Jerusalém, e a que comodamente se pode aceder num teleférico doado pela Suíça.

Júlio Vaz  
Fotos: Ester Taveira

# Para a Quaresma 2018



PROGRAMA



#24horasparaoSenhor

24 horas para o Senhor  
«Em Ti, encontramos o perdão»  
SI 130,4

**SEXTA FEIRA | 9 de Março**

18:00 CELEBRAÇÃO DA EUCHARISTIA  
PELA RECONCILIAÇÃO

21:00 CELEBRAÇÃO MISTAGÓGICA  
SACRAMENTOS DE INICIAÇÃO CRISTÃ  
BAPTISMO  
CONFIRMAÇÃO  
EUCHARISTIA

00:00 LITURGIA DAS HORAS  
COMPLETAS

**SÁBADO | 10 de Março**

03:00 VIGÍLIA  
ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

06:00 LITURGIA DAS HORAS  
OFÍCIO DE LEITURA

09:00 LITURGIA DAS HORAS  
LAUDES

12:00 LITURGIA DAS HORAS  
HORA INTERMÉDIA | SEXTA

15:00 LITURGIA DAS HORAS  
HORA INTERMÉDIA | NOA

18:00 LITURGIA DAS HORAS  
VÉSPERAS DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Igreja Matriz de Melgaço  
9 e 10 de Março



Acolhendo o apelo lançado pelo Papa Francisco, também o Arciprestado viverá este tempo favorável juntando-se ao Papa nesta jornada de Oração.

Para melhor organização e para que todas as paróquias estejam presentes, fizemos um programa com celebrações comunitárias e celebrações paroquiais sendo que durante as 24 horas haverá, também, a possibilidade de os participantes celebrarem o Sacramento da Reconciliação tal como refere o Papa na mensagem. Esta iniciativa decorrerá na igreja mãe do nosso arciprestado, tendo início às 18:00 horas de sexta e terminando às 18:00 de sábado, com Vésperas Solenes do Santíssimo Sacramento. Desde já convidamos todos a participar quer nas orações comunitárias quer nas horas destinadas a cada paróquia, tendo em conta que cada pessoa poderá participar a qualquer hora.

- 18:00 - 19:00 Celebração da Eucaristia Pela Reconciliação
- 19:00 - 20:00 Paróquia de Castro Laboreiro Paróquia de Remoães Paróquia de Fiães
- 20:00 - 21:00 Paróquia de Lamas de Mouro Paróquia de Prado
- 21:00 - 22:00 Celebração Mistagógica Sacramentos de Iniciação Cristã
- 22:00 - 23:00 Paróquia de Paderne Paróquia de Penso
- 23:00 - 00:00 Jovens da UP Bartolomeu dos Mártires
- 00:00 - 01:00 Liturgia das Horas Completas
- 01:00 - 02:00 Jovens da UP Paulo VI
- 02:00 - 03:00 Paróquia da Vila
- 03:00 - 04:00 Vigília de Oração Pelas Vocações
- 04:00 - 06:00 Oração Livre Todas as Paróquias
- 06:00 - 07:00 Liturgia das Horas Ofício de Leitura
- 07:00 - 08:00 Paróquia de Chaviães Paróquia de São Paio
- 08:00 - 09:00 Paróquia de Cubalhães Paróquia da Gave
- 09:00 - 10:00 Liturgia das Horas Laudes
- 10:00 - 11:00 Paróquia de Couso
- 11:00 - 12:00 Paróquia de Rouças Paróquia de Paços
- 12:00 - 13:00 Liturgia das Horas Sexta
- 13:00 - 14:00 Paróquia de Cristóval Paróquia de Alvaredo
- 14:00 - 14:30 Catequese de Chaviães Catequese de Rouças / São Paio
- 14:30 - 15:00 Catequese de Paços Catequese de Alvaredo
- 15:00 - 16:00 Liturgia das Horas Noa
- 16:00 - 16:30 Catequese Interparoquial da Vila
- 16:30 - 17:00 Catequese do Alto Mouro
- 17:00 - 18:00 Paróquia de Parada do Monte
- 18:00 Vésperas do Santíssimo

## Adega sabino

Largo Hermenegildo Solheiro, n.º 46 - Melgaço  
Tlf. (+351) 251 404 576 | Tlm. (+351) 963 452 031  
E-mail: restaurante.sabino@sapo.pt

**ESPECIALIDADES:**

- CABRITO DO MONTE
- BACALHAU COM BROA
- ARROZ 'PICA-NO-CHÃO'
- LAMPREIA E SÁVEL\*

\* (NA ÉPOCA)

42° 6' 46" N / 8° 15' 32" W

## SERRALHARIA BOAVISTA

DE: **Rodrigues & Sarandão, Lda**  
Boavista - Rouças | Tel. 251 403 567  
4960 MELGAÇO

# Juntas de Freguesia – O Parente Pobre da Câmara Municipal

**No orçamento apresentado pela Câmara de Melgaço para o corrente ano de 2018, votado na reunião da Assembleia Municipal de 25 de novembro de 2017, prevenido, do lado da despesa, um gasto superior a dezanove milhões e meio de euros (concretamente 19.590.610,00 €uros), foram previstas transferências de capital para o total das 13 (treze) Juntas de Freguesia de apenas 180.000,00 €uros, sendo que, se dividíssemos esse valor total, irmanamente, resultaria uma fatia de 17.692,30 €uros para cada uma delas.**

O total percentual das transferências para as Juntas traduz, pois, somente 0,92% do total do Orçamento Municipal.

Questionado sobre valores tão diminutos ou exíguos, tendo presente que são as Juntas de Freguesia, confessadamente, o parceiro privilegiado da Câmara (até pela proximidade e área de abrangência de atuação), para suprir as necessidades das populações ou comunidades locais, em termos de obras, sejam de investimento ou de simples manutenção e conservação, o senhor Presidente da Câmara informou-nos que havia cabimentado no Orçamento as verbas que os senhores Presidentes de Junta lhe haviam pedido ou solicitado.

O assunto em deliberação na passada Assembleia Municipal de 23/02/2018 – Acordos de Execução com as Juntas de Freguesia – previa a celebração dos acordos previstos no artigo 133º da Lei nº 75/2013, de 12 de setembro, e densificando ou dando concretização ao que se prevê no artigo 131º do citado diploma legal, onde se preceitua que:

- “No respeito pela intangibilidade das atribuições autárquicas e intermunicipais, o Estado concretiza a descentralização administrativa promovendo a transferência progressiva, contínua e sustentada de competências em todos os domínios dos interesses próprios das populações das autarquias locais e das entidades intermunicipais, em especial no âmbito das funções económicas e sociais.”

Os Acordos de Execução, a celebrar pela Câmara de Melgaço

neste caso em concreto, preveem a atribuição de verbas, única e exclusivamente, em matéria de limpeza de bermas e valetas das vias públicas, e apenas com as cinco, seguintes, Juntas de Freguesia: Paderne, Cristóval, Couso, União das Freguesias de Prado e Remoães e União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro.

Com a única exceção da Freguesia de Paderne, contemplada com a verba de 20.000,00 €uros, todas as demais (quatro) Juntas receberão, no âmbito dos falados acordos, e para os descritos fins, cada qual, o valor de 15.000,00 €uros.

O total das referidas verbas totaliza 80.000,00 €uros.

Atente-se, agora, no seguinte:  
– Pegando no concreto exemplo da Freguesia de Cristóval, de cujo orçamento para o ano de 2018 consta, do lado da receita, a verba de 117.870,00 €uros como sendo a transferir do Orçamento Municipal, verba que, segundo o senhor Presidente da dita Junta, lhe foi prometida pelo Presidente da Câmara, se a tal montante retirarmos os 15.000,00 €uros relativos ao Acordo de Execução com ela celebrado, ficam, ainda, a faltar 102.870,00 €uros.

Ora, se, aos 180.000,00 €uros do total das transferências de capital do Orçamento Municipal para o global das Juntas retiramos os 80.000,00 €uros dos Acordos de Execução, com 5 (cinco) delas celebrados, o sobranço – 100.000,00 €uros – não chega sequer para cumprir com a transferência de verbas prometidas a Cristóval.

Colocámos, pois, ao senhor Presidente da Câmara as, seguintes, duas questões:

1ª - É verdade ou falsidade que os tais 180.000,00 €uros correspondem ao total do que lhe foi pedido pelas treze Juntas de Freguesia?

2ª - É verdade ou mentira que foram prometidos pelo senhor Presidente à Junta de Cristóval 117.870,00 €uros de transferências para o ano de 2018?

Em resposta à primeira questão posta, o senhor Presidente da Câmara já não reiterou, ou confirmou, que os tais 180.000,00 €uros correspondiam ao total das solicitações dos senhores Presidentes de Junta, antes tendo, agora, afirmado que esse valor correspondia à “percepção” do que a Câmara entendia serem as necessidades das Juntas, e a segunda questão colocada simplesmente não obteve resposta (não obstante, em face dessa omissão de pronúncia, lhe termos dirigido

a pergunta por uma segunda vez, com o mesmo resultado).

Nenhum dos senhores Presidentes de Junta presentes na Assembleia, incluindo o de Cristóval, se pronunciou, designadamente negando a promessa de transferência dos referidos 117.870,00 €uros. Devemos interpretar o seu silêncio como confirmação ou desmentido?!...

Não tendo sido aquela promessa, a Cristóval, negada, fosse por quem fosse, **esgotado o total das verbas orçamentadas para as Freguesias no âmbito dos cinco Acordos de Execução e o cumprimento da promessa a Cristóval**, perguntámos, o que nos causa suma preocupação:

– Como vão as cinco Juntas de Freguesia (que outorgaram os Acordos de Execução), com que verbas, poder concretizar as suas atribuições e competências no que vai para além da limpeza de bermas e valetas?

– E como vão todas as demais 8 (oito) Juntas de Freguesia – União das Freguesias de Chaviães e Paços; União das Freguesias de Vila e Roussas; Alvaredo; Penso; Gave; União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão; São Paio e Fiães –, com que verbas, a receber como e quando, dar execução aos planos de atividades que elaboraram e previstos executar no corrente ano de 2018?!

– É ou não (pergunta-se, finalmente) um facto o de que as Juntas de Freguesia (contempladas com apenas 0,92% do total do Orçamento Municipal, do lado da despesa, e, para mais, com a distribuição, pouco igualitária, equilibrada ou equitativa, a que atrás se aludiu, deixando, pelos números e factos apresentados, oito delas de fora), continuam a ser o parente pobre da Câmara Municipal de Melgaço?!

(P`la Coligação, o deputado municipal, José Albano Esteves Domingues)

## GAZETILHA

Custa,  
Oh se custa!...  
Custa,  
Engolir em seco.  
Custa,  
Oh se custa!...  
Custa,  
Cair em saco roto.  
Quando se nasce,  
Regra geral,  
A vida nos sorri,  
E dá amor.  
Quando se cresce,  
Normalmente,  
As portas se abrem,  
À beleza.  
Quando são os outros,  
É muito fácil!...  
O vizinho da porta,  
Que se assumia!...  
Se a nós diz respeito,  
É mais difícil!...  
As coisas se complicam,  
Lá vem a lição!...  
Custa,  
Oh se custa!...  
Custa,  
Dar a mão à palmatória.  
Custa,  
Oh se custa!...  
Custa,  
Ver ruir o que é nosso.  
Viver com dignidade,  
É um direito.  
Só nós é que sabemos,  
O que machuca.  
Que bom é ser livre,  
Sem problemas.  
O poder do perdão,  
É divino.  
As agruras da vida,  
São desumanas.  
O toque dos covardes,  
Dita a traição.  
Mísero invejoso,  
É um coitado.  
E a fanfarronice,  
Paga-se cara.

Entenda-se então:  
- Parir é mais que dor!...  
- Criar é mais que amor

Álvaro Carvalho

## Óscar do cinema para «A Forma da água»

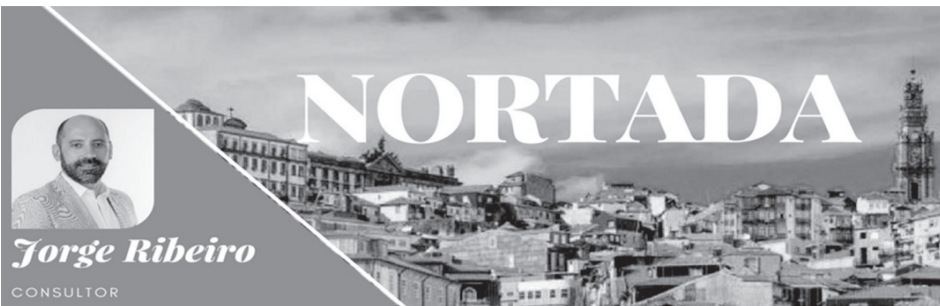
Sem surpresas, o filme de Guillermo del Toro, «A forma da água» foi o grande vencedor dos óscares referentes aos filmes de 2017.

## AGÊNCIA Funerária Mira

DISTINGUIMO-NOS PELA LONGA EXPERIÊNCIA, COMPETÊNCIA E ACOMPANHAMENTO

**TODOS OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS E DE ARRANJOS PARA OS CEMITÉRIOS, BEM COMO DESLOCAÇÃO NOS CASOS DE CREMAÇÃO**

RUA DR. AFONSO COSTA, 42 · MELGAÇO  
Tels: 963 095 087 · 251 404 014 · 251 416 237



## No país dos idosos

Portugal tem hoje em dia cerca de 10.000.000 de habitantes, dos quais 2.100.000 são idosos. Ou seja, cerca de 21% da população portuguesa tem mais de 65 anos.

Estudos demográficos prevêem que nas próximas 6 décadas o número de portugueses diminua para 7.500.000, mas com os idosos a aumentarem para 2.800.000. Quer isto dizer que a percentagem de idosos passará para 67%.

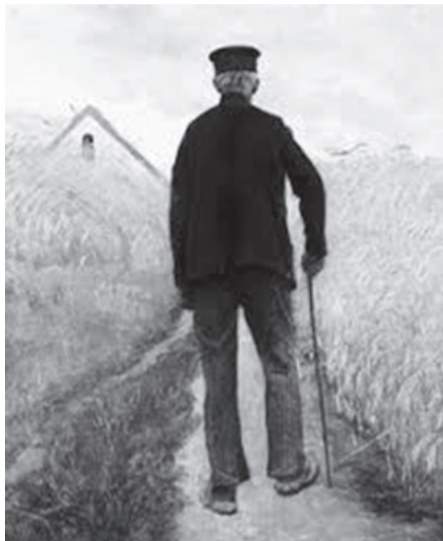
A situação agudiza-se quando falamos de regiões de interior, em que concelhos como Melgaço se destacam, onde atualmente a percentagem de população idosa já atinge, nos dias de hoje, os 37%, ou seja, os mesmos números alarmantes previstos para a média nacional daqui a 60 anos. O que quer também dizer que, dentro desse período de tempo, estes territórios passarão a ter mais de dois terços da sua população com idade superior a 65 anos.

O aumento da idade média da população assenta no aumento da esperança média de vida, na diminuição da taxa de natalidade e em saldos migratórios negativos. Já o facto deste aumento ser ainda mais acelerado nos territórios de interior, deve-se certamente a variadas razões, das quais não podemos deixar de destacar a falta de apostas efetivas na coesão territorial, nomeadamente com medidas de discriminação positiva fortes, corajosas, à altura do problema.

O grosso destas políticas deveria ser emanado pelo poder central, pelos governos, pela Assembleia da República. É aí que reside a faculdade de produzir legislação capaz de influenciar as opções dos portugueses, em especial dos jovens, na hora de decidir onde fixar a sua residência, onde constituir família. Estamos a falar de aposta ao nível do ensino, do acesso à saúde, de isenções e outras medidas de caráter fiscal.

Mas também o poder local, as autarquias tem algumas responsabilidades neste percurso negativo. Há umas semanas, ouvia o Professor Daniel Bessa falar da sua experiência enquanto presidente da Assembleia Municipal de Vila Nova de Cerveira. Dizia que quando assumiu o cargo, no primeiro dia, perguntou a si mesmo como poderia chegar ao fim do mandato e avaliar a sua atuação como autarca. E chegou à seguinte resposta: "Terei feito um bom trabalho se, daqui a quatro anos, houver em Vila Nova de Cerveira mais um habitante do que hoje".

Quando o principal problema de um território é a desertificação e o envelhecimento populacional, devia ser este o desígnio dos responsáveis pelas políticas nesses territórios. Não é isso que tem transpare-



cido, mas devo concordar que também não tem sido essa a principal exigência e preocupação das populações, dos eleitores. Há aqui um claro problema de consciencialização.

Simultaneamente, ao mesmo tempo que assistimos, mais ou menos impávidos e serenos, a esta situação, perante a resignação patente, enquanto nos é transmitida a sensação de inevitabilidade deste percurso, os números deixam claro que estamos a tornar-nos cada vez mais num país de idosos e, como tal, deveríamos estar cada vez mais preocupados com esta faixa etária da população, desenvolvendo políticas capazes de garantir uma velhice com qualidade, proporcionando o bem-estar a que a terceira idade tem direito.

No entanto, tem vindo a público notícias preocupantes que deixam antever exatamente o contrário:

"Estamos no topo da Europa como o país que menos investimento tem para os idosos"

"Estudo da Organização Mundial de Saúde que envolveu 53 países coloca Portugal no grupo dos cinco piores no tratamento aos mais velhos"

"Parlamento chumba proposta que previa penas de prisão e sanções como o afastamento da herança para quem abandone um idoso num hospital ou se aproveite das suas incapacidades mentais para ficar com o seu património"

"Portugal 2020 com valores residuais para equipamentos sociais"

Não nos podemos resignar. Se o facto de aceitarmos como uma inevitabilidade deste percurso acelerado de envelhecimento das nossas populações, faz de nós maus governantes, o abandono das políticas de proteção dos idosos, faz de nós más pessoas.

## Publicidade das Reuniões - Câmara de Melgaço cumpre Serviços Mínimos

Temos ouvido o senhor Presidente da Câmara dar o seu louvor pela participação dos munícipes nas reuniões que tem sido públicas.

Temo-lo ouvido afirmar que é importante que haja participação dos Melgacenses na vida política e, bem assim, que se mantenham informados sobre os dossiers do Município.

E é um facto o de que todas as reuniões que até agora foram públicas tem tido a presença de público.

No relatório da atividade da Câmara Municipal que foi distribuído na Assembleia Municipal do passado dia 23 de fevereiro de 2018, mais se diz, a propósito da primeira reunião descentralizada do executivo (ocorrida em Castro Laboreiro, no dia 27/12/2017), e citamos, que se visa o "*propósito do envolvimento da população, proporcionando-lhes uma maior possibilidade de participação na gestão do território*".

Na referida Assembleia Municipal o senhor Presidente da Câmara voltou a desafiar os Melgacenses a marcarem presença nas reuniões do executivo municipal.

E chegados aqui cumpre-nos perguntar:

1 - Como é que se compatibiliza tudo isto com o fechar das portas a todas as reuniões exceto a última de cada mês?

2 - Como é que se dá concretização à democracia participativa propugnada pela Constituição da República Portuguesa?

3 - Do que é que o executivo PS tem receio para não franquear as portas ao público em todas as reuniões (como o fazem, e cada vez mais, outros municípios, do que são exemplo a Câmara do vizinho concelho de Monção, ou a do concelho de Braga, centro urbano de maior dimensão com proximidade geográfica a Melgaço)?

Respondeu o senhor Presidente da Câmara, na última reunião descentralizada, que teve lugar na Freguesia de Penso no passado mês de Janeiro, versando sobre a proposta apresentada pelos vereadores da Coligação PPD/PSD-CDS/PP, no sentido de que todas as reuniões do Executivo fossem abertas ao público, que o Regimento da Câmara Municipal foi aprovado há apenas alguns meses atrás.

Mas o senhor Presidente esqueceu-se de referir que logo quando esta questão foi colocada, no início do mandato, o mesmo referiu que, se se viesse a justificar, mormente em função da presença de público, a todo o tempo esse Regimento poderia vir, nessa matéria, a ser alterado.

Esqueceu-se, também, o senhor Presidente, que os Regimentos e Regula-

mentos existem para, quando necessário for, serem alterados (repare-se, a título de exemplo, que a Câmara submeteu a aprovação, pela Assembleia do passado dia 23/02/2018, uma alteração ao Regulamento Municipal de Trânsito e Estacionamento, que havia sido aprovado há menos de 3 meses atrás, concretamente na Assembleia Municipal de 25/11/2017).

Estamos seguros que o senhor Presidente da Câmara Municipal de Melgaço não acredita, realmente, e contrariamente ao que afirmou publicamente, naquela reunião descentralizada de Penso, que a senhora Vereadora da Coligação, que teve a iniciativa de apresentar a proposta da publicidade total das reuniões camarárias, o fez porque tem algum tipo de receio ou de insegurança em ficar fechada entre portas com os demais elementos do executivo. Haveria razões para isso? Os senhores Vereadores tem de ter receio ou medo do quê ou de quem? Achará o senhor Presidente que tal tem impedido os vereadores da Coligação de intervir, questionar, interpelar, e de exercer, normalmente, os mandatos que lhe foram democrática e legitimamente confiados aquando das últimas eleições autárquicas?

Relembra-se que o antecessor do atual senhor Presidente da Câmara, Comendador Rui Solheiro, nunca teve problemas em franquear ao público todas as reuniões do executivo camarário, sem exceção.

O executivo camarário atual, sob a liderança do senhor Presidente Manoel Batista Calçada pombal, também neste particular continua a pugnar pelo cumprimento de serviços mínimos. É que o artigo 49º, nº 2, da Lei nº 75/2013, de 12 de Setembro (Regime Jurídico das Autarquias Locais) obriga a que pelo menos uma reunião por mês seja aberta ao público, e o executivo PS não quer ir além daquilo a que a lei o obriga.

Convidado, na última Assembleia Municipal, a responder ou a esclarecer o porquê de nas demais reuniões da Câmara (que não a última de cada mês) um qualquer deputado municipal, ou um qualquer Melgacense, não poder assistir, o senhor Presidente preferiu contornar a questão que lhe havia sido posta, não lhe respondendo, de facto.

Resta-nos dizer que muito lamentamos, e ficamos tristes, por os Melgacenses não poderem manter-se, e com regularidade, informados sobre a vida e a atividade política no concelho, e poderem participar, de uma forma ativa e plena, nela.

Não se pode, de facto, ter uma determinada retórica e depois, na prática, fazer-se o contrário daquilo que se diz.

(*P'la Coligação, o deputado municipal, José Albano Esteves Domingues*)

# A Agonia do Interior do País

É chocante ver o estado de abandono a que foram votadas aldeias e povoações do interior, onde ainda há poucas décadas se viam cafés, bares e restaurantes apinhados de gente, Portugal não deve a sua unidade à geografia mas à obra humana, como bem acentuou Orlando Ribeiro, na primeira metade do século XX, quando explicou que Portugal é um território de contrastes, "bem engastado numa península que é como um continente". Segundo as palavras do geógrafo, o território português tem tudo para ser política e culturalmente muito dividido e fragmentado. O norte possui características atlânticas e foi sempre muito mais povoado. O sul é mais mediterrânico e menos habitado. Porém, um novo contraste tem-se acentuado nos últimos tempos e novamente mais por razões humanas do que geográficas. É o país habitado e o país desertificado. É a divisão do país que está no centro das atenções e o outro que se afirma pela tragédia que abate as suas gentes. É onde está o poder e o esquecido por todos os poderes. Basta percorrer o interior para perceber a agonia das povoações mais afastadas das grandes cidades do litoral. Choca encontrar cafés vazios, casas comerciais fechadas por falta de clientes e grande parte das casas



mostra janelas trancadas e é preciso esperar pela hora da missa para ver algumas pessoas a saírem da igreja. Ainda há poucos anos, vilas do interior apresentavam um dinamismo interessante e agora é impossível encontrar um restaurante aberto ao fim de semana por falta de gente. Recordo ir a Mogadouro, Trás os Montes, aqui há uns anos na época natalícia e encontrar centenas de pessoas em volta de uma fogueira a festejarem a Consoada. Voltei de novo ao mesmo ritual da fogueira e só eramos cerca de uma dezena. Os mais velhos estavam enclausurados em lares. Os novos já não existem por ali ou perderam os laços familiares que os prendiam ao local. Este êxodo aumentou ultimamente quando o interior ficou mais próximo do litoral, mercê das autoestradas o que motivou ser mais fácil sair de lá. Ape-

sar dos discursos eleitoralistas e da grande retórica dos políticos pouco ou nada se tem feito para fixar as pessoas no interior, dar-lhes qualidade de vida e vantagens para as empresas investirem e criarem emprego. O governo é quem mais tem contribuído para o abandono do interior com o encerramento de escolas, de hospitais e postos médicos, guarda florestal, guarda rios, de cantoneiros, guarda fiscal, alfândega, marinha, serviços dos CTT, Caixa Geral de Depósitos, postos de turismo, tribunais judiciais, finanças, etc. A unidade do país deve ser um desígnio nacional. Todos sem exceção devem ter direito a iguais tratamentos conferidos ao comum dos cidadãos. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Fevereiro 2018  
Abílio Francisco Conde

# Frei Gualdêncio de Santa Maria

## CAPÍTULO II

Urzeiras era uma pequena aldeia situada à volta do convento, lugar humilde onde os moradores não tinham qualquer instrução a não ser a que a vida lhes ensinava, viviam sobre os ditames da igreja, porém, confundindo os ensinamentos ou interpretando à sua maneira. Mas, como sempre acontece, algum mais aquinhoado da vida, ou seja, de maiores bens, por ganância não atendiam ao primeiro item das Obras de Misericórdia, "dar de comer a quem tem fome". Uma mulher que ficara viúva e sem filhos, possuidora de muitos bens era por demais gananciosa e sovina. No entanto uma outra mulher, humílima, já idosa e também viúva, repartia tudo o que tinha com os que nada têm. O único bem que guardava para si foi uma galinha que mantinha no quintal e lhe dava ovos que com hortaliças fazia suas refeições. Esta humilde mulher sofria de artrose nos joelhos, piorou quase não podendo andar. Frei Gualdêncio,

pois era assim que o povo o chamava por achar que vivendo no convento era frade, visitou a mulherzinha quase entravada, para lhe minorar o sofrimento com seus conselhos e orações. Naquele dia recomendou-lhe muita paciência e que oferecesse a Deus o que de mais valioso tinha na vida. Estava referindo-se à alma, mas a mulherzinha não entendeu isso. Aquela outra mulher gananciosa e invejosa também visitou a "tia" Zulmira o que fazia regularmente para se vangloriar de sua riqueza. A humilde vizinha contou à Dona Engrácia, a opulenta, o que Frei Gualdêncio lhe recomendou para minorar as dores nos joelhos. Disse que oferecera a Deus Pai o mais valioso que tinha, a galinha. Ia fazer uma refeição e convidar Deus. A invejosa logo pensou em suplantar aquela coitada, iria fazer um banquete com peru e também convidar Deus. A tia Zulmira, a custo e pesarosa por ficar sem galinha mas satisfeita com a intenção, cozinhou a galinha em pedaços com feijões verdes que tinha no quintal. Foi na igreja e

contritamente de joelhos mesmo doloridos e fez o convite. A rica fez a mesma coisa. Pouco depois já em sua casa bateram-lhe à porta três velhinhas pedintes que estavam com fome e imploravam alguma coisa para comerem. A agiota vociferou, seus vagabundos, cheirou-vos não foi? Não é para vós! Saiam logo daqui antes que lhe vote os cães. Os anciões retiraram-se e foram bater na porta da tia Zulmira. A humilde e dolorida mulher, condoída, meditou: se eu der três pedaços de galinha ainda vai sobrar bastante para Deus Nosso Senhor. Ofereceu a cada, um pedaço que saborearam alegres. Como Deus demorasse para a refeição, foi na igreja e reforçou o convite; uma voz que ela não sabia donde vinha falou: "Vai em paz minha filha, já estiveram em tua casa o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Quando contou a Frei Gualdêncio, este acreditou! Nem sequer cogitou que poderia ser delírio ou sonho da humilde mulher.

[continua]

M. Félix Igrejas

# PASSATEMPO

## PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

**Horizontais:** 1. Migalha, maravilha; 2. Narrador; 3. Perfume, verbal; 4. Ponta extrema, raer, víscera dupla; 5. Ave rapina, extensa; 6. Imagem pintada ou esculpida; 7. Cingir, escassa; 8. Abismo, vivacidade, defeito; 9. Doido, naquele lugar; 10. Padecer; 11. Aemblante, desejar.  
**Verticais:** 1. Alocução, apreciar; 2. Acautelar; 3. Irascível, lavoura; 4. Numeral, gracejar, prender; 5. Levantar, estiagem; 6. Amua; 7. Comediante, margem do rio; 8. estabelecer, compreender; 10. dezenas; 9. Mentira, fruto silvestre; 10. Costa; 11. Campeão, pedra de moinho.

## SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras escrever em qualquer sentido a frase:

**"Este mundo é uma bola, quem anda nele é que se amola"**

I	E	J	L	U	M	A	M	N	E
A	B	C	D	E	F	G	O	S	S
H	A	L	O	M	A	H	Q	T	T
G	M	U	N	D	O	I	U	Q	E
K	M	N	O	P	C	J	E	R	T
Q	R	Q	U	E	D	L	M	S	E
A	S	F	A	B	E	D	U	T	V
L	T	E	L	E	N	E	S	E	X
O	A	B	H	G	M	F	O	P	Z
B	C	J	I	L	N	A	D	N	A

## CHARADAS

### Combinadas

- \_\_\_ + RA = Semblante
- \_\_\_ + CA = Espécie
- \_\_\_ + SA = Poesia
- \_\_\_ + CA = Furna

Conceito: Serra portuguesa.

### Quadrado


- = Certa doença dos cereais
- = Esperteza
- = Cheiro
- = Explorar
- = Leque

## PROBLEMA

No tracejado indicar nomes de serras de Portugal

___ V ___	___ M ___
___ I ___	__ E ___
___ S ___	__ L ___
___ I ___	__ G ___
___ T ___	___ A ___
___ E ___	___ C ___
___ M ___	___ O ___

Colaboração: Alcídio da Silva Figueiredo, Porto

**PROBLEMA**  
Chaves - Espinho - Esposende - Matosinhos - Amaranite - Lamego  
Fremunde - Almada - Oeiras - Olhão - Guarda - Tabuço  
Barcelos - Covilhã

**CHARADAS Combinadas:** CA+RA+M+U+L+O = CARAMULO

**Quadrado:** Acaema - Coral - Aroma - Mamar - Alara

11	C	A	R	A	A	M	A	R	A
10	R	D	E	C	E	D	E	R	R
9	O	R	A	T	E	A	C	O	L
8	M	A	S	A	L	M	A	S	
7	A	T	A	R	N	R	A	R	A
6	A	I	C	O	N	E	O		
5	A	C	O	R	M	L	A	T	O
4	L	E	S	R	E	R	R	I	M
3	A	R	O	M	A	O	R	A	L
2	F	R	E	L	A	T	O	R	S
1	M	I	C	A	A	P	A	R	A

**SOLUÇÕES**

# Viagem a Cuba Colonial

## Trinidad - 26 de Agosto de 2017

Trinidad é a cidade a 12km de distância da praia Ancón, costa sul de Cuba, onde se situa o complexo turístico Brisas Trinidad del Mar, que nos recebeu durante três dias. Tem aproximadamente 53 mil habitantes, e pertence à província de Sancti Spiritus, a uma distância aproximada de 18 km a norte da verdejante e formosa serra de Escambray.

Trinidad e Sancti Spiritus guardam, quase intacto, o seu legado colonial, talvez o mais valioso de Cuba. Mas o estado de "conservação" de Trinidad transpõe as fronteiras da Ilha, e colocam-na ao lado das cidades coloniais em melhor estado de preservação do continente americano. Celebraram, em 2014, os seus quinhentos anos, e puderam sentir, nessa altura, o conforto do restauro concedido a algumas das suas principais edificações públicas.

No autocarro para Trinidad, a guia dava-nos a conhecer o trabalho, os sonhos e os reveses daqueles que fizeram a cidade intemporal, ou seja, revelava a sua história. Entretanto, do lado este, a beleza singular da serra de Escambray alongava-se aos nossos olhos.

A Cidade saiu então do punhado de *Villas* fundadas por Diego Velázquez de Cuélar, em 1514, com o nome «Villa de la Santíssima Trinidad».

Quatro anos passados, viu-se quase desabitada, sem os seus nativos, taínos. É que a conquista do México levou-os como mercenários para essa empresa. Restou um grupo, que ali se manteve, por mais de meio século, a explorar a agricultura e a criação de gado para subsistência.

As circunstâncias económicas do século XVII, sentidas particularmente nas deficientes vias de comunicação, isolaram-na das autoridades centrais de Havana. Esta realidade transformou-a numa «aldeia pequena e atrasada». As consequências foram nocivas: piratas e contrabandistas

transformaram-na num reduto de comércio ilegal de escravos com a Jamaica, dominada, à época, pela Grã-Bretanha.

Mas no dealbar do século XIX, Trinidad florescia ao passar a capital do Departamento Central, e ao acolher refugiados franceses que, fugindo à revolta de escravos no Haiti, criaram pequenos centros açucareiros próximo do «Valle de los Ingenios» a 8 km a este. Vem a propósito lembrar que este Valle é hoje Património Mundial da Unesco. Em meados do século XIX, estes centros chegaram a produzir um terço do açúcar da Ilha.

Entretanto de 1868 a 1878, abriu-se em Cuba a guerra da independência. O fogo e os combates destruíram as plantações de açúcar e os moinhos, de tal modo que a indústria se ressentiu, não sendo possível a sua total recuperação.

Enfim, nos finais do século XIX, Trinidad mergulhou numa enorme queda económica, quando o comércio do açúcar se transferiu para as províncias de Cienfuegos e Matanzas.

Em 1950, o presidente Fulgêncio Batista aprovou uma lei que legitimou o valor histórico da Cidade. Ora a medida teve grande repercussão no turismo, de tal modo que, volvidos cinco anos, foi declarada Monumento Nacional.

Chegámos a Trinidad. Encontrámos uma Cidade tipicamente colonial! No alto, a Igreja Paroquial da Santíssima Trindade, firme, domina a Praça Maior. A sua existência é anterior ao ano de 1892. Sendo esta data a da sua reconstrução sobre o remanescente de um templo anterior, o qual fora destruído por um temporal. A peça mais importante é Cristo da Vera Cruz de 1713. Foi nesta Igreja que, em comunidade, os sacerdotes celebraram a missa de Domingo.

A Praça Maior é o centro do casco histórico. Todas as ruas vão dar à Praça. De frente da Igreja, surpreende um jardim com palmeiras reais, cercado de grades brancas; sobre os pilares das entradas há vasos de cerâmica policromada. É uma Praça *sui generis*.

Circulando para noroeste da Praça, com olhos curiosos, entrámos no Museu de Arqueologia,



restaurado em 2014, mas é bastante pobre de conteúdo. Achámos incongruente o mobiliário de cozinha do século XIX que lá se encontra!

Prosseguimos as visitas a pensar no que o Museu Histórico Municipal teria para nos contar. Perto da Praça Maior, este belíssimo edifício pertenceu à família Borrell, nos inícios do século XIX. Depois passou a propriedade de um alemão Kanter, o Cantero, sendo ainda conhecido pela Casa Cantero. Conta-se que este abastado proprietário de fazendas de açúcar o adquiriu ilicitamente, recorrendo ao homicídio por envenenamento de um traficante de escravos. Depois casou com a mulher deste. A decoração das salas de estilo neoclássico não desmerece outras do mesmo género, em qualquer parte. Para vermos ruas direitas ou um pouco sinuosas, telhados entre telhados de telha portuguesa, subimos uma escada de forma espiral até

ao seu miradouro.

Chegara enfim a hora de apreciar o *Canchanchara*, *cocktail* típico, feito com rum, mel, limão e água no famoso bar «La Canchanchara». Bebeu-se fora da taberna, na varanda, ao som de música ao vivo. Lá delicioso era, os efeitos, se continuados, podiam atordoar.

Confortados fomos para o restaurante. Casa agradável, de azulejos nos rodapés das paredes, mesas separadas, e de serviço muito bom.

No fim do almoço, passeámos livremente pelas ruas da Cidade. Espantados, víamos pessoas sentadas à porta das casas; um armazém, donde o Estado distribuiu às pessoas, mediante a apresentação de uma caderneta para ser carimbada, uma cesta de alimentação; crianças a brincar calmamente nas ruas calcetadas, esburacadas, molhadas, até, de possíveis despejos. Não há bulício a não ser o bater dos cascos dos cavalos ou

burros das carroças; ou a buzina de uma ou de outra bicicleta. Os automóveis são poucos e geralmente antigos como os de Havana.

Os edifícios alinhados ao longo das ruas exibem quase intactas as fachadas. Surpreendem as grades de ferro, quase todas de cor branca, nas longas e rasgadas janelas. Protegem-nas de possíveis assaltos e do calor, permitindo simultaneamente o arejamento. No cimo, pequenas grades ornamentadas e formam desenhos, talvez por influência da alta-costura italiana e francesa, divulgada na altura. O artesanato, muito variado, mostrava a sua autenticidade. Nos bonecos de madeira decifrávamos a essência da música e da dança cubana.

Com estas referências, regressámos ao autocarro a lembrar a Cidade pacata, livre de arranha-céus, mas Património Mundial da Unesco desde 1988.

M. Nadalete da C. Lopes.

# A Homilia faz parte da liturgia

Na Audiência Geral de 7 de Fevereiro, a 9ª que dedicou já à explicação das várias partes da Santa Missa, o Papa Francisco insistiu na importância da Homilia para que o Evangelho, em que Cristo é sempre o centro, possa fazer ressoar a sua eficaz palavra. No Evangelho, é Cristo que nos fala. Por isso, devemos estar especialmente atentos, como o sugerem os gestos com que acolhemos a sua proclamação e a ela respondemos. Baste pensar que começamos por o aclamar e escutar de pé, já que nele se dá um colóquio directo: é o próprio Senhor que nos fala.

«Na Missa, não se lê o Evangelho para saber como decorreram as coisas. Escutamos o Evangelho para tomar consciência daquilo que Jesus fez e disse outrora. E aquela Palavra é viva. Sim, a palavra de Jesus que está no Evangelho é viva e quer chegar ao meu coração. Por isso é que é tão importante escutar o Evangelho, com um coração aberto, porque é Palavra viva». Francisco cita santo Agostinho: "... a boca de Cristo é o Evangelho. Ele reina no céu, mas não cessa de falar na terra". Por isso, se é verdade que, na liturgia, Cristo anuncia ainda o Evangelho, segue-se que, participando na Missa, devemos dar-lhe uma resposta. «Nós escutamos o evangelho e devemos dar-lhe uma resposta na nossa vida».

Para que a sua mensagem chegue às pessoas, Cristo serve-se também da palavra do sacerdote que, depois do Evangelho, profere a homilia, como tão vivamente foi recomendado pelo Vaticano II, enfatizando que ela faz parte da própria liturgia. «A homilia não é um discurso de cir-

cunstância – nem sequer uma catequese como aquela que estou a fazer agora, disse o Papa –; nem é uma conferência, muito menos uma lição. A homilia é uma outra coisa: “é um retomar aquele diálogo que já foi aberto pelo Senhor entre Ele e o seu povo, a fim de ter realização na vida”. Porque a verdadeira exegese do evangelho é a nossa vida, se for uma vida santa. A Palavra do Senhor termina o seu curso fazendo-se carne em nós, traduzindo-se em obras, como aconteceu com Maria e os santos... A Palavra do Senhor entra pelos ouvidos, chega ao coração e chega às mãos, realizando as boas obras». A homilia deve seguir também este percurso para nos ajudar, a fim que a Palavra do Senhor chegue às nossas mãos, passando pelo coração.

Assim entendida a homilia, os que a proferem: sacerdotes, diáconos, bispos, devem esforçar-se ao máximo para que ela seja um serviço a todos quantos participam na missa, embora estes também devam fazer a sua parte, antes de mais prestando a devida atenção, assumindo as disposições interiores mais ajustadas, não esperando apenas a satisfação das próprias pretensões e não exigindo a perfeição, pois todo o pregador tem as suas limitações. Que não sejam os preconceitos a barrar a escuta da Palavra do pregador, que deve sempre ter plena consciência de que não está a fazer uma coisa que depende apenas de si, mas está a pregar, a dar voz a Jesus, está a pregar a palavra de Jesus. Naturalmente que a homilia deve ser bem preparada e deve ser breve.

A homilia prepara-se com a oração, com o estudo da Palavra

de Deus e fazendo uma síntese clara e breve, que, quanto possível, não ultrapasse os 10 minutos.

James Mallon, na obra já citada em textos anteriores sobre a renovação das paróquias, aborda este tema como um dos que são distintivos de uma paróquia que quer realmente ser uma paróquia missionária. Tem presentes as observações que o Papa Francisco fez na “Alegría do Evangelho”, e lembra que já São Paulo afirma que «a fé nasce da mensagem que se escuta, e a escuta diz respeito à Palavra de Cristo» (Rom 10, 17). É a escuta e a aceitação da Palavra que leva à obediência da fé. Ou seja, o chamamento à fé faz-se por meio da proclamação da Palavra de Deus. A palavra “obediência”, em grego, significa literalmente “estar submetido à escuta”.

Acontece que, na Igreja Católica, a sólida pregação bíblica não foi uma característica forte, nem o é, mesmo nos nossos dias. E cinquenta anos após o Concílio Vaticano II, continua a haver problemas à hora de implementar as claras directivas emanadas dos padres conciliares quanto ao estudo e aprofundamento da Palavra de Deus. Por isso não é de estranhar que haja muitas homilias que se reduzem a um moralismo de circunstância, em que a Palavra de Deus, nem pretexto é do que se diz na homilia. Quando assim acontece, subverte-se a mais importante das indicações sobre os pontos básicos a que deve obedecer uma homilia tal como a Igreja, hoje, a propõe.

Continuaremos, querendo Deus.

Carlos Nuno

# Rotas da Seda (I)

As rotas das caravanas através da Ásia entre o Extremo Oriente e vários outros países até atingirem a Europa constituía uma rede de percursos comerciais que já aparece referida a partir de 130 AC, quando o Imperador Han abriu a rota comercial da seda que se desenvolveu rapidamente entre 202 AC e 220 DC e se manteve até 1453 quando o Império Otomano boicotou o comércio com o Ocidente e fechou todas as rotas.

Deve-se ao viajante alemão Ferdinand von Richthofen, a designação das rotas das caravanas entre o Oriente e o Ocidente por ‘Seidens-trasse’ (Rota da Seda) ou ‘Seidens-trassen’ (Rotas da Seda), em 1877 talvez por a seda ter sido um dos produtos comercializados de maior valor e procura.

## Uma lagarta e o seu fio de seda

Descobrir como a seda se tornou num dos bens mais cobiçados e valiosos do mundo antigo torna-se fascinante, pela sua influência na descoberta intercultural. Abriu caminhos de natureza geográfica entre povos e civilizações de uma forma surpreendente.

Um povo como o chinês, com a sua proverbial paciência e persistência, conseguiu desmanchar os casulos e tecer esses fios finíssimos, quase impalpáveis, transformando-os num tecido muito belo e leve, a verdadeira seda, quase inacreditável na sua textura levíssima, um mistério de sedução e requinte a que os chineses chamavam *si* e os romanos *serica*.

Quando a seda apareceu em Roma, através dos Partos, tornou-se uma sedução e um mistério para os romanos, que ignoravam tudo sobre o seu longínquo e desconhecido país de onde provinha.

A beleza da seda e o mistério da sua origem fascinaram os romanos! Tornou-se o primeiro produto de troca entre uma China mítica, completamente desconhecida, e o Ocidente, o que aumentava a sedução e prestígio da seda e, por consequência, o seu valor comercial: tornou-se um produto de luxo.

Os romanos, após a conquista da Síria em 64 AC, entraram em contacto e estabeleceram uma relação com o poderoso e extenso Império Parto, sendo os partos que detinham então, em exclusividade, o comércio das caravanas desde uma longínqua e desconhecida Ásia Central até às fronteiras da actual Europa.

Nesta época Roma, já em declínio, descobriu a maravilhosa e misteriosa seda começa a exibí-la e a usá-la como um produto de requinte, tornado indispensável para ocultar ou fazer esquecer a decadência do Império Romano que já se presentia. Tornaram-se uma loucura os gastos dos romanos em sedas. Chegou a haver Decretos do Senado e declarações de figuras notáveis da

época, como Plínio e Séneca, a oporem-se e a querer travar, mas sem resultado, esse impulso de gastos e luxos inebriantes e ilusórios em que as sedas predominavam.

## Património da Humanidade

A Unesco classificou as Rotas da Seda como Património da Humanidade pela influência exercida no relacionamento e interacção entre ideias e culturas, entre povos e civilizações, ao longo de muitos séculos. Não só a troca de mercadorias, mas de costumes e sabedorias que contribuíram para a modulação do mundo actual.<sup>1</sup>

As históricas rotas eram não só terrestres como marítimas, especialmente no Oceano Índico, com percursos diversos.

## A nossa Rota: de Bucara a Xian

O nosso percurso iniciou-se em Bucara, no Uzbequistão, atravessamos o Quirguistão, e entramos na China, que enquadrava a maior parte do percurso, e onde o comboio foi uma nova experiência, terminando a viagem em Xian, que foi a capital da China durante cerca de mil anos e o ponto fulcral de irradiação da Rota da Seda.

## Uzbequistão

Para obter o visto de entrada no fascinante Uzbequistão temos de receber uma carta convite a partir deste país e só depois poderemos pedir o visto. Como não há embaixada em Portugal esse visto terá de ser concedido pela embaixada do Uzbequistão em Paris e, dadas as circunstâncias, recorri aos serviços de uma agência de vistos que procedeu aos contactos necessários. Vale a pena o trabalho porque o país e os seus habitantes deixam-nos uma enorme vontade de voltar.

Embora seja um destino pouco habitual, este país da Ásia Central maioritariamente desértico, de estepes e camelos, contem cidades marcantes pela sua beleza monumental e valor histórico, de que podemos destacar Bucara, com grandes tradições de ensino, Samarcanda, a mais antiga cidade de referência da Rota da Seda, e ainda Khiva, mais a Norte, com um centro histórico dentro de muralhas especialmente bem preservado.

Um povo muito afável e sorridente, fazia-nos lembrar o povo

<sup>1</sup> O site “UNESCO Silk Road Online Platform” pretende actualizar toda esta riqueza em consonância com a acção a desenvolver na década “2013-2022 International Decade for the Rapprochement of Cultures” num esforço de promover a compreensão internacional e um criar de pontes, favorecendo a Paz.

Continua na pág. seguinte

# Alemanha recompõe-se Itália lançada na tempestade perfeita

**66% dos militantes do Partido Social Democrata (SPD) alemão votaram favoravelmente a coligação com o partido de Angela Merkel, pelo que, dentro de dias, como acordado antes, haverá novo governo, passados 6 meses das eleições. Isto mostra bem em que estado está a ficar a Europa.**

**Face ao sucedido nas eleições de 3 de Março na Itália, segundo uma nova lei e princípios, combinando proporcionalidade de Hondt e círculos uninominais com peso de 30%, apesar da elevada votação – 74% - os resultados não permitem a formação de um governo minimamente consistente. Nem se vê como conseguir uma espécie de geringonça à portuguesa que não possa ameaçar a Europa.**

Preocupante é que os partidos eurocéticos tenham atingido algo mais de 50%, coisa que não aconteceu em Portugal, onde tais desideratos são minoritários.

O grande vencedor da noite, com mais de 30%, foi o Movimento 5 Estrelas (M5S) dirigido pelo jovem Luigi di Maio. À direita, um duplo desencanto: os resultados da coligação ficam bem longe dos almejados 40%, em pouco excedendo os 30% de Di Maio, e a Lega Nord, eurocética, teve mais votos que o partido de Berlusconi, Forza Italia.

Nas mãos do Presidente da República, Sergio Mattarella, recai o encargo de encontrar a melhor solução possível de governo, sem excluir a nomeação de um personagem independente que possa ajudar a serenar os ânimos entre os partidos e avançar para um governo de

coligação que não seja hostil à Europa, pondo a economia italiana em grave crise e agravando os sintomas de forte doença por que está a passar a Europa.

Ao ter desprezado os valores humanistas e cristãos que cimentaram a fundação da Comunidade Europeia que veio a desenvolver-se até ao que temos hoje, a Europa não tem aquela força proveniente das convicções humanistas que permite sacrificar-se em favor dos mais débeis. Por isso crescem os egoísmos nacionais bem patentes nos vários nacionalismos. A refundação da Europa que tantos clamam, só terá êxito de uma pléiade de homens de prestígio ajudar a reencontrar o caminho do verdadeiro humanismo cimentado nos valores cristãos.

# Rotas da Seda (I)

Continuação da pág. anterior

iraniano pela sua atitude acolhedora mas aqui as mulheres não tapam a cabeça com lenços e usam belos vestidos coloridos, com bordados tradicionais, confeccionados pelas próprias. A sensação geral de segurança é muito confortável. As fronteiras são com países que desconhecemos e cujos nomes nos confundem: Afeganistão, Cazaquistão, Quirquístão, Turcomenistão e Tajiquistão. Quanto mundo desconhecemos!

O voo de entrada foi por Tashkent, a capital, a única cidade da Ásia Central com metro, mas nem saímos do aeroporto porque um voo interno nos levou directos a Bukara, onde iniciamos a nossa rota.

## Bucara, a Rival de Bagdad

Bucara rivalizava com Bagdad como capital cultural do mundo islâmico. Cidade muito interessante, em 1993 o seu centro histórico foi declarado Património Cultural da Humanidade pela Unesco.

Uma das impressões que perdura desta cidade, e não só, são as imagens das cúpulas azuis, redondas, lindíssimas, das inúmeras madraças, designação esta das escolas corânicas, pois Bucara foi um famoso centro de ensino durante vários séculos

A esta cidade está ligado ao nome de Avicena, persa, que nasceu perto de Bukara, cerca de 980 e aqui frequentou a Universidade. Um polímata, considerado filósofo, mas com conhecimentos em muitas áreas do saber, incluindo a medicina, que cultivou de tal modo que muito influenciou o ensino médico em grandes universidades europeias. O seu *Cânone de Medicina*, com cerca de um milhão de palavras, foi traduzido posteriormente, no século XIII, para o latim, por Gerardo de Cremona e posteriormente impresso e reimpresso por toda a Europa. Depois de Avicena e até ao século XVIII, todo o trabalho farmacêutico na matéria médica foi influenciado pelo seu trabalho. Foi o livro de estudo adoptado nas universidades de Montpellier e Lovaina até 1650. Ficou conhecido como o príncipe dos médicos, pelo esse seu *Cânone*.

## Bucara pela Janela das Fotos

Ao escolher algumas fotografias para sentirmos um pouco a beleza da cidade e das vivências dos uzbeques é muito difícil porque transmitem pouco do que sentimos e vivemos.

Destaco esta madraça lindíssima (fig. 1) com várias cúpulas, irresistível na sua beleza, embora a ainda hoje principal escola corânica de Bukara (fig. 2) seja um belo edifício, com as duas inconfundíveis



Fig. 1. Principal escola corânica de Bukara



Fig. 4. Os chapéus são uma sinfonia de cores...inconfundíveis e supercriativos



Fig. 6. Entramos neste pátio aberto pelo som das trombetas, compridíssimas, afinal a anunciar uma boda!

veis torres redondas sob as cúpulas sempre azuis que nos magnetizam o olhar, e um dos mais interessantes monumentos da cidade. Construída no século XVI é ainda hoje aqui que os imãs e futuros mentores recebem a sua educação.

Os bordados decorativos, usados no dia a dia, em almofadas, cobertas e tapetes ornamentais de parede são lindíssimos (fig. 3). Destacam-se os vestidos das mulheres feitos pelas próprias com tecidos muito bonitos (fig. 5), sem falar nos chapéus profusamente coloridos (fig. 4).

Aconteceu-nos uma experiência muito engraçada e inesquecível. Ao

deambular pelas ruas ouvimos um som de trombetas que vinha de um pátio aberto no meio de casas. Aproximamo-nos e logo nos convidaram a entrar. As trombetas eram enormes, (Fig. 6) e muitas senhoras ouviam, sentadas em bancos de pedra junto às paredes, olhavam para nós sorrindo curiosas, mas muito bem vestidas com coloridos trajes. Como paramos a ver uma ou duas senhoras levantaram-se e vieram nos convidar para começar a dançar com elas ao som da música (Fig. 7). Correspondemos logo e outras se juntaram: foi uma festa. A certa altura uma outra senhora começou a distribuir pelas dançarinas notas de



Fig. 2. Linda esta madraça... O azul esverdeado contrasta com o céu



Fig. 3. Bordados cheios de cor para decoração de paredes e uso corrente



Fig. 5. Belezas de Samarkanda: mãe e filha...



Fig. 7. E não é que aceitamos o convite para dançar? Estas senhoras nos convidaram e o pátio ficou cheio de animação!

100 soms (a moeda uzbeque). Hesi-tei mas achei indelicado não aceitar como todas as outras locais. Feitas as contas, a nota só valia um cêntimo de Euro, porque a moeda deste país é a menos valiosa do mundo quando se trata de câmbios. Os pagamentos são sempre uma confusão porque as notas são tantas que nem sabemos onde as meter.

Por fim quando a música parou soubemos que se tratava de festejos preparatórios de um casamento e imaginem... fomos todos convidados!

Com muita pena não era possível aceitar porque o nosso calendário de longas deslocações, desta

vez por terra, era uma estrada bem longa com várias horas de percurso! Mas a memória destes momentos não se apagará...

M. J. Lobo, Março 2018



Uma linda criança uzbeque a tomar conta da venda